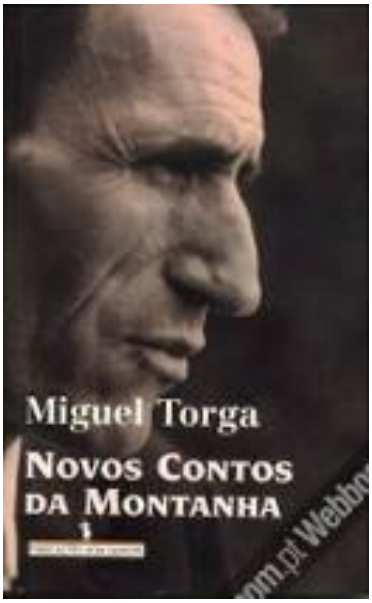
# Miguel Torga

# Novos Contos da Montanha



12ª Edição

Coimbra

## Prefácio à Terceira Edição

Leitor amigo :

Aqui te apresento, o mais discretamente possível, a terceira edição deste livro. Almas penadas dum Portugal nuclear, todas as personagens dele ardem nas suas páginas como nas labaredas simbólicas de qualquer nicho dos caminhos. Por isso, de mãos erguidas, imploram de quem passa o piedoso silêncio que preceda um acto de respeito e de compreensão. Respeito pela sua medida, que é humana, e compreensão pelos trâmites das suas acções, que foram terrenas.

Dou eu, pois, o exemplo, e digo-te em duas palavras que se fez mais uma reprodução do painel, acrescentado apenas de algumas figuras que lhe faltavam, e retocado aqui e além, onde a tinta estava a cair.

Painel tosco e montanhês, como sabes. Mas nosso, quer queiramos, quer não, e dos outros, também, quando a curiosidade dos outros der a volta ao mundo.

Então, embora, sorriam da ingénua pintura do artista, hão-de certamente render-se à penitente grandeza destes irmãos serranos, que se purificam com sofrimento universal num purgatório de chamas transmontanas.

*Miguel Torga*
Coimbra, Setembro de 1952.

## Prefácio à Quinta Edição

Acrescentado e com bastantes remendos na vestimenta já várias vezes remendada, sai novamente impresso este livro, mais feliz do que o seu irmão gémeo Contos da Montanha, desterrado no Brasil. De origem modesta, contra tudo o que era de esperar, a sorte tem-no bafejado. Vai sendo lido e reproduzido, sinais certos de que vive e caminha. Razões? Talvez a evidência de se não tratar de uma mera celebração literária para iniciados, mas dum sincero esforço de comunhão universal. Desde rapaz que defendo uma arte o mais pura possível nos meios e o mais larga possível nos fins. Uma super-realidade da realidade, onde todos os homens se encontrem, quer sejam intelectuais quer não. Daí que no meu espírito tenha igual peso o juízo dos leigos e o dos ungidos, e me console tanto o aplauso dos simples como o dos complicados. Só quando uns e outros se juntam na mesma curiosidade pelo que escrevo sinto uma relativa paz de consciência e alguma certeza. É menos cruciante o medo de me perder nas malhas dum ritual esotérico. No caso presente, parece que, de facto, tal não sucedeu. A missa é campal, aberta a todos os horizontes. E quem a reza é um pobre cristão que soletra humildemente, em nome dos irmãos penitentes, o seu tosco latim.

O que até se vê na própria maceração destes sucessivos intróitos...

S. Martinho de Anta,
Natal de 1966

## O Alma-Grande

Riba Dal é terra de judeus. Baldadamente, pelo ano fora, o Padre João benze, perdoa, baptiza e ensina o catecismo por perguntas e respostas.

- Quem é Deus?

- É um Ser todo poderoso, criador do Céu e da Terra.

Na destreza com que se desenvencilham do interrogatório, não há quem possa desconfiar que por detrás da sagrada cartilha está plantado em sangue o Pentateuco. Mas está. E à hora da morte, quando a um homem tanto lhe importa a Thora como os Evangelhos, antes que o abade venha dar os últimos retoques à pureza da ovelha, e receba da língua moribunda e cobarde a confissão daquele segredo - abafador.

Desses servos de Moisés, encarregados de abreviar as penas deste mundo e salvar a honra do convento, o maior de que há memória é o Alma-Grande.

Alto, mal encarado, de nariz adunco, vivia no Destelhado, uma rua onde mora ainda o vento galego, a assobiar sem descanso o ano inteiro. Quem vinha chamar aquele pai da morte já sabia que tinha de subir pela encosta acima a lutar como um barco num mar encapelado.

- Raios partam o vento! Mas quê! Do mesmo modo que o Alma-Grande era certo na casa da esquina, sempre ao borralho, era certo o bafo da Sanábria a varrer a ladeira.

Diante da casa, bastava gritar-lhe o nome.

- Tio Alma-Grande! ó Tio Alma-Grande!

Lá vai... Daí a nada a tenaz das suas mãos e o peso do seu joelho passavam guia ao moribundo.

Entrava, atravessava impávido e silencioso a multidão que há três dias, na sala, esperava impaciente o último alento do agonizante, metia-se pelo quarto dentro, fechava a porta, e pouco depois saia com uma paz no rosto pelo menos igual à que tinha deixado ao morto. Os de fora olhavam-no ao mesmo tempo com terror e gratidão. Às vezes, uma voz ou outra, depois do pesadelo, levantava-se do fundo da consciência e protestava; mas no dia seguinte acontecia ser essa mesma voz que no alto do Destelhado, sobrepondo-se à força do vento, o reclamava.

- Tio Alma-Grande! ó Tio Alma-Grande!

- Lá vai...

E aparecia à porta logo a seguir. Quando a hora do Isaac chegou, foi um filho, o Abel, que trepou a ladeira. O garoto vinha excitado, do movimento desusado de casa, da maneira estranha como a mãe o mandara chamar o Tio Alma-Grande, e da ventania.

- Que tem o teu pai, rapaz?

O pequeno olhou fixamente a cara seca do abafador.

- Febre...

- Bem, vamos então lá...

- E que é que o Tio Alma-Grande lhe vai fazer?

- Vê-lo...

Pela rua abaixo só o vento falava. Rouco de tanto bradar, monocórdico, persistente, era nele que tinha expressão a intimidade de ambos: um, o pequeno, nervoso, inquieto, a braços com pressentimentos confusos, que se recusavam a sair-lhe do pensamento; o outro, o velho, a aceitar aquele destino de abreviar a morte como um rio aceita o seu movimento.

Em casa havia lágrimas desde a soleira da porta. Mas a entrada do Alma-Grande secou tudo. Atrás dos seus passos lentos e pesados pelo corredor ficava uma angústia calada, com a respiração suspensa.

- O que é que ele lhe vai fazer? - perguntou de novo o Abel, agora à mãe, quando a porta do quarto se fechou.

A Lia respondeu ao filho com duas lágrimas silenciosas pela cara abaixo.

Lá dentro, colado à cama que a transpiração alagava, o Isaac parecia ter chegado ao fim. Branco, com dois olhos perdidos no fundo da cara, opresso, como que só esperava a ordem de largar a vela. Tinha adoecido havia quinze dias. Um febrão tal que o Dr. Samuel desanimou. Veio, tornou a vir, e acabou por aconselhar que tratassem do caixão. Mas o Isaac era cedro do Líbano, rijo, no cerne. Depois desse desengano ainda o mal o roeu seis dias sem o comer. E sempre de olhinho vivo. Gemia, gemia, finava-se, mas com aquelas duas contas de azeviche a reluzir. Acabou, contudo, por lhe pousar no rosto uma sombra estranha; e a mulher, a Lia, abriu mão da esperança. Dois dias mais, e como na sala a D. Rosa lembrasse a confissãozinha, um irmão do Isaac, o Daniel, chegou-se à cunhada e deixou cair, entre duas palavras de consolo, o nome do Alma-Grande. A Lia, a princípio, reagiu quanto pôde. Mas a perspectiva do padre João a entrar-lhe pela casa dentro venceu-a Mal rompeu a manhã, com uma voz que fez medo ao filho, mandou-o chamar o abafador.

Quando o Alma-Grande entrou, o Isaac estava no auge de um combate que quase sempre se trava de corpo extenuado. O inimigo era uma parte de si mesmo apostada em

perdê-lo. E a outra metade, um pedaço de ser nobre e agradecido à seiva, corajosamente defendia o resto da muralha. As bagadas pelas têmporas abaixo e um ritmo apressado da respiração davam sinal desta guerra. Mas de nada mais precisava, quem olhasse com limpos olhos humanos, para sentir a grandeza e a solenidade de tal hora.

Por desgraça, o Alma-Grande não podia ver aquilo. Insensível à profundidade dos mistérios da vida, sem o estremecimento de uma fibra sequer, avançou para o leito num automatismo rotineiro. O seu papel não era olhar; era ir inteiro com as mãos ao pescoço, com o joelho à arca do peito, e retirar-se uns minutos depois, como um instrumento que tivesse cumprido correctamente a sua função.

No seu castelo o Isaac pelejava sempre. O fole pressuroso do arcaboiço metia ar na fornalha; espesso, cálido, activo, o suor ia brotando do vulcão.

A casa dir-se-ia um sepulcro habitado por vivos petrificados e mudos. Só no quarto havia movimento e palpitação. Calado, o Alma-Grande avançou. Mas quando de mãos abertas e joelho dobrado ia a cair sobre o Isaac, fê-lo parar uma voz diferente de todas as que ouvira em momentos iguais, que parecia vir do outro mundo, e dizia:

- Não... Ainda não... Ainda não...

Quantas vezes o abafador tinha escutado aquilo, gritos de desespero, apelos sôfregos e angustiados, sem se deter na sua missão sagrada! Quantas vezes! Desta, porém, o apelo e os gemidos soavam-lhe nos ouvidos doutra maneira.

- Não... Não... Ainda não...

Um pano escuro que até ali vendara os olhos do Alma-Grande queria rasgar-se de cima a baixo. E o abafador, paralisado entre as trevas do hábito e a luz que rompia, lembrava uma torrente subitamente sem destino.

- Não... Ainda não... Ainda não...

Era terrível o que se passava. A luta que o Isaac sustentava contra forças que nunca ao certo se conheceram, juntava-se o embate dos dois homens, um a saber que ia matar, outro a saber que ia ser morto.

Estiveram assim algum tempo, de olhos cravados um no outro, a medir-se. Pesado, o suor escorria pela cara do Isaac; quente, o sangue martelava nas têmporas do Alma-Grande.

Foi o ruído súbito e em guincho de uma porta que fez explodir aquela concentração.

O barulho a ouvir-se, e o Alma-Grande, como um peso suspenso e de repente liberto, a cair em cima do moribundo. Nem uma palavra só. Apenas um baque surdo, e as mãos sôfregas do agressor à procura do pescoço do Isaac.

Mas a porta que rangera dera entrada a alguém. A um vulto que o Alma-Grande adivinhava atrás das costas, parado, lívido, a tentar compreender.

Um esforço supremo do Isaac para se livrar das garras que o apertavam e a presença atónita do Abel, tiraram às mãos e ao joelho do Alma-Grande a força habitual. Bem que se extremara nele o assassino, o animal que bebia a grossos tragos o fio de vida que encontrava no caminho! Bem que se lhe avivava na consciência a certeza de que era matar a razão do seu destino! Em vão. O puro instinto não tinha coragem para empurrar aquelas mãos e aquele joelho diante de uma testemunha.

Ergueu-se. Com o rosto coberto por um pano de lividez igual à do agonizante, voltou-se. E sem coragem para encarar os arregalados e aflitos olhos do pequeno, que o varavam, silenciosamente, saiu. Atravessou a sala cabisbaixo, longe da majestade trágica das outras vezes. Deixava atrás de si a vida, e a vida não lhe dava grandeza.

Quando, um segundo depois, a Lia, como um bicho culpado, entrou no quarto, o filho estava sentado na cama, com a pequena mão na testa do pai. A criança debatia-se num agitado mar de brumas; mas o seu coração ditava-lhe a mãozita ali, na fronte escaldante do que lhe dera o ser, do mesmo modo que lhe ordenara já a entrada sorrateira e inquieta no quarto.

E foi talvez o gesto inocente e filial que fez correr novamente nas veias do Isaac o sangue da confiança. Sem confissão, vinte dias depois comia o caldo ao lume como se nada tivesse sido. E nada tinha sido realmente para toda a gente da terra, menos para ele, para o pequeno e para o Alma-Grande. Os outros passaram da agonia à morte e da morte à ressurreição, na inconsciência de quem passa do calor ao frio e do frio novamente ao calor. Só os três sabiam, de maneiras diversas, que o drama fora mais negro e profundo. O Isaac vira as garras da morte ao natural; o Alma-Grande olhara pela primeira vez a escuridão do seu poço; o garoto, esse, pressentira coisas que não podia clarificar ainda no pensamento.

Vagaroso, o tempo foi deslizando; e com ele apagara-se já de todo na lembrança da terra a doença do Isaac. Missa e Sabath.

Os três, porém, debruçavam-se sem descanso sobre o lago onde se reflectia a imagem negra do passado. O Isaac, cada vez mais dorido, olhava, olhava, e via a vingança; o Alma-Grande, cada vez mais culpado, olhava, olhava, e via o medo; o pequeno, inocente, via apenas a angústia de não entender. E os três formavam como que uma ilha de desespero no mar calmo da povoação. Não se falavam, fora do filho a pedir a bênção ao pai, do pai a dar-lha, e de uma saudação ambígua e monossilábica do Alma-Grande ao passar pelo Isaac. Mas traziam-se guardados uns aos outros, como se nenhum deles quisesse perder a hora em que, para a eternidade, varressem do céu das consciências a nuvem pesada que o toldava.

E esse momento, finalmente, chegou. Vinha o Alma-Grande de ver a filha e os netos, em Bobadela, quando o Isaac, que o seguia como um cão de fila, lhe saltou à estrada. Testemunhas, só Deus e o Abel, que, sem o pai suspeitar, o acompanhava também por toda a parte, e olhava a cena escondido atrás de um fragão.

- Não matarás...

Assim era no Evangelho. Fora dele, numa lei diferente, a moral tinha outros caminhos, como o próprio Alma-Grande sabia.

- Não matarás...

O Isaac, porém, olhava o Alma-Grande com os mesmos olhos implacáveis que lhe vira nas horas de agonia.

- Não... Não...

Mas o Isaac era o mais novo e o mais forte. E. quando o Alma-Grande foi a dar conta, estrebuchava no chão, de costas, com o pescoço apertado nas mãos do outro, e com a tábua do coração sob o peso infinito de um joelho.

- Não... Não...

O pequeno, do penedo, via a cara congestionada do Alma-Grande, e ouvia o esforço da respiração a forçar o garrote.

- Não...

Possantes, inexoráveis, as tenazes iam apertando sempre. E, com mais um estertor apenas., estavam em paz os três. O Isaac tinha a sua vingança, o Alma-Grande já não sentia medo, e a criança compreendera, afinal.

## Fronteira

Quando a noite desce e sepulta dentro do manto o perfil austero do castelo de Fuentes, Fronteira desperta.

Range primeiro a porta do Valentim, e sai por ela, magro, fechado numa roupa negra de bombazina, um vulto que se perde cinco ou seis passos depois.

A seguir, aponta à escuridão o nariz afilado do Sabino. Parece um rato a surgir do buraco. Fareja, fareja, hesita, bate as pestanas meia dúzia de vezes a acostumar-se às trevas, e corre docemente a fechadura do cortelho.

O Rala, de braço bambo da navalhada que o D. José, em Lovios, lhe mandou à traição, dá sempre uma resposta torta à mãe, quando já no quinteiro ela lhe recomenda não sei quê lá de dentro.

O Salta, que parece anão, esgueira-se pelos fundos da casa, chega ao cruzeiro, benze-se, e ninguém lhe põe mais a vista em cima.

A Isabel, sempre com aquele ar de quem vai lavar os cueiros de um filho, sai quando o relógio de Fuentes, longe e soturnamente, bate as onze. Aparece no patamar como se nada fosse, toma altura às estrelas, se as há, e some-se na negrura como os outros.

O Júlio Moinante, esse levanta o gravelho, abre, senta-se num degrau da casa, acomoda o coto da perna da melhor maneira que pode, e fica horas a fio a seguir na escuridão o destino de um que lhe dói. Era o rei de Fronteira. Morto o Faustino nas Pedras Ninhas, herdou-lhe o guião. Mas um dia o Penca agarrou-o com a boca na botija, e foi só uma perna varada e as tripas do macho à mostra. Quando, naquele estado, entraram ambos em Fronteira, ele e o animal, parecia que o mundo se ia acabar ali. Mas tinha o filho, o João. E agora, enquanto o rapaz, como os mais, se perde nos caminhos da noite, vai-lhe seguindo os passos da soleira da porta.

Saem outros, ainda. Devagar, pelas horas a cabo, os que parece terem-se esquecido, vão deslizando da toca. Só mesmo quando não existe mais corpo adulto e válido no povo é que Fronteira sossega.

Coisa estranha: esta rarefacção que se faz na aldeia, longe de a esvaziar, enche-a. A terra veste-se de um sentido novo, assim deserta, à espera. Pequenina, de casas iguais e rudimentares, escondida do mundo nas dobras angustiadas e ossudas de uma capucha de

granito, as horas que medeiam entre o seu coração e Fuentes são tão fundas e carregadas que quase magoam. Quem regressará primeiro?,

Noventa vezes em cada cem, é a Isabel. Aquilo são pés de veludo! Mas às vezes é o Sabino. Sempre de nariz no ar' a bater as pestanas contra a luz da candeia, entra em casa alagado em água e com um bafo tal a aguardente que tomba.

- Arruma! A mulher nem suspira. Pega no saco, mete-o debaixo da cama, e põe-se a lançar o caldo. Por fim, começa:

- O Valentim?

- Chumbo, já passou.

- O Rala?

- Uma caixa de conhaque. Vem por Fomos.

- O Salta?

- Foi a Tomeros. Volta amanhã.

- A Isabel?

- Seda.

Ao sair do Padilha parecia um bombo. E enquanto a maçã de Adão sobe e desce no pescoço comprido do Sabino, e a malga de caldo se esvazia, das respostas que dá e do mágico ventre da noite, diante do olhar angustiado da Joana e de Fronteira, vão surgindo os que faltam ainda: o João, o Félix e o Maximino.

Quando algum não regressa, e por lá fica varado pela bala de uma lei que Fronteira não pode compreender, o coração da aldeia estremece, mas não hesita. Desde que o mundo é mundo que toda a gente ali governa a vida na lavoura que a terra permite. E, com luto na alma ou no casaco, mal a noite escurece, continua a faina. A vida está acima das desgraças e dos códigos. De mais, diante da fatalidade a que a povoação está condenada, a própria guarda acaba por descrer da sua missão hirta e fria na escuridão das horas. E se por acaso se juntam na venda do Inácio uns e outros - guardas e contrabandistas -, fala-se honradamente da melhor maneira de ganhar o pão: se por conta do Estado a vigiar o ribeiro, se por conta da Vida a passar o ribeiro.

De longe em longe, porém, quando há transferências ou rendições, e aparecem caras e consciências novas, são precisos alguns dias para se chegar a essa perfeição de entendimento entre as duas forças. O que vem teima, o que está teima, e parece aço a bater em pederneira. Mas tudo acaba em paz.

Desses saltos no quotidiano de Fronteira, o pior foi o que se deu com a vinda do Robalo.

Já lá vão anos. O rapaz era do Minho., acostumado ao positivismo da sua terra: um lameiro, uma junta de bois, uma videira de enforcado., o Abade muito vermelho à varanda da residência, e o Senhor pela Páscoa. Além disso, novo no ofício - na guarda, para onde entrara em nome dessa mesma terrosa realidade: um ordenado certo e a reforma por inteiro. Daí que lhe parecesse o chão de Fronteira movediço sob os pés. Mal chegou e se foi apresentar ao posto, deu uma volta pelo povoado. E aquelas casas na extrema pureza de uma toca humana, e aqueles seres deitados ao sol como esquecidos da vida, transtornaram-lhe o entendimento.

- Esta gente que faz? - perguntou a um companheiro já maduro no oficio.

- Contrabando.

- Contrabando!? Todos!? E as terras, a agricultura?

- Terras! ? Estas penedias.

O Robalo, queria falar de qualquer veiga possível, de qualquer chá que não vira ainda, mas tinha forçosamente de existir, pois que na sua ideia um povo não podia viver senão de hortas e lameiros. Insistiu por isso na estranheza. Mas o outro lavou dali as mãos:

- Não. Aqui, a terra, ao todo, ao todo, produz a bica de água da fonte. O resto vão-no buscar a Fuentes.

Mas nem assim o Robalo entendeu Fronteira e o seu destino. No dia seguinte, pelo ribeiro fora, parecia um cão a guardar. Que o dever acima de tudo, que mais isto, que mais aquilo - sítio que rondasse era sítio excomungado. Até as ervas falavam quando qualquer as pisava de saco às costas. Mal a sua ladradela de mastim zeloso se ouvia., ou se parava logo ou nem Deus do céu valia a um cristão. Em quinze dias foram dois tiros no peito do Fagundes, um par de coronhadas no Albino, e ao Gaspar teve-o mesmo por um triz. Se não dá um torcegão no pé quando apontava, varava a cabeça do infeliz de lado a lado. A bala passou-lhe a menos de meio palmo das fontes.

Mas Fronteira tinha de vencer. Primeiro, porque o coração dos homens, por mais duro que seja, tem sempre um ponto fraco por onde lhe entra a ternura; segundo, porque o Diabo põe e Deus dispõe.

Foi assim: Apesar de inconvivente e mazombo, num domingo em que havia festa em Fronteira, o

Robalo, que estava de folga, não resistiu: chegou-se aos bons. E quem havia de lhe entrar pelos olhos dentro ao natural, cobertinha da luz doirada do sol? A Isabel! A rapariga tirava a respiração a um mortal. Vinte e dois anos que nem vinte e dois dias de S. João. Cada braço, cada perna, cada seio, que era de a gente se lamber. Ora como ele andava também na mesma conta de primaveras, e não era de pedra, o lume. pegou-se à estopa. De

tal sorte, que, quando o dia acabou, o Robalo, não parecia o mesmo. Evaporara-se-lhe o ar de salvador do mundo, e até já via Fronteira doutro jeito. Se não fosse aquele maldito instinto de castro-laboreiro... Tempos depois, apesar de os amores com a Isabel irem de vento em popa, cama e tudo, ainda o ladrão se lhe sai com esta:

- Gosto muito de ti, tudo o mais, mas se te encontro a passar carga e não paras, atiro como a outro qualquer.

A Isabel riu-se.

- Palavra?!

- Palavra. - A mim?!!!

- A minha mãe, que fosse...

Desprenderam-se dos braços um do outro melancolicamente. E quando no dia seguinte o Robalo voltou ao ninho tinha a porta fechada.

Como a vida em Fronteira é de noite que se vive, e o Robalo, era todo senhor do seu nariz, puderam decorrer meses sem o rapaz pôr os olhos sequer na rapariga. Ela passava o ribeiro como podia, e ele guardava o ribeiro como podia.

Fronteira olhava. E até ao Natal a vida foi deslizando assim. Na noite de Consoada, porém., aconteceu o que já se esperava. Parte da guarnição tinha ido de licença. Todos se chegavam ao calor da lareira familiar, saudosos de paz e harmonia. Mas o Robalo ficara firme no seu posto.

Nevava. Um frio tal que o próprio bafo gelava mal saía da boca. Visto de dentro da capa de oleado, o mundo parecia uma coisa irreal, alva, inefável como um sonho. O céu estava ainda mais silencioso e mais alto que de costume. E qualquer parte do Robalo, sem ele querer, diluía-se na magia que enluarava tudo. No Minho, numa noite assim... Pena a Isabel ter-lhe saído contrabandista... Tê-la encontrado numa terra daquelas... Senão, mais tarde, quando tivesse a reforma... Até mesmo agora... Comovido, deixou-se perder por momentos na vaga mansidão da brancura.

Mas, como por detrás do homem o guarda continuava alerta, mal acabava de pisar aquele caminho sem pedras, já o seu ouvido de cão da noite lhe trazia à consciência um rumor de passos só pressentidos.

Acordou inteiro. Tchap, tchap, tchap... Pela neve fora, da outra banda, aproximava-se alguém.

Quem diabo seria? O Carrapito? O Carrapito, não. Olha o Carrapito meter-se a um nevão daqueles! O Samuel? O Samuel também não. Era mais atarracado. Só se fosse o Gregório... Sim, porque o Cristóvão, que tinha o mesmo corpo, estava em Vila Seca, no namoro. Vira-o passar...

A pessoa que vinha, caminhava sempre, direita como um fuso ao cano da carabina.

Tchap... Tchap... Todo gelado por fora, mas quente da emoção que lhe dava sempre qualquer alma em direcção ao ribeiro, o Robalo esperou. E, quando os passos se molharam no rego de água e chegaram à margem, a mola tensa estalou:

- Alto!

Mas o gume da palavra de comando não conseguiu cortar sequer os flocos de neve. A sensação que teve ao gritar foi a de um baque amortecido. Uma espécie de tiro à queima roupa.

Repetiu:

- Alto.

Uma voz cansada entrou-lhe no coração.

- Sou eu... TUM

- Sou. Mas nem trago contrabando, nem me posso demorar.

- TUM. Eu mesmo. E já disse que não trago contrabando, nem me posso demorar.

Se ele não fosse o Robalo, cego e frio dentro da função, o que lhe apetecia era tomar nos braços aquele corpo amado e rebelde, enfarinhado de neve e não sabia de que outra secreta alvura. Mas era o Robalo guarda, a guardar. Por isso fez arrefecer nas veias a fogueira que o escaldava e estacou o primeiro passo do vulto com nova ordem:

- Alto, já disse!

Docemente, numa carícia estranha para os seus ouvidos, quem passava falou:

- Não berres, que não vale a pena. Este volume todo - é gente. A intenção era boa, era... Mas de repente, em Fuentes, começam-me a apertar as dores... Se não me apego às pernas com quanta alma tinha, nascia-me o rapaz galego. Querias?

O coração do Robalo não aguentava tanto. Um filho! Um filho seu no ventre de uma contrabandista!

Regelou-se ainda mais.

- A mim não me enganas tu. Gente! No posto eu te direi se isso é gente, ou são cortes de seda. Vamos lá!

Pela neve fora a presença da rapariga era como um enigma sagrado diante dos olhos dele. Mas o guarda guardava.

- Ó homem de Deus, deixa-me ir enquanto posso! Olha que se as dores voltam como há bocado, é no sítio onde estiver...

O Robalo, porém, tinha de levar a cruz ao fim. já com a Isabel fechada na pobreza da tarimba, esperou ainda o milagre de a sua obstinação acabar em tecidos, em seco e peco contrabando posto a nu.

Fronteira, contudo, podia mais do que uma absurda obstinação. E, mal a parturiente atirou lá de dentro o primeiro grito a valer, o Robalo ruiu.

Desesperado, parecia um doido por toda a casa. De quando em quando, arrastado por uma força que não conseguia dominar, chegava-se à porta do quarto, humilde, rasgado de cima abaixo de ternura:

- Isabel... Um berro que estalava fino e súbito fazia-o recuar transido para o mais fundo da sala.

Até que a trovoada amainou e do pesado silêncio que se fez nasceu para os seus ouvidos maravilhados um choro doce, novo, muito puro, que lhe arrancou lágrimas dos olhos.

Chegou-se à porta outra vez:

- Isabel... A voz cansada da mulher mandou-o entrar. E, quando o dia rompeu, Fronteira tinha de todo ganho a partida. Demitido, o Robalo juntou-se com a rapariga. Ora como a lavoura de Fronteira não é outra, e a boca aperta, que remédio senão entrar na lei da terra! Contrabandista.

E aí começam ambos a trabalhar, ele em armas de fogo, que vai buscar a Vigo, e ela em cortes de seda, que esconde debaixo da camisa, enrolados à cinta, de tal maneira que já ninguém sabe ao certo quando atravessa o ribeiro, grávida a valer ou prenha de mercadoria.

## O Pastor Gabriel

Nunca houve em toda a montanha pastor como o Gabriel.

- Merecias outras ovelhas, homem! - disse-lhe um dia o Prior, desanimado da anarquia dos seus paroquianos, quando viu o rebanho do rapaz atravessar a estrema dum centeio sem tirar uma dentada.

- Deus me livre! já me vejo maluco com estas...

Mentira. O padre tinha razão. Era uma pena ver tanta autoridade, tanta vocação, tanto jeito natural, ao serviço de animais. Nem se pode fazer ideia! O carneiro mais teimoso, mais lorpa, mais churro, chegava às mãos do Gabriel e mudava de condição. Só não ficava a falar.

- Que fazes tu ao gado, criatura? Parece que o enfeitiças!

- Nada. Dou-lhe monte, como a outra gente. Sorria. E lá continuava a educar os malatos com gestos e palavras que ninguém sabia fazer nem dizer. Nunca batia numa rés. O castigo era um simples olhar reprovativo, um assobio impaciente, uma interjeição mal humorada. Mas bastava. Ao fim de algum tempo, cada cabeça como que porfiava em não desagradar ao dono, em viver sintonizada com aquele governo sem cajado. E dava gosto ver a disciplina com que o rebanho deixava o redil e atravessava o povo.

- Não há dúvida! Nem o mestre na escola! Continuava a rir-se por dentro. Espantavam-se com pouco. Com a pequenina amostra do muito que estava por detrás...

Na verdade, toda aquela disciplina tinha um fim, e era muito mais apertada do que parecia. Como os pastos no verão escasseavam, só havia uma solução: aceivar os nabais de noite, pela calada. Ora, para Áfricas dessas, o Gabriel necessitava de gado mudo e lesto, cegamente obediente ao comando. Por isso, sem dizer porquê nem por que não, exigia sistematicamente dos patrões que vendessem os carneiros mancos ou rebeldes, e ninguém ouvia o balido de nenhum.

- O teu gado não berra?

- Pergunta-lhe. É o berras! Ou não se chamasse ele Gabriel e não capitaneasse um bando de salteadores.

No meio da escuridão, abria a porta do curral e punha-se a andar. O rebanho atrás, como um cão rafeiro. À entrada da melhor sementeira, parava, perscrutava os horizontes e

arrombava o tapume. Depois, em silêncio., deixava entrar os famintos e esperava que cada boca se fartasse em silêncio.

Se por acaso ouvia vozes ou passos de gente que se aproximava, subia acima da parede, descalçava os socos, batia com um no outro e largava a fugir com quantas pernas tinha. Não era preciso mais: quando chegava ao redil, já o rebanho lá estava.

- Não, tu hás-de ter qualquer segredo, qualquer mistério... - insinuava o Languna, a sondar.

- Palavra de honra que não.

E realmente não tinha. A coisa vinha-lhe espontaneamente, duma maneira directa, rápida, infalível, de entender e de se fazer entender por todos os seres vivos. Via um coelho na cama, falava-lhe e punha-lhe a mão em cima. Acalmava um cão açulado-a sorrir-lhe.

Mas esta comunhão instintiva com a natureza dos bichos não tentava o Gabriel alargá-la à natureza dos homens. Desses arredava-se discretamente., sem querer passar, nas relações com eles, do plano amorfo da neutralidade. Alugava o suor. Enjeitado, sem vintém, servia este e aquele. A indústria de Ferrede era comprar gado magro, engordá-lo e vendê-lo. Portanto, quem tinha dinheiro tinha o poder, e não valia a pena discutir. Que lhe interessava a ele perder tempo com palavreado ou mendigar intimidades que sabia impossíveis de antemão? O que os donos de cada rebanho queriam já o sabia: era que lho entoirisse de qualquer maneira. Recebia, pois, o farnel pela manhã, e ala que se faz tarde. Cada qual para o que nasce.

No verão em que fez vinte e dois anos, não pôde, contudo, ficar indiferente a um apelo que, muito embora fosse de cordeira no cio, vinha duma criatura cristã, com quem, de resto, acabou por casar.

Foi assim: como a serra inteira ardia na fornalha do Agosto, certo dia, no pino do sol, resolveu assestar o gado na loja. Servia então o Silvano, o maior proprietário da terra. E enquanto o rebanho, sonolento, ruminava, estendeu-se também no catre, igualmente sonolento e a ruminar. Era a hora do jantar, e lá em cima os patrões comiam e bebiam à tripa-forra. Ele, coitado, teria uma malga de caldo no fim do banquete, e viva o velho!

Nisto, sente passos pela escada abaixo, abre-se a porta, e a filha da casa, bonitota, mas de pêlo na venta, que nunca dera conta que o olhasse como homem e nunca lhe consentira que a olhasse como mulher, aparece de cântara na mão, ao vinho.

Em silêncio e sem se mexer, deixou-a passar para a adega, que era ao fundo, numa loja contígua Mas apenas sentiu desandar a torneira da pipa e a espuma do tinto a ferver dentro do barro lhe fez cócegas na garganta, pediu humildemente:

- Minha ama, dê-me uma pinga!

- Dou. Anda cá bebê-la...

Ergueu-se num pronto, saltou por cima do gado, entrou no armazém, recebeu a pichorra, levou-a à boca e começou a consolar a alma. De repente, sem mais nem para quê, a moça, calada, dá-lhe um empurrão à vasilha com a ponta do dedo. De respiração afogada e ainda engasgado, a tossir, relanceou-a toda. Ao machio, a senhora morgada!

E nada mais simples: pousou a caneca e dobrou a rapariga sobre uma facha de palha.

## Repouso

Era de sua natureza um tipo macambúzio., de olhos grandes e vidrados, boca rasgada e um espesso bigode a cair-lhe da cara. Fizera a morte de Celeiroz logo no ano das inspecções, dera a seguir cabo do Marinho com um tiro no vazio esquerdo, mas tudo se reduzira a uns meses de cadeia. Com medo, ninguém queria fazer prova contra ele, e a justiça, diante do desinteresse de todos, desinteressava-se também. Mal a mulher da primeira vítima se calou de gritar pelos montes fora, a bala contra o Marinho partiu de uma pistola de guerra que furava tábuas de solho a cinquenta passos. Mas nem assim as autoridades se resolveram a proceder. Depois de o terem à sombra algum tempo, a porta ferrada do calabouço de Carrazedo abriu-se e o Joaquim Lomba continuou a afligir a terra.

Quase não trabalhava, que ninguém o queria, nem a dias nem de empreitada. Possuía contudo qualquer coisa de seu, e, com um cacho que respigava na vinha deste ou daquele e um vintém que sempre recebia de uma ajuda que uma trovoada ou o aperto de uma malhada consentiam, ia vivendo. Mas era uma existência negra a que levava, sozinho, sujo, coberto da sombra do medo e da desconfiança dalgumas léguas em redor. Outros homens tinham matado em toda a região e a fama da sua crueldade corria mundo. Ninguém se esquecia do Basílio Antunes, que assassinara a frio o moleiro de Candedo, nem do Varela, que saltara em cima da barriga da mulher e dera cabo dela. Mas a fama do Lomba abrangia outros horizontes e amargava com outro travo. Falava-se dele e corria por todos um calafrio de pavor diferente dos medos conhecidos. É que trazia estampada no rosto a ferocidade. Ao primeiro relance, a gente via que ali andavam mortes passadas e mortes futuras. Acrescia que o Lomba conhecia isto. Mazombo, ensimesmado, a marca que sentia na cara dava-lhe uma tristeza funda, de revolta esganada. Em certas horas, uma humanidade estuante, larga, generosa, que também nele morava, queria mostrar-se à luz do sol. Mas o primeiro a quem dava os bons dias cortava-lhe aquela onda fraternal em bocados. A resposta vinha seca, esquiva, a estremar os caminhos. O semblante do Lomba cobria-se então da ferocidade velha e da raiva de agora; e tornava-se ainda mais soturno e sinistro.

Foi por uma coisa destas e num dia destes que liquidou o Adriano. Erguera-se cedo, comera um naco de pão, bebera um trago de aguardente, e lá ia ele ver a vida. Mas o Adriano, a primeira alma que encontrou, respondeu-lhe tão arredio, que não se teve:

- Olha lá, ó pedaço de asno, que mal te fiz eu?

O outro sentiu-se perdido.

- Nada. Que mal me havias de fazer? Era uma explicação e um apelo à concórdia. Desgraçadamente, o coração do Lomba estava cheio de fel.

- O que tu merecias era que te desse uma lição.

Apesar de o Lomba ser quem era, o Adriano sentiu-se na obrigação de defender os brios de homem. E, embora debilmente, lá tentou:

- Atreve-te, Atreve-te e verás... Ora o diabo!

Não foi preciso mais. O Lomba chegou-se ao pé dele, ergueu a roçadoira, e de um golpe só tirou-lhe uma rodela à cabeça.

Mas ainda desta vez o crime ficou impune. Não havia testemunhas, a família do Adriano teve medo de uma vingança, e o Lomba continuou a mortificar Mondrões.

Mas também ele sentia o peso daquela cruz. Como não podia matar o concelho inteiro, nem obrigar um por um os conhecidos a falarem-lhe na paz de Deus, o aguilhão da consciência não lhe dava tréguas. Em certas horas, empolgado pela força do mal, enchia-se do próprio ódio, e não ficava espaço para qualquer míngua. Noutras, porém, um vazio infinito, um desespero sem remédio, um abandono maior do que o das pedras, prefiguravam-lhe o inferno.

- Quero-me confessar, senhor Prior - acabou por pedir abruptamente na quaresma, depois de entrar de rompante na sacristia.

- Muito bem, Joaquim... - respondeu-lhe manso e humano o capelão. - Pode ser agora.

Foram ambos para um canto, o padre sentou-se, ele ajoelhou-se-lhe aos pés, e começaram.

- Já nem me lembro de nada...

- Não te aflijas. Vai fazendo e dizendo comigo...

O sinal da cruz foi menos mal, o mea culpa passou, vieram os primeiros mandamentos e chegaram por fim ao pior.

- Bem, eu matei o da Gertrudes, o Marinho... E também fui quem deu cabo do Adriano...

O prior não sabia outra coisa. Por isso manteve-se calmo e, apenas perguntou:

- Estás arrependido dos teus crimes e disposto a pedir perdão a quem desgraçaste?

Aqui a situação bulia com mundos complicados do Lomba. Tinha vindo para se libertar do abismo sobre o qual a sua negra alma vivia debruçada. E quando tudo parecia conseguido e a serenidade estável do planalto lhe acenava já sorridente, - a dura penitência de voltar à fundura do poço! E perdeu-se:

- Não, senhor Prior. Nem estou arrependido, nem vou pedir perdão a ninguém.

O padre suava. E depois de tirar o lenço tabaqueiro do bolso e de limpar a calva, voltou, sempre brando e conciliante:

- Mas assim não te posso absolver, homem! Pois se tu não te queres humildar, nem te arrependes sinceramente do que fizeste... Olha lá, mas então não seria melhor para ti ires entregar-te à justiça e pedires perdão a Deus ?

- Eu não sou parvo! Vim aqui porque tenho confiança no senhor Prior... Agora se me não quer perdoar, não perdoe...

Ergueram-se ambos, tristes, desesperados daquela impossibilidade de harmonia. E mais do que até aí, a amargura, a raiva e a negridão da vida se estamparam na cara dura e desgraçada do Lomba.

Poucos meses depois, começaram em Mondrões os festejos da Senhora da Boa-Morte. E foi aí que o Lomba, sem poder mais, deu largas à sua angústia recalcada. Disposto a não sabia que loucura, com a pistola carregada de balas, entrou no adro e começou a fazer doudices.

Primeiro chegou-se ao coreto e gritou para o mestre da música:

- Pare lá com isso e toque uma valsa!

- O senhor é mordomo? - perguntou o velhote, na boa fé.

- Sou quem lá está. Mude de peça ou rebento-lhe os miolos!

O bom homem titubeou. Mas por fim, diante daqueles olhos vidrados e do sinal que lhe fez uma doceira, distribuiu novos papéis e a banda começou, de facto, a tocar uma valsa.

O sucesso da prepotência não deu paz ao Lomba. Pelo contrário: acirrou-lhe ainda mais o desejo de disparatar. E dirigiu-se ao do fogo.

- Deita lá uma dúzia de morteiros!

- Não posso. Só a Santos. Deus me livre!

- Deita ou já sabes...

A pistola era grande e negra, e as palavras do Lomba soturnas e frias. E o Pé-Tolo, sem mais aquelas, um a um, foi queimando os foguetões.

- Que estupidez é essa, ó meu burro? Quem te mandou botar desses, agora?

O mesário espumava de justa indignação. Mas bastou o outro apontar silenciosamente o Quim Lomba para tudo se remediar.

- Bem, pronto. Faz-se de conta...

O mal é que o assassino queria estancar a levada.

- Pare lá com isso já, seu trampociro! Desça daí

- O cavalheiro parece que quer conversa. Se não fosse a consideração que devo à honrada assistência...

Era um vendedor de drogas para todas as doenças e necessidades, que de cima de uma cadeira ganhava a vida. Homem rijo e acostumado a zaragatas. Quando, porém, lhe disseram de quem se tratava, calou-se e pôs-se a arrumar os frascos a pensar na mulher e nos filhos.

- E se alguém avisasse a guarda? - lembrou um, assim que se espalhou a noticia dos desacatos do Lomba.

- É verdade, a guarda...

O certo é que ficaram no mesmo sítio, sem coragem de ir denunciar o criminoso.

Continuaram irresolutos no adro, vagamente protegidos por aquela palavra que só por si metia respeito.

- Deixa lá ver a cana...

Simplesmente, desta vez, erguia-se diante do Lomba uma vontade. Com nove anos., o garoto, que conseguira apanhar a quimera, tinha decisão para a defender.

- Oh, oh! Não queria mais nada! Você é parvo ou faz-se ?

- Deixa cá ver a cana, e cala-te.

- Vá lamber sabão. Ora o palerma! Faça como eu: desembelinhe as pernas.

Pelos olhos do Lomba o clarão de sangue e raiva passou mais vivo. Mas passou e deixou atrás de si um sorriso compassivo, terno, que lhe refrescou o coração.

- Então não dás?

- Pois não dou, não. Se estiver tão livre da peste!

O Pequeno largou, chamado por um morteiro que subia estrepitosamente ao ar, e o Lomba ficou sozinho, vencido, impotente, mas estranhamente feliz.

- Chegou para mim... - murmurou, comovido.

A música rompeu lá em cima numa marcha ligeira, ergueu-se no adro um polvorinho de dança, estralejaram mais foguetes, e um barulho ensurdecedor mostrava ao desordeiro que os seus caprichos e as suas balas não podiam vencer a onda de vitalidade.

- Chegou para mim... - murmurou outra vez, agora a caminhar vagarosamente por entre os penedos.

Mais fogo, uma polca, outra vez a voz do charlatão a vender unguentos, e a festa parecia uma flor a abrir-se. As horas, porém, foram passando, as aldeias, ao longe, começaram a acenar a cada um, e o adro, pouco a pouco, ficou deserto.

- Credo, santo nome de Deus! - exclamou a Eusébia, ao passar pelo sítio onde o Lomba despejara a pistola no céu da boca.

- É o Lomba. Que balas tão bem empregadas!...

Os olhos vítreos e arregalados pareciam querer impor ainda respeito e medo. Mas eram só eles a falar pelo corpo todo, encolhido, morto, humilde e manso como um monte de estrume.

- Também digo. Abençoadas mãos...

Seguiam caminho, sem uma palavra de pena, sem um arrepio, sem uma oração.

E assim o deixaram abandonado à grande e pavorosa noite da montanha.

## O Caçador

Trôpego, o Tafona já não chegava às perdizes da Cumieira. Por isso, arrastava-se até Pedralva e caçava de espera. Caíam rolas no cedo, uma lebre ou outra pelo ano adiante, e coelhos quase sempre. No defeso, fornecia a casa e a barriga sem fundo do compadre Frederico; no tempo da permissão, vendia-lhe a Joana Benta as cabeças na Vila.

- Veja vossemecê. dizia ele, a contratar o preço.

- Eu sei lá!...

Com oitenta e cinco anos, a vida fora-lhe sempre estranha como se a não tivesse conhecido. Casara, tivera filhos, mas nada disso o tocara por dentro. Virgem e selvagem na alma, continuava a caçar, e só embrenhado entre giestas e urgueiras é que ouvia, se ouvia, os clamores da mulher e o ganido das crias.

Saía cedo, sempre supersticioso das menstruações da Camila, a -a do lado, que lhe mudavam a direcção do chumbo, e regressava altas horas da noite, colado ao granito das paredes, e assim escondido dos olhos curiosos da povoação.

- Por onde andaste? A pobre da Catarina, a princípio, ainda tentou encontrar naquele destino pontos de referência em que pudesse firmar-se. Mas as respostas vinham tão vagas, tão distantes, que se atirou às leiras e deixou o homem às carquejas. Não era que ele mesmo enredasse os caminhos e despistasse conscientemente a companheira. As peripécias da caça e a cegueira com que galgava os montes é que o impediam à noite de relatar o trajecto seguido. Se quisesse e soubesse dizer por que trilhos passara, falaria de veredas e carreiros que nunca conhecera, descobertos na ocasião pelo instinto dos pés e rasgados no meio de uma natureza cósmica, verde como uma alucinação, com alguns ramos vistos em pormenor, por neles pousar inquieto um pombo bravo ou se aninhar, disfarçada, uma perdiz. Às vezes até se admirava, ao regressar a casa, de tanta bruma e tanta luz lhe terem enchido simultaneamente os olhos. Serras a que trepara sem dar conta, abismos onde descera alheado, e um toco, um raio de sol, o rabo de um bicho, que todo o dia lhe ficavam na retina. É claro que nem sempre as horas eram assim. Algumas havia de perfeita consciência, em que nenhum pormenor da paisagem lhe escapava, as próprias pedras referenciadas, aqui de granito, ali de xisto. Mas, mesmo nessas ocasiões, qualquer coisa o fazia sonâmbulo do ambiente. Era tanta a beleza da solidão contemplada, despegava-se das serranias tanta calma e tanta vida, os horizontes pediam-lhe uma concentração tão forte

dos sentidos e uma dispersão tão absoluta deles, que os olhos como que lhe abandonavam o corpo e se perdiam na imensidão. Simplesmente, essa diluição contínua que sofria no seio da natureza não excluía uma posse secreta de cada recanto do seu relevo. Uma espécie de percepção interior, de íntima comunhão de amante apaixonado, capaz de identificar o panasco de Alcaria pelo cheiro ou pelo tacto.

A caça fora a maneira de se encontrar com as forças elementares do mundo. E nenhuma razão conseguira pelos anos fora desviá-lo desse caminho. A meninice começara-lhe aos grilos e aos pardais, a juventude e a maioridade passara-as atrás de bichos de pêlo e pena, e agora, velho, as contas do seu rosário eram meia dúzia de cartuchos que, sentado, ia esvaziando no que aparecia. E a vida,, a de todos os dias e de toda a gente, com lágrimas e alegrias, ambições e desalentos, ficara-lhe sempre ao lado, vestida de uma realidade que não conseguia ver. A aldeia formigava de questões e de raivas, e ele coava-lhe apenas a agitação de longe, vendo-a fumegar na distância, ao anoitecer, e acariciando-a então num cansaço doce e contemplativo.

- Casou a Dulce... Ah, sim?...

Ouvira, de facto, imprecisamente., a voz do sino grande chegar repenicada e festiva ao Falicão, mas o seu espírito não pudera nesse momento, nem podia agora, descer da nuvem de abstracção que o envolvia.

- Muito bonita ia o demónio da rapariga!

Humana, mulher, a Catarina tentava chamá-lo a uma consciência que reanimasse fogueiras mortas, sonhos desfeitos. Nada. O pensamento dele não estava ali: perdia-se nos projectos do dia seguinte, já cheio do rumor alvoroçado do bando de perdizes que sabia ir levantar da cama ao romper da manhã.

- Morreu o Palhaça...

- Ah, morreu?

E continuava a dar à manivela do rebordador, encontrando no cartucho, túmido, como uma semente, não sabia que verdade mais profunda e mais transcendente do que aquela morte.

A velhice e o reumatismo tentaram com toda a brutalidade metê-lo noutros varais. Mas ele lutava, e, embora limitado às cercanias da aldeia, continuava ainda a sonhar.

Contudo, sem a liberdade absoluta dos longes, o seu espírito já não podia voar como dantes. A povoação ficava-lhe demasiado perto para lhe, ser possível um alheamento, como o de outrora. E os olhos, cansados e doridos, começaram a mostrar-lhe o mundo triste dos outros. Contra vontade, observava, então. Mas em casa, à noite, a mulher punha o

acontecido a uma luz tão desconforme com o que ele vira, tão alheia à sua compreensão, que fechava a boca e não respondia.

- Os Canedos berraram...

- Eu vi... - A cunhada chamou curta à Ana...

O que ouvira eram gritos, evidentemente, insultos, com toda a certeza, mas nomes assim... E uma tristeza muda apertava-lhe, o coração.

- Um roubo em casa do Antunes...

- Bem me pareceu...

- Batatas, trigo, muita roupa, um presunto... Quase que surpreendera o Rodrigo, e a mulher com a boca na botija, e sabia que não, que o que esconderam na mina velha, e pudera examinar à vontade, era uma sombra daquilo. De maneira que cada vez se metia mais consigo, com medo do vidro de aumento que deformava tudo e envenenava os sentimentos. Porque uma coisa sabia ele: é que quase um século de caça não lhe endurecera nem lhe empeçonhara a alma. Matara, sim, e matava ainda, se podia, mas não era com ódio, a gritar maldição, que o tiro partia. Mais amorosamente do que mortalmente, o dedo premia o gatilho. E quando, a seguir, a lebre esperneava ou a codorniz gemia, a sua mão aligeirava docemente aquela agonia, numa carícia aveludada. Entre o sangue da perdiz morta - que através do cotim da calça, morno, lhe acordava a consciência da pele - e o seu próprio sangue, não havia o muro de nenhuma desarmonia. A morte que a arma fazia tinha no mesmo instante uma ressurreição dentro dele.

Mas a aleluia do formigueiro humano que o rodeava era outra.

- A Rosária a falar em moralidade! Se reparasse na filha...

- A Matilde? Que fez ela?

- Nem tu sabes! Palavra, que não sabia. Atravessara os anos como um duende, puro, alheio à raiva e à ganância, inocente, pronto a comover-se diante da primeira flor. Uma virtude, sobre todas, conservara sempre: a da lisa naturalidade. E por isso, no meio da incapacidade que sentia para entender o tecido de razões com que era feito o mundo que o cercava, a malha que menos o prendera- era aquela onde se debatiam forças e gestos de amor. O cio, a brisa de sémen que agitava todos os seres vivos durante alguns dias em cada ano, sabia-lhe à frescura de uma onda sagrada. Então, oleava e arrumava a arma, e os seus olhos, de caçador ainda, seguiam a revoada do casal de melros, o trajecto de um coelho, as pegadas da raposa, mas para os acompanharem comovidos naquela dádiva sensual e procriadora.

Infelizmente, só ele é que entendia de uma maneira assim inocente as coisas que tinham intimidade de ninho e calor de seiva. Porque a aldeia, que olhava

compreensivamente as reses alevantadas, diante de uma rapariga cega de amores erguia-se como se visse um crime.

- Ela e o Avelino parecem cães a cainça.

- E que mal há nisso? Maiores e vacinados, que tinha que ver o mundo com o que o corpo lhes pedia? Mas os pais, aqui-del-rei que os enforcavam se olhassem sequer um para o outro, e a terra inteira aplaudia. Acontecia ainda que o Travassos, todo lá da mãe da rapariga, punha em semelhante martírio a sombra de uma perseguição.

De fora, mas infelizmente não de tão longe como desejava, o Tafona assistia à cena. Sentado à sombra da nogueira molar, e perto da poça onde vinham beber, esperava as rolas. E lá em baixo, na veiga, o seu olhar cansado ia acompanhando a comédia. A cachopa, de molho à cabeça, a passar na Silveirinha; o rapaz a deixar a rabiça na lavrada e a sair-lhe ao caminho; e o esqueleto do Travassos, abelhudo e ciumento, a correr a avisar as famílias.

Via e ficava a malucar naquilo, no contra-senso de tudo e de todos. Pois não seria melhor, mais justo, mais humano, deixá-los juntarem-se livremente, à lei da natureza? Contudo, daí a nada, a rapariga ia a toque de caixa pelo Teixo abaixo, e o rapaz retomava o arado a ouvir berros do pai.

- Uma pouca vergonha... - recomeçava a

Catarina à noite, depois do caldo.

- O quê?

- O que há-de ser? A Matilde e o Avelino... Se não é o Travassos...

Calou-se como de costume. Decididamente, cada vez entendia menos tal mundo.

Mas as pernas atraiçoavam-no miseravelmente, e, embora quisesse fugir para muito longe, tinha de se resignar às leis da idade e caçar de emboscada coelhos pacatos na vinha velha do prior.

Era um Setembro puro. Videiras que pareciam cedros e cachos com bagos como bugalhos. Manco, o Tafona foi-se arrastando e ainda a tarde vinha a cair além-Doiro já ele estava no seu posto, sentado, imóvel e silencioso, com a arma engatilhada sobre a coxa.

Como habitualmente, quase nem respirava. Por muito inocentes que fossem os láparos, farejavam ruído a cem léguas. E o Tafona, conhecedor daqueles ouvidos, apertava os pulmões.

A espera nunca lhe dava inteira paz de espírito. Forçava-o a uma espécie de compromisso com a parte traiçoeira da vida, estremando os campos do agredido e do agressor. Entre ele e o bicho não havia, daquela maneira, um verdadeiro encontro, um embate de forças. Tudo se passava sem alegria e sem eco, choque abafado, como o de uma pinha aberta a cair no musgo.

Subitamente começou a sentir sons indistintos. Prestou atenção. Passos. Passos de gente, e grande.

- Bolas! - disse, sem abrir a boca.

De facto, perdera o tempo. Para que tudo retomasse a quietude inicial e os coelhos se resolvessem a vir gozar a fresca, seriam precisas horas, e então já não teria luz.

Os passos eram da Matilde, sorrateira, a saltar um bardo e a sumir-se na vinha.

- É boa!... - murmurou outra vez intimamente, agora noutro tom.

Mas ainda o seu espanto não acabara, já o Avelino, do lado do monte, lépido, deslizava para o meio da ramagem.

Riu-se.

Desta vez riu-se com a sua mansidão habitual, sem barulho, enternecidamente, como se estivesse nos velhos tempos e visse no azul do céu dois pintassilgos a voar para o mesmo ninho.

Infelizmente, os namorados a desaparecerem, e sobre eles, de nariz no rasto, numa perseguição de rafeiro, o Travassos que, por acaso, caminhava direito à arma do caçador.

O Tafona nem teve tempo de pensar. Parou a respiração e encolheu-se quanto pôde atrás do esconderijo.

O abelhudo vinha apressado e chegou a tiro.

- Alto lá! - ordenou-lhe então, sereno., mostrando o corpo.

O Travassos estacou,, apalermado. Por fim viu quem era e falou-lhe:

- Sou eu, ó ti Zé!

- Bem sei. Mas não te mexas.

- O Travassos, ti Tafona. Deixe-me ir salvar a infeliz!

A tremer e de olhos esgazeados, o zeloso coscuvilheiro não conseguia perceber. Mas o Tafona tinha-lhe friamente a espingarda endireitada ao peito, e ninguém da aldeia confiava na alma solitária do caçador.

- Alto, e nem tugir nem mugir! Aquelas coisas querem-se na paz do Senhor...

## O Leproso

Foi no Doiro, numa cava. Ao meio-dia, a Margarida veio trazer o jantar, e embora a sardinha salgada e o caldo de gravanços tirassem a coragem ao mais pintado, a cara da rapariga desanuviava os horizontes.

Era nova, sadia, alegre e de resposta sempre na ponta da língua. Por isso sabia bem dar-lhe um apertão, passar-lhe sornamente o braço pela cintura, e ouvir-lhe depois os protestos vivos e desembaraçados.

- Ó seu alma do diabo, você cuida que isto é comida de cães ?

Todo o eito se ria, a moça continuava a distribuir as tigelas, e a fome, a fadiga, a injustiça, e as demais inclemências da natureza e dos homens, ficavam esquecidas por um momento.

- Toma lá tu, meu pinga-amor!

Era a vez do Julião, e o rapaz, que de facto olhava a Margarida com olhos de carneiro mal morto., não resistiu à tentação de lhe tocar no seio com as costas da mão.

- Ó meu leproso dos infernos! Olha que eu atiro-te o cesto ao focinho!

Houve um largo riso de galhofa, mas houve também um estalo na consciência do Julião. Leproso!

A sua íntima inquietação, a sua desconfiança contínua e já velha, ouviam pela primeira vez uma resposta, trágica como uma sentença de condenação: leproso!

Havia muito que qualquer coisa em si medrava como o Fungo nas espigas verdes. Cresciam-lhe na cara gomos de carne dura, insensível e vermelha. Desconhecia, porém., a gravidade do mal, e ninguém, até ali, tivera a crueldade de lho nomear. Amofinado de angústia, estudava ao espelho, com miúcias de investigador, as subtis modificações da expressão, a transfiguração progressiva do rosto, mas o chamadoiro da sua desgraça era um mistério. E o que o coração temia sem saber, o que a razão não descobrira claramente, estava ali irreparável e cruel: leproso!

Calou-se, engoliu a custo duas garfadas, foi pôr a malga quase intacta no cesto, e sentou-se a uma sombra, a bater estupidamente com um pedaço de pão no moirão da ramada.

- Ó Julião, tu parece que não esperavas pela resposta? - gracejou um companheiro.

- Não... Eram todos amigos, daquela amizade possível entre gente rude e sacrificada, sem licença para aventuras intensas do coração e do entendimento. Escravos de uma terra hostil e de uma sociedade hostil, simples e toscos instrumentos de produção nas mãos injustas da vida, como poderiam eles descer à grande fundura dos sentimentos limados e gratuitos? Gostavam dele como de um camarada de suor, prontos evidentemente a abandoná-lo se lhes disputasse a bica de água ou a sombra do descanso.

- Não faças caso, homem! Mas também eles tinham ouvido a palavra reveladora, e também eles acordavam para uma compreensão exacta do seu significado. E ao despegar, à noite, havia já em todos um sentimento de cautela, de resguardo, que insensivelmente os ia afastando dele como de coisa imunda e contagiosa.

- Hoje na cava, à hora do almoço, a Margarida chamou leproso ao Julião. E, se calhar, aqueles nascidos na cara...

Diziam isto ao lume, na paz da cepa a arder e da candeia de azeite a bruxulear. Mas as palavras traziam dentro uma tal guerra, um tão grande poder de expansão e de voo., que no dia seguinte, pela boca da mulher do Carriço, corriam a aldeia de lés a lés.

- Leproso?! Santíssimo, Sacramento! E a gente a comer com ele do mesmo prato!

Era um toque a rebate de cima a baixo, uma instintiva solidariedade de defesa da tribo.

- Jesus, Maria! Lepra! E abruptamente, da noite para o dia, o Julião encontrou-se só, danado, excomungado, olhado como um inimigo repelente.

- Então vossemecê não precisa de gente para a malhada?

- Não. já tenho.

- E de um homem que lhe roce mato?

- Também não. Este ano remedeio-me assim. Batiam-lhe com a porta na cara, sem piedade, cruel e friamente.

- Tu chega-te para lá! - gritou-lhe o Travassos, em plena feira, quando ele se aproximava de uma saca de pão.

Ainda lhe passou pelos olhos um relâmpago de sangue. Mas acabou por reconhecer que, desgraçadamente, o outro tinha razão. O seu mal pegava-se e era a praga mais negra que se podia rogar a alguém. E., em vez de reagir, começou a miná-lo uma tristeza resignada, apática e cheia de perdão. Ou da fraqueza que sentia, ou da doença, ou a malucar na sorte, passava os dias deitado ao sol, numa aceitação mansa da condenação.

- Então tu ficas assim, não dás um passo para te tratar?

Foi um velho, o Januário, que teve a humanidade destas palavras. Talvez porque a vida já lhe pesava pouco e começava a ver o destino de cada alma a uma luz transcendente,

rompeu a muralha de nojo, que a povoação construíra à volta do infeliz, e chegou-se a ele com este bálsamo.

- Vai ao médico, homem! Pode nem ser o que dizem... E, se for, tratas-te. Hoje cura-se muita coisa. Dás entrada num hospital...

O Julião ouvia-o como se as palavras que dizia tivessem um som doirado e viessem de mundos só de paz e de amor. Há muito que se esquecera da antiga e natural voz humana, quente e aproximadora. Só se lembrava do gume das últimas ofensas, do círculo de rumor hostil que o rodeava.

- Ó ti Januário, bem haja! Bem haja!

O outro partiu, e ele ficou a relembrar a doçura do conselho, a encostar todas as chagas à suavidade daquela ternura.

- E é que vou mesmo! - disse por fim com decisão, como se quebrasse corajosamente invisíveis amarras que o prendessem.

Estava fraco e maltrapilho. Mas, com as fracas forças e a fraca roupa, lá se arrastou a Sanfins e bateu à porta do doutor, que o atendeu da janela.

- Queria consultar vossa senhoria...

- Muito bem, desço já. Antes mesmo de se queixar, leu a sentença nos olhos arregalados e perscrutadores do médico.

- Donde é você?

- De Loivos.

- É curioso que nunca lá vi casos destes... Há quanto tempo isto lhe apareceu?

- Sempre é lepra?

O médico olhou-o, coçou a cabeça, pôs-se a mexer nos papéis da mesa, e acabou por dizer a triste verdade.

- Pois é, é... Infelizmente, é.

Nem falaram de remédios, nem de hospital, nem de nada. Despediram-se o mais tristemente possível, sem o doente perguntar quanto devia e sem o médico indicar o que era conveniente fazer. Ambos se resignavam sem luta àquela fatalidade monstruosa. O doutor ficava com o nome miraculoso e com a sabedoria inútil; o gafado, ia mostrar ao mundo, de mão estendida, a sua repugnante desgraça.

Propriamente em Loivos davam-lhe pouco.

O facto de ser da terra, um testemunho, portanto, de que nela cresciam tão negros males, e um sentimento estranho de defesa irracional impediam-nos de qualquer acto genepso para com ele. Mas os povos em volta, precisamente por razões opostas, recebiam-

no caridosamente, solidários com uma dor que não lhes envergonhava o berço e os comovia apenas durante os segundos de um padre-nosso.

Uma estranha mudança se operava entretanto na alma de Julião. À medida que o tempo passava e que a doença se tornava mais evidente, nascia-lhe um maior apego à vida. E também, com o andar dos tempos, uma raiva funda a Loivos lhe crescia no peito. À primeira aceitação pacífica e humilde da reacção desumana do povo, sucedera-se uma consciência clara e pungente de aviltamento injusto. Não tinha culpa de semelhante miséria. Uma fatalidade superior a todas as forças escolhera-o para vítima indefesa. E os amigos, os vizinhos, a gente com quem nascera, brincara, mourejara de manhã à noite, corriam-no do afecto e das portas como um cão danado! ódio. ódio era o que lhe pedia hora a hora o coração, outrora limpo e generoso, e agora a empurrar um sangue podre e abjecto. E entre este rancor aos que no passado amara, e a procura contínua de qualquer remédio impossível que o livrasse da pesada cruz, passava o tempo.

- Você já experimentou azeite? - perguntou-lhe um dia em S. Cibrão uma velhota. - Dizem que é como quem dá um talhadoiro. Tem é de se tomar um banho nele.

A economia de pedinte que o Julião organizara metodicamente permitira-lhe já ensaiar mil mezinhas, um ror de drogas, e consultar até a santa de Nogueiredo. Melhoras nenhumas, infelizmente. Mas, quanto mais a via fugir, mais amava a vida. Caíra-lhe ainda há pouco o polegar direito, a cara, inchada, nodulosa e deformada, dava-lhe um estranho e horrível ar de bicho, não sentia pedaços inteiros do corpo. Amava, contudo, o mundo e queria continuar seu filho. Do fundo do poço onde dia a dia iam ficando enterrados, os seus olhos cada vez gostavam mais de ver a clara nitidez do sol.

- E que azeite é? - perguntou, com a sofreguidão que punha sempre em cada esperança nova.

- Azeite natural, da comida. Azeite.

A colheita do ano fora escassa e a região de Loivos não era rica em olivais. O Julião, porém, com manha, lamúrias e algum dinheiro, lá conseguiu que em Paradela lhe cedessem um cântaro dele. E já na semana seguinte pôde usar a receita.

Foi em plena serra e no. tanque da fonte da Senhora da Agonia que fez a aplicação. Esvaziou o depósito de pedra, tapou-o, deitou-lhe dentro o líquido milagroso, e despiu-se, seguro que ninguém o surpreenderia, porque escolhera a hora da sesta e a capela ficava num ermo. Só ele e a santa podiam olhar aquele monte de carne a apodrecer, a despegar-se, e ao mesmo tempo a dar uma impressão grotesca de renovo, numa proliferação desconforme.

Do mocetão que fora há pouco tempo ainda, restava agora um trambolho, engelhado aqui, balofo adiante, comido de mal da raiz à ponta. Os pés eram patorras informes, onde não se viam unhas nem veias; as pernas, ulceradas, pareciam pinheiros cascalhudos, sangrados sem piedade; no peito, medravam a esmo caroços,, sôfregos como cogumelos num toco carunchoso. Mas no rosto é que os estragos da devastação se mostravam mais cruéis. Dir-se-ia que lhe tinham colado à cara natural bocados toscos de barro vermelho, numa tentação demoníaca de caricatura impiedosa. Nenhuma imaginação humana, por mais rica e ruim, seria capaz de deformar tanto a fisionomia dum ser.

Mas ainda assim o Julião teve fé. Olhou-se compassivamente, deixou que duas lágrimas rolassem vagarosamente dos olhos inflamados por sobre os tortulhos dos malares, e meteu-se dentro da pia.

O azeite fino de Paradela brilhava ao sol como um loiro e delido mel. E o corpo podre, daí a nada, coberto dele, era uma estranha fonte, a deixar escorrer em cascata fios leves e ligeiros, que a luz tornava quase irreais.

Infelizmente, as chagas e os bubôes da lepra foram insensíveis ao banho purificador. E o Julião, depois de alguns dias de esperança, incerteza e desilusão, esqueceu-se de si e da sua tragédia, para começar a pensar noutra coisa: reaver os cinquenta mil reis que dera pelo remédio enganador.

Na mesma vasilha onde o trouxera de Paradela, aí o tinha ele, um pouco minguado, é certo, mas transparente e perfumado. Quem seria capaz de lho comprar?

Pensou, pensou, e o ódio cada vez mais vivo que tinha a Loivos mostrou-lhe a solução do caso. O Nunes, pois quem havia de ser?

Pela calada da noite, meteu-se a caminho. E quando o dia rompia fresco e limpo, estava ele à porta do vendeiro a oferecer a mercadoria.

- Não compro coisas roubadas - disse o Nunes, com a alma de traficante a fazer contas ao lucro.

- À salvação que não é roubado! Foram-me dando umas pingas, juntei-as, e agora vendo-o por inteiro. Há-de faltar pouco para um cântaro...

- Ora deixa lá ver... - É fino que lho digo eu... - É de azeitonas, olha a riqueza! E não chega à medida... Se queres trinta mil réis... E é se me garantes...

- Então se eu o fosse roubar, não roubaria o cântaro inteiro? Valha-o Deus!...

Os trinta escudos entraram no bolso sujo do Julião, o liquido sumiu-se na fimdura de uma talha, e a vida continuou.

Mas depois de o azeite consumido no caldo verde que Loivos comeu nessa semana, sem se saber de onde vinha nem de quem, uma notícia aterradora começou a correr de boca em boca:

- O Julião tomou banho num almude de azeite e vendeu-o depois ao Nunes...

- Ó mulher, nem a rir me digas isso!

- É verdade!

Ficavam como petrificados, invadidos de nojo, agoniados, a deitar contas à última almotolia que tinham comprado. E no fim, quando a dura certeza se lhes impunha, queriam arrancar o estômago, as entranhas, purificar-se da peçonha, vomitar no mesmo instante a lepra de que já se sentiam contaminados.

- Excomungado seja ele nas profundas dos infernos! Que nem os ossos lhe tenham descanso na sepultura! Que nem a terra o coma!

Eram pragas desmedidas,. impotentes, saídas de todas as bocas e de todos os corações. Ninguém se lembrava de fazer um exame de consciência a ver se alguma razão poderia atenuar as culpas do desgraçado. Cegamente e instintivamente, atiravam-lhe as piores pedradas que podiam, somente a espumar e a ranger os dentes.

Passada essa hora de pânico, começou a devassa cautelosa ao número exacto dos consumidores do veneno. Prudente, a terra queria saber ao certo quem era puro ou impuro.

Para agradar aos mais poderosos, que melhor o podiam defender da ira dos outros, o Nunes ia revelando à boca pequena o nome de alguns fregueses a quem vendera da negregada mixórdia. E cada denúncia aumentava o monturo intangível dos condenados. Até que ao fim de pouco tempo contavam-se pelos dedos as excepções. Ou porque o Nunes mentia, ou porque os sujos queriam conspurcar os limpos, ou porque é uma natural tendência dos homens baralhar o jogo, e morra Sansão e quantos aqui estão, segue-se que em breve já não se sabia verdadeiramente quem em Loivos estava maculado ou não. E o recurso era vigiarem-se mutuamente, e cada qual a si mesmo., calados, sorrateiros e apavorados. Esperavam todos pelo brotar da semente maldita que a mão excomungada semeara neles.

Mas como ninguém, ao fim de um espaço que lhes pareceu de pesadelo, apareceu com sinais do mal, e como as sachas, as regas, as malhadas e as romarias podiam mais do que uns simples litros de óleo engolidos e digeridos, a luz do caso começou a apagar-se.

Estava contudo cada vez mais aceso o rancor ao Julião. Ao labéu infamante do seu mal nado e criado no povo, juntara-se o pecado mortal do atentado contra a existência de cada um. E a terra inteira, irredutivelmente, determinou que aquele filho vil nunca mais lhe pisasse o chão.

Cada vez mais repugnante, o leproso continuava a esmolar pelas redondezas. Depois das crianças, eram agora os adultos que lhe fugiam horrorizados. E a esmola vinha-lhe na ponta dos dedos, ou caía das varandas na copa furada do chapéu. Mas insistia em viver, agradado dos montes, da neve, das árvores, da vida, afinal. A consciência do que fizera àqueles que por ser infeliz o renegaram., arredava-o, temeroso, dos termos do lugar nativo. Olhava de longe a povoação e, embora odiasse os homens, sentia uma ternura singular pelos pardieiros onde o tempo pusera uma beleza que não encontrava em mais parte nenhuma. Fugia contudo dela como de uma perdição.

- De onde é você?

- De Loivos.

E continuava a caminhar no sentido oposto das palavras.

Não estava velho ainda. Se o dedo do destino não lhe tivesse tocado, seria agora um homem no vigor dos anos, cheio de seiva madura e De serena esperança. Mas desmantelado pela gangrena, putrefacto e repelente, via a morte aproximar-se dele minuto a minuto.

Foi num Agosto quente, seco, que sentiu a sombra da sua derradeira hora. E, por mandato de uma força imperiosa, começou a arrastar-se em direcção ao berço.

- Então vossemecê que tal vai? - perguntou-lhe no Fetal uma alma compassiva.

A laringe roída mal podia falar. Regougou:

- Malzinho. Na última.

E lá continuou a empurrar os cepos das pernas e a cabeça medonha e pesada, de abóbora porqueira criada em terra de ruim amanho.

Entrou na povoação depois da merenda, quando todos regavam.* Só a Zulmira lavava roupa no tanque do largo. Mas a rapariga deu tal grito ao vê-lo, chegou à veiga tão espavorida, que daí a nada, por toda a parte corria gente a acudir. Largavam a água ao Deus dará, deixavam os milhos a estornicar ao sol, e galgavam paredes, saltavam valados, cegos atrás do nome do leproso.

O Julião, entretanto, tivera a noção do perigo em que se metera. E, embora viesse ao encontro da sepultura, por um instinto rudimentar de conservação, virou de rumo e sumiu-se o mais depressa que pôde nos matagais da Bouça.

- Que direcção levava?

- Ia pela rua acima - gritava a cachopa, ainda a tremer.

Farejavam desvairados pelos soutos, pelas vinhas, como quem procura um lobo culpado de mil crimes. Armados de forquilhas e de enxadas, batiam maciços, procuravam nas minas, numa excitação raivosa de cães de caça.

- Ele aí está! - denunciou por fim, triunfante, o Carvalhosa, que tinha sido companheiro do Julião nos dias longínquos do Doiro, e que havia comprado de certeza do azeite infernal.

- Aonde?

- Ali! Não se via vulto nenhum. Apenas o mexer contínuo e linear das urgueiras pelo monte fora revelava a passagem por entre elas de alguém que caminhava lentamente.

- Corram alguns pelo ribeiro e outros subam ao barranco!... - gritou o Lúcio, que os comandava.

- É escusada esta trabalheira toda - disse então sinistramente o Ambrósio. - Liquida-se o caso de outra maneira. Quem tem fósforos?

- Eu - respondeu o Alípio sem pensar.

- Dá cá.

Só então compreenderam claramente a intenção do outro. Nos seus corações não estava o castigo tão definido. Mas nenhum quis dar provas de fraqueza ou mostrar falta de zelo pelo bem de Loivos. De resto, a primeira carqueja ardia já.

E foi uma embriaguez de vingança e de animalidade. Uma vez que a fogueira se erguera, todos a queriam atear mais, cegos de calor e de irresponsabilidade. Os codessos desapareciam devorados pela boca das chamas, nuvens de fumo levantavam-se e abriam-se em clarões, e os homens uivavam, gritavam, praguejavam, possessos de crueldade.

- Depressa! Acende ali! Atrás do Julião o rio de lume rolava como uma avalanche. E o leproso fugia àquele castigo terrível com as forças que lhe restavam, a espetar o toco dos pés nos tojos arnais.

Com ramos secos acesos iam rodeando o monte de pequenas labaredas, que começavam indecisas, fumarentas, e acabavam por se levantar fortes e devoradoras.

- Está cercado! - exclamou por fim o Ambrósio, seguro do êxito, ao ver a roda de lume a apertar a encosta. - Pode correr e saltar, que já não foge.

Alguém, na aldeia, sem ordem do prior, tocava os sinos a rebate. Um alarido de festa circundava o incêndio, que até no céu refulgia abrasador.

- Agora que encomende a alma a Deus...

Exausto, sem uma aberta de esperança, sufocado, o Julião lutava sempre. Células aparentemente mortas acordavam, os nervos destruídos pareciam sentir e reagir, e os olhos, quase cegos, abriam-se num esforço derradeiro para descortinarem um caminho de salvação. O mar de labaredas, porém, era redondo. E quando a fogueira lhe apertou o garrote, deixou-se finalmente cair.

Apesar da palavra maldita que ouvira na mocidade, nunca esperara uma morte assim. Contudo, aceitava agora em paz que ela viesse coroar uma luta tão dura e sem perdão.

- Pronto! - gritou o Ambrósio, num remate que exprimia o alívio de todos. - já está.

A derradeira ilha de mato acabara de arder e a multidão correu insofrida sobre o chão ainda a fumegar.

Mas o corpo do Julião não estava inteira- mente desfeito como desejavam. Era um grande e negro tição, que dificilmente se distinguia do tronco de um sobreiro mal queimado.

## Destinos

Foram uns amores singulares, aqueles. No Junho, as cerdeiras punham por toda a veiga uma nota viva, fresca e sorridente. As praganas aloiravam, as cigarras zumbiam, as águas de regadio corriam docemente nas caleiras, e dos verdes maciços de folhas leves e ondulantes, emoldurados no céu, espreitavam a primavera, curiosos, milhares de olhos túmidos e vermelhos. Era domingo. E ele subira por desfastio à velha bical dos Louvados a matar saudades de menino.

- Não dás um ramo, ó Coiso? - perguntou do caminho a rapariga.

- Dou, dou! Anda cá buscá-lo. Pela voz, pareceu-lhe logo a Natália. Mas só depois de arredar a cabeça de uma pernada é que se confirmou.

- Não estás de caçoada?

- Falo a sério!

Era bonita como só ela. Delgada, maneirinha, branca, e de olhos esverdeados, fazia um homem mudar de cor.

- Olha que aceito!

- E eu que estimo...

Tinha já no chapéu algumas cerejas colhidas, reluzentes, a dizer comei-me.

- Não teimes muito...

- Valha-me Deus!...

A rapariga atravessou então o valado, entrou na leira e chegou-se, risonha.

- Segura lá na abada... Encandearam os olhos um no outro, ela de avental aberto, ele de rosto afogueado, deram sinal, e a dádiva desceu, generosa e doce.

Vista de cima, a Natália ainda cegava mais a gente. O queixo erguido dava-lhe um ar de criança grande; os seios, repuxados, pareciam outeiros de virgindade; e o resto do corpo, fino, limpo, tinha uma pureza de coisa inteira e guardada.

- Terão bicho?

- Têm agora bicho! Ia-te mesmo dar cerejas com bicho!

Sem querer,, a resposta saíra-lhe expressiva demais. O coração agitou-se um pouco, o instinto, acordado, estremeceu, e os olhos, culpados, fugiram-lhe do rosto da moça e fixaram-se sonhadoramente no céu.

- Bota cá mais meia dúzia. Já que comecei... À medida que se enfarruscava de sumo, a Natália ia-se tomando também num fruto que apetecia colher. Mas recusou-se a vê-la com pensamentos desejosos e atrevidos.

- Segura lá esta pinhoca...

Era um lindo ramo que fora buscar à coroa quase inacessível da árvore. As cerejas, libertas da sombra protectora das folhas, tinham-se dado inteiramente ao sol, deixando-se amadurecer por igual, num abandono quente e ditoso.

- Que lindo! - É para que saibas...

Concentraram a atenção um no outro, e de tal modo ficaram fascinados, que se ela não dá um grito de aviso, com a oferta vinha o doador também ao chão.

- Cautela!

- Não há perigo.

No enlevo em que ficara, o desgraçado até se esqueceu do sítio onde estava.

- Queres mais? - Não, bem hajas...

Pôs-se logo a descer, um pouco atarantado por lhe faltarem já as palavras que lhe havia de dizer cá na terra. Ela é que entretanto se escapulira. .- Adeus!...

O namoro, contudo, tinha começado. Sem nunca falarem daquela tarde, sabiam ambos que se amavam e que fora a velha cerdeira bical que lhes aproximara os corações. Pena elo ser o que era: uma natureza tímida, incapaz de um acto rasgado e levado ao fim.

Falavam ao cair da tarde, quando a fresca do anoitecer aligeirava o cansaço das cavas, sem que ninguém reparasse, pois a povoação aceitara já aquela união como um facto natural e acertado - e o rapaz ainda a meio do caminho, atarantado e reticente.

- Que diz vossemecê? - perguntava ele à mãe, à pobre Teodósia, que não via outra coisa na vida senão a felicidade do filho.

- A mim agrada-me... É boa rapariga, e limpa, é jeitosa...

- Lá isso...

Dizia, e ficava-se calado, indeciso entre o sonho e a realidade.

- Fala à gente!

Era sempre a Natália a começar, como no dia das cerejas. Por mais que fizesse, nunca ele se atreveria a dar o primeiro passo. Só quando a rapariga quebrava a distância é que o coitado se abria num contentamento sem medida., tonto e novo como um cabrito. Mas nunca passava de coisas vagas e enternecidas. As palavras concretas magoavam-lhe a boca.

- Ainda não lhe falaste em nada? - Indagava a Teodósia, insárida.

- Não. Mas amanhã...

- Ou quererás tu antes que eu lhe diga... ?

- Melhor fora! Valha-a Deus! Isso até era uma vergonha!

Lá conhecer os pontos de honra de um homem, conhecia-os ele. A coragem é que não chegava à altura do entendimento.

Infelizmente, a vida não podia parar naquela lírica indecisão. Os meses passavam, as folhas caíam, e outros renovos vinham povoar a terra.

- O João Neca esperou-me ontem à entrada do povo... - começou a Natália, à saída da missa.

- Ah, sim? E depois? - perguntou ele, a sentir o sangue subir-lhe à cara.

- Pediu-me namoro... - deixou ela cair com melancolia.

Era justamente altura de lhe dizer tudo, que a não podia tirar do pensamento, que só quando a levasse ao altar teria paz, que não seria nada no mundo sem os seus olhos verdes ao lado. Mas ainda desta vez o ânimo lhe faltou.

- Bem, tu é que vês... Ele não é mau rapaz...

Rasgava-lhe conscientemente o coração com semelhante aquiescência, porque tinha a certeza que desde a primeira hora o amava também. A coragem é que não era capaz doutra coisa.

- Eu queria lá um farçola daqueles! Estou muito bem assim...

Puras palavras de desespero. Tanto ela, que despeitada as dizia, como ele, que culpado as provocara, sabiam que eram o fruto de uma revolta impotente e destinada a morrer.

A pobre Teodósia é que lutava às claras. E dias depois já estava a picar o filho:

- Sabes o que me disseram hoje na fonte?

- Que a Natália tem namoro com o João Neca... - respondeu, vencido.

- Nem mais.

- Pois tem...

- Já sabias?! Então... e tu? Não a queres? Ou foi ela que te deixou ?

- Eu sei lá o que foi...

Dali em diante parecia viver de alma viúva. E a alegria do rosto da rapariga cobriu-se também de um negro véu de desilusão. Passavam um pelo outro e comiam-se com os olhos. Mas nem ele lhe falava no seu amor, nem ela rasgava já a frágil teia de separação.

- Casam-se para a semana... - ia esclarecendo a Teodósia, como um remorso.

- Já sei.

- O padre leu hoje os banhos...

- Pois leu... Era uma resignação que quebrava a gente, e desarmava. E a velha não encontrava outro alivio senão chorar.

- Morria por ti! - disse-lhe numa manhã, que podia ser de felicidade para os três., e se transformara num pesadelo.

Os sinos tocavam festivamente, ia por toda a aldeia um alvoroço de noivado, e só naquela casa a tristeza se aninhava sombria e desamparada a um canto.

- Também eu gostava dela...

Era outra vez Junho, as searas aloiravam já, e nas cerdeiras, polpudas, rijas, as cerejas tomavam uma cor avermelhada e levemente escarninha.

## O Lopo

- Perdeste - anunciou sem rodeios o Dr. Canavarro, quando o Lopo entrou.

- Oh, senhor doutor, nem a brincar!

- Perdeste - reforçou o advogado, a fazer balançar o mata-borrão sobre a banca. E acrescentou: - Recebi ontem à tarde a notícia da sentença. Tive de telefonar para Lisboa, e disseram-me do Tribunal.

O Lopo, que desde as primeiras palavras estacara à entrada do escritório, mordeu o beiço por debaixo do bigode espesso, pôs-se a desandar o chapéu na mão e ficou assim um pedaço. Por fim, lá conseguiu abrir a boca.

- Então perdi?!

- É como dizes.

- Custas e tudo?

- Tudo.

- Bem, pronto, não se fala mais nisso. E muito obrigado. O outro já saberá?

- Não. A notícia só lhe deve chegar de aqui a dois ou três dias. Eu soube-a particularmente.

- Então dou-lha eu...

O velho dr. Canavarro parou de embalar o bloco e fitou o Lopo. Depois, calmamente, perguntou-lhe:

- Tu não estás de mal com ele?

- Estou, mas que tem lá isso? As pazes fazem-se depressa. Ganhou, que hei-de eu fazer? Digo-lho...

- Bem, arranjai-vos lá. Quarta ou quinta da semana que vem., aparece, para se ver quanto deves. Sabes que a justiça não perdoa...

- Há tempo...

- Olha que eles gostam pouco de esperar

- Esperam...

O Dr. Canavarro, através dos óculos, ia lendo no rosto anguloso do Lopo o significado de cada palavra que dizia.

- Quarta ou quinta- insistiu.

- Pode calhar - respondeu o outro, já com metade do corpo fora da porta.

Era Janeiro e a manhã parecia de Maio. Um sol branco, diáfano, fazia brilhar as clarabóias da Vila, cobertas da geada da noite. Pelas ruas a cabo, gente de sobretudo passava apressada.

- Vamos comer alguma coisa? - propôs o Marrau, que o esperava no estanque do Castro.

- Pode ser. Nada na figura e nos modos do Lopo denunciava o desespero que o lavrava.

- Em casa da Areias?

- Está bem.

- Se houvesse tripas, é que era! - lembrou o outro, guloso.

- Talvez haja. Mas não havia.

Tenho raia - informou a estalajadeira, a limpar as mãos gordurosas ao avental.

- Fumega?

- Isso é cá comigo... - respondeu a velha, num sorriso que fazia crescer água na boca.

- Pois venha ela!

Sentaram-se os dois a uma mesa coberta de oleado aos quadradinhos e almoçaram como príncipes.

- Vai uma cigarrada ? - ofereceu o Marrau no fim., depois de a conta paga.

- Uma vez por festa - aceitou o Lopo, com bonomia. - E deixo-te - acrescentou.

- Homessa! Cuidei que íamos juntos mais...

- Já fiz o que tinha a fazer e vou andando.

- Eu também pouco me demoro. É só ir às Finanças pagar a décima...

- A repartição não abre antes das duas. Fica-me tarde.

Disseram até logo à saída da porta, e enquanto o Marrau, desapontado, cortou a direito em direcção ao centro da Vila, o Lopo meteu pela calçada que levava à ponte e ia acabar na estrada de Carvas.

Pelo caminho, duas léguas bem medidas de serras e de carvalhais, nem o ar lavado das fragas nem a serena calma de tudo conseguiram arredar o Lopo das suas cogitações. Andava ligeiro, aéreo, sem ouvir as tachas das botas de atanado a rilhar o macadame. Mas só por dentro é que ia assim. Por fora, respondeu a todas as pessoas que encontrou e o salvaram, e em Lobrigos, seco dos finos da raia, bebeu um quartilho, sem que o taberneiro desse conta de qualquer nuvem a turvar-lhe o semblante.

- Então adeus, ti João!

- Adeus., Manuel. Vais-te chegando ao borralho?

- Não há remédio... - respondeu, já na rua.

Até Carvas foi o mesmo quebra-cabeças. Os montes iam passando, o rio Verdeiro cachoou-lhe nos ouvidos, levantaram-se perdizes a dois metros., e o Lopo sempre a andar, calado e sério.

No Caleirão deixou a estrada e meteu pelas matas. Depois desandou à esquerda, atravessou o souto do Ró, e chegou à entrada da mina que lhe fora roubada.

Da boca escura que abrira na fraga, a picareta e a dinamite, Deus sabe com quanto suor, saía um bafo quente como o de quem respira.

O cascalho,, o saibro e o lodo que arrancara às entranhas da serra tinham ainda a cor e o cheiro de carne dilacerada. E o rego de água que, cauteloso, saía da escuridão, e a cantar se punha a correr pela encosta abaixo, era como que uma veia aberta do seu próprio corpo.

Religiosamente, debruçou-se sobre o regato, meteu nele a mão calosa, encheu-a, e deixou cair em cascata a liquefeita frescura de três meses de trabalho.

- Cá fica... - murmurou.

E ergueu-se. Se aquela visita íntima e secreta o comovera, estava de novo sereno e senhor de Si. Pelo menos em casa também a mulher, como os outros, não lhe notou qualquer alteração.

- Já vieste?! - admirou-se ela, ao vê-lo chegar tão cedo.

- Vim... - respondeu, naturalmente. - Arranjei o que tinha a arranjar apenas cheguei, que ficava lá a fazer ?

- E então? Que disse o advogado?

- Ainda não sabe nada. A tarde desceu serena, a esfriar de hora a hora e a levedar um segredo profundo, calmo, de toda a natureza.

- Boa noite!

- Boa noite, senhora Dona Rosa.

Era a professora de Guiães que passava de cadeirinha, empoleirada na burra do Amarante, e o Lopo, depois de corresponder ao cumprimento, voltou novamente a olhar as favas que despontavam no quintal.

- Manuel, posso lançar o caldo?

- Podes. Entrou, sentou-se, pegou na malga e começou a comer, enquanto lá por dentro continuava na sua labuta. Mas a mulher, que lhe conhecia o feitio ensimesmado, não deu por nada.

- Demoras-te ? - perguntou no fim da ceia, ao vê-la avivar o lume.

- Tenho ainda que lavar a louça.

- A modos que me está a dar o sono...

- Mete-te na cama.

A Rita ficou a cirandar pela casa, e quando se foi deitar já o encontrou a dormir, tão imóvel e repousado no seu canto que nem a sentiu.

Ao romper do dia, como habitualmente, ergueu-se ele primeiro. Lavou-se, tirou da arca a costumada côdea de pão, matou o bicho com aguardente, e foi à sala buscar a arma.

- Vou dar uma volta.

- Hoje?! Cuidei que escavavas o bardo...

- Vou... Parece que anda uma lebre na Alcaria...

Ao vê-lo atravessar o quinteiro e seguir pela quelha abaixo sem assobiar ao cão, a Rita estranhou. Mas não fez mais caso.

Embora o dia começasse apenas a clarear, mostrava já o que viria a ser: ainda mais escarolado de que o anterior e mais frio. Bom tempo para saibrar e repor. Não havia memória dum inverno tão seco e tão gelado. Nas poças de água o codo era de palmo.

O carreiro da veiga por onde o Lopo meteu parecia de cristal. E cada passo que dava ia libertando as ervas que o sincelo prendera. Caminhava ligeiro, atento, com a espingarda pendurada ao ombro pela bandoleira, de canos voltados para o chão. Não queria ser visto e em Carvas a vida principiava cedo. Felizmente, quando a manhã se abriu de todo, e o leque de povo se abriu também nas leiras, já ele se distanciara da zona de perigo.

Situada no termo da povoação, a quinta dos Balaus era uma propriedade vedada, onde o Sr. Casimiro, o homem que lhe tinha roubado nos tribunais a posse da mina, mourejava de sol a sol. Na ocasião, podava à beira da estrada a vinha nova, toda enxertada de moscatel, donde saíam dornas e dornas de uvas, no Setembro. Rico e manhoso, movia montanhas a cavar o dia inteiro, sem ninguém descortinar como conseguia ter Portugal nas mãos quase sem sair da terra.

Do alto da Silveirinha, o Lopo, lobrigou-lhe o vulto ao fundo, debruçado, maciço, ainda mal desenhado na penumbra da manhã. Fez de conta que nada e continuou a caminhar mergulhado nos seus pensamentos.

Passada a encruzilhada de Fermentões, a estrada afundou-se entre barrancos. Só ao cabo de mais de cem metros é que novamente o horizonte se rasgou. Mas apenas dum lado. Porque do outro erguia-se agora o muro da quinta, por detrás do qual o ladrão do seu trabalho tirava os olhos cegos às videiras.

Chegou-se adiante, ao portão, espreitou por entre as grades, e calculou exactamente a que sítio do caminho vinha ter uma perpendicular tirada do sujeito. Depois, sem pressas, chegou-se a esse ponto e subiu à parede.

Agachado e embrulhado no varino, a crucificar o presente em nome do futuro, o senhor Casimiro lá continuava no seu afã de impor ao sono das cepas um despertar fecundo. Tanto empenho punha no trabalho que nem dava conta do que se passava à volta. E foi preciso o Lopo gritar duas vezes para que sentisse ruído e se erguesse a ver o que era.

- Sou eu - disse-lhe então o Lopo, direito em cima do muro, com ele já no ponto de mira.

- Sou eu que lhe trouxe este recado da Vila...

O tiro partiu, o podador caiu de bruços sobre a videira, e o sol por detrás dos montes começou a tentar encher o dia de inverno de uma luz doirada de primavera.

O Lopo, então, saltou ao caminho, regressou a casa pelo Lenteiro, depois de atirar a caçadeira a um poço, e falou assim à mulher:

- A questão está perdida e o ladrão já foi prestar contas a Deus. Sigo agora para Fermentelos, a ver se o Grilo me arranja dinheiro e passo a fronteira ainda esta noite. Embarco em Vigo. Não levo nada, para ir mais leve e ninguém desconfiar. Tu ficas aqui, muito calada, até eu dar notícias. Adeus, e não chores.

## O Sésamo

- Abre-te, Sésamo! - gritava, o Raul, no meio do silêncio pasmado da assistência.

A fiada estava apinhada naquela noite. Mulheres, homens e crianças. As mulheres a fiar, a dobar ou a fazer meia, os homens a fumar e a conversar, e a canalhada a dormitar ou nas diabruras do costume. Mas chegou a hora do Raul e, como sempre, todos arrebitaram a orelha às histórias do seu grande livro. Em Urros, ao lado da instrução da escola e da igreja, a primeira dada a palmatoadas pelo mestre e a segunda a bofetões pelo prior, havia a do Raul, gratuita e pacifica, ministrada numa voz quente e húmida, que ao sair da boca lhe deixava cantarinhas no bigode.

"- Abre-te, Sésamo! - E o antro, com seu deslumbrante recheio, escancarou-se em sedutor convite..."

As crianças arregalavam os olhos de espanto. Os homens estavam indecisos entre acreditar e sorrir. As mulheres sentiam todas o que a Lamega exprimiu num comentário:

- O mundo tem cousas!... Urros, em plena montanha, é uma terra de ovelhas. Ao romper de alva, ainda o dia vem longe, cada corte parece um saco sem fundo donde vão saindo movediços novelos de lã. Quem olha as suas ruelas a essa hora, vê apenas um tapete fofo, ondulante, pardo do lusco-fusco, a cobrir os lajedos. Depois o sol levanta-se e ilumina os montes. E todos eles mostram amorosamente nas encostas os brancos e mansos rebanhos que tosam o panasco macio. A riqueza da aldeia são as crias, o leite e aquelas nuvens merinas que se lavam, enxugam e cardam pelo dia fora, e nas fiadas se acabam de ordenar. Numa loja de gado, ao quente bafo animal, junta-se o povo. Todos os moradores se cotizam para a luz de carboneto ou de petróleo, e o serão começa. É no inverno, nas grandes noites sem-fim, que se goza na aldeia essa fraternidade. Há sempre novidades a discutir, namoriscos a tentar, apagadas fogueiras que é preciso reacender, e, sobretudo, há o Raul a descobrir cartapácios ninguém sabe como e a lê-los com tal sentimento ou com tanta graça que ou faz chorar as pedras ou rebentar um morto de riso.

Daquela feita tratava-se de uma história bonita, que metia uma grande fortuna escondida na barriga de um monte. E o rapazio, principalmente, abria a boca de deslumbramento. Todos guardavam gado na serra. E a todos ocorrera já que bem podia

qualquer penedo dos que pisavam estar prenhe de tesouros imensos. Mas que uma simples palavra os pudesse abrir - isso é que não lembrara a nenhum.

Da gente miúda que escutava, o mais pequeno era o Rodrigo., guicho, imaginativo, e por isso com fama de amalucado. No meio de uma conversa séria, tinha saídas inesperadas e desconcertantes. Via estrelas de dia, que ninguém,, por mais que fizesse, conseguia enxergar, assobiava modas inteiramente desconhecidas, e desenhava no chão a cara de quem quer que fosse., o que era o cúmulo dos assombros. Enfezado., sempre a pegar com os outros e a berrar como um infeliz quando depois lhe batiam, ouvia do seu canto a leitura do Raul., maravilhado e a fazer projectos.

A fiada acabou tarde., com a assistência a cair de sono e a lutar para prender na imaginação aquela riqueza oriental enfragada. E de manhãzinha., o Rodrigo, contra o costume,, esgueirou-se sozinho para a serra da Forca atrás do rebanho. A história do Raul tinha-lhe encandescido os miolos. Necessitava por isso de solidão e de apagar o incêndio sem testemunhas.

A serra da Forca é longe e é feia. Tem pasto, mas de que vale ?! O passado deixou ali tanto grito perdido, tanto cadáver insepulto, tanta alma penada, que até mesmo as ladainhas da primavera se desviam e passam de largo. Mas é nos sítios assim amaldiçoados que o povo, talvez para as preservar da coscuvilhice da razão, gosta de plantar lendas bonitas e aliciantes. E vá de inventar que havia um tesoiro escondido naquele ermo de maldição. Encontrá-lo é que era difícil. Enterrado entre penedias, guardado por mil fantasmas, quem teria coragem de tentar a empresa? Ninguém. E o monte excomungado lá continuava azulado na distância, agreste e assombrado.

O Rodrigo, porém, resolvera quebrar o encanto.

E, às pedradas ao gado, ao nascer do sol tinha-o na frente.

Ia simplesmente rasgar o véu do mistério. Ia imitar o ladrão da história, com a diferença apenas de que uma vez dentro da caverna não se esqueceria, como o outro, das palavras mágicas que lhe assegurariam a retirada.

Das riquezas que encontrasse não sabia ainda o que fazer. Nem sequer pensara nisso, porque os tesouros não eram o seu fim verdadeiro. A sedução de tudo estava no prodígio em si, na fascinação do próprio acto assombroso que iria realizar.

E o pequeno, ágil e confiado, chegou ao alto, trepou à fraga maior e olhou em redor. A seus pés jaziam, caídos, os dois grossos pilares da forca, onde segundo a tradição tinham exalado o último suspiro todos os justiçados da montanha. Sentar-se neles, tocar-lhes, era ainda, dizia o povo, uma pessoa condenar-se a morrer de morte infeliz. Mas o Rodrigo trazia na vontade uma força que o preservava dessas contingências. A fórmula encantatória

brincava-lhe nos lábios finos e frescos de criança. E uma alegria imensa, pura, calma, arredou para longe os espectros patibulares que tentavam perturbar a grandeza daquela hora. Abrir um monte! Dizer com ânimo, e certeza duas palavras, e uma riqueza sem par oferecer-se passiva aos olhos da gente!

Para dilatar o gosto do poder que possuía (e talvez por um sentido íntimo de falência de que não tinha consciência inteira), prolongava o tempo. Murmurava mentalmente a ordem de comando que aprendera no conto, e cerrava os dentes para que a boca o não pudesse trair antes do momento escolhido.

O rebanho, esquecido do dono, pastava, alheio aos segredos da serra e do pastor. De quando em quando erguia-se do meio dele um balido solitário, mas era um apelo sem resposta.

- Vai ser agora! - disse o Rodrigo, alto, a resolver-se.

E com medo de a montanha fender precisamente pelo sítio onde estava, que era no pino e no meio da fraga mais alta, desviou-se um pouco para a esquerda.

- É por ali, com certeza... Media os penedos, calculava o tamanho do buraco, via de antemão as entranhas da terra expostas à luz do sol.

- E o gado? - lembrou-se então.

O gado pastava em baixo, num valeiro, em lugar por onde a imaginação mais ardente não podia fazer passar o prodígio. Mesmo que rolassem pedras, ou caísse a carvalha agarrada a um barranco, não havia perigo.

- Só se houver muito azar - rematou., a serenar os cuidados.

E de alma tranquila, mas a tremer de emoção, solenemente, o pequeno feiticeiro ergueu a mão e gritou:

- Abre-te, Monte da Forca!

A sua imaginação ardente acreditava em todos os impossíveis. Tinha a certeza de que o Sésamo da história do Raul existira realmente. Por isso ouviu com serenidade e confiança o eco da própria voz a regressar ferido das encostas. Tudo requeria o seu tempo.

Irreais, os horizontes perdiam-se ao longe, esfumados e frios. Vago, o rebanho, à volta, tosava a erva mansamente. Impreciso, o gemido da ovelha queixosa não conseguia transpor o limiar da consciência do pastor.

Transfigurado, o Rodrigo estava entregue ao milagre. Ordenara-o e esperava por ele.

- Abre-te, Monte da Forca! - gritou de novo, já enfadado de uma espera que não cabia na ilusão.

Qualquer coisa à volta pareceu tremer, e o coração do pequeno saltou.

- Abre-te! - reforçou, angustiado. Mas os horizontes começaram a tomar crueza e sentido, o rebanho avolumou-se, e o balido da ovelha aflita subiu mais.

- Era mentira! - e pelo seu rosto infantil e desiludido uma lágrima desceu desesperada.

- Era mentira... - repetiu, debruçado sobre a alta fraga, a soluçar.

Tudo nele tinha a verdade da inocência. Lograra e fora logrado já, mas no jogo dos botões e a esconder da mãe um novelo de linhas para a baraça do pião. Quando, porém, se tratava de cousas grandes como fábulas e mitos, a sua alma cândida não concebia que pudesse haver mistificação. E a primeira vez que tirava a prova àquela confiança, que tentara ver de perto a miragem, acordava cruamente traído!

Valeu-lhe a feliz condição de criança. Ele ainda a chorar e já a mão do esquecimento a enxugar-lhe os olhos. Breve como vem, breve se vai o pranto dos dez anos. A ovelha chamava sempre. E o balido insistente acabou por acordá-lo para a realidade simples da sua vida de pastor.

Ergueu-se, desceu da alta fraga enganadora, e, de ouvido atento, foi direito ao queixume.

- Olha, era a Rola... Um cordeiro acabara de nascer e a mãe lambia-o. O outro estava ainda lá dentro, no mistério do ventre fechado.

## Mariana

- Meu rico filho! Dava-o agora assim de mão beijada! Não que ele custou-me a parir e a criar!...

Julho, era por toda a parte a mesma verdura a ondular e a mesma esperança a sorrir. A terra bebia o sol e a humidade, espremia-se depois quanto podia, e atulhava o mundo de folhas, de flores e de frutos.

Mariana, com o filho ao colo de cabeça a reluzir, ia andando e monologando.

- Não me faltava mais nada! Tenham-nos. Façam por eles, ora o canudo!

No Caleirão, mesmo à beira do caminho, o Júlio Pessanha regava.

- Deus o ajude! - Vem com Deus... A enxada nas mãos do trabalhador deu o golpe, e a terra fofa, como uma mulher sôfrega de amor, bebeu de um trago a levada que a beijou. - Aonde é a ida? perguntou o Júlio, da leira, enquanto a nascente ia acalmando a embelga.

- Justes - respondeu Mariana, sem convicção. - Justes ou Gache, conforme.

Parara e olhava enlevada o rego de água a correr. Esteve assim algum tempo, enquanto o Júlio a olhava a ela por sua vez, abrasado de calor.

- São horas...

- Tens tempo, mulher!... Espera um migalho, que te acompanho até aí acima...

- O que você quer bem sei eu...

- E então... Mariana riu-se, meteu o bico do peito na boca do filho e esperou.

- São só mais três talhadoiros - prometeu o Júlio, apressado no desejo.

- Ande lá... Calma, sentou-se então numa anteira, com a mão direita a alisar docemente a penugem da criança. Depois, quando o Júlio acabou, ergueu-se e foi caminhando a seu lado, na paz simples de quem ia por bom caminho. Nas minas, pôs a criança à sombra de um carvalho, sobre o chaile, e deitou-se um pouco adiante entre as giestas, onde o Júlio a esperava já...

- Adeus - disse no fim, sem olhar o homem. - Então adeus...

Pelo caminho fora, na tarde quente, o seu corpo tinha agora uma frescura de terra molhada.

O filho, farto, dormia-lhe no colo. E Mariana, feliz, continuou o monólogo interrompido.

- Há cada uma! Dar-lhe o menino! Não faltava mais nada! Umas a tê-los e outras a gozá-los... A gente vê coisas!...

Na veiga de Justes, com olmos à beira do caminho, o corpo e as palavras que dizia perderam-se na sombra da ramagem espessa. E só três anos decorridos é que passou novamente por ali, agora acompanhada de duas crianças, uma menina de peito, e um pequeno, descalço e ruço, que ia levando pela mão.

- Deus o ajude! - Vem com Deus... Era o Joaquim Fortunato, no lameiro, a arralar milhão. Nos braços rijos do cavador, o molho de verdura túmida era como um corpo de mulher a tentá-lo.

- Até onde é a ida? - Pedralva - respondeu Mariana ao calhar. - Ou Jurjais. É conforme...

A pequenita, a babar-se, dormia. O rapazinho, extenuado, aninhou-se na relva do caminho.

- Tu sentas-te? - ralhou Mariana, carinhosamente.

- Tou canchado... - Deixa descansar o rapaz - disse de lá o Joaquim Fortunado. - Ele merendou?

O pequeno acenou com a cabeça a dizer que não, e o mondador pousou a braçada de relva e foi-lhe buscar pão e queijo.

- Também queres? - perguntou depois a Mariana.

- Se faz favor...

- Mas hás-de então vir cá... Tinha o farnel ao fundo da leira, à sombra de um freixo que cobria a poça, com a cabaça de vinho metida na água a refrescar. Mariana deitou a filha adormecida no chaile, ao pé do irmão, e saltou a parede.

- Volto já. Não me demoro. Foi, comeu, e em seguida o mesmo calor que já duas vezes a inundara apareceu-lhe no sangue a uma palavra do Joaquim.

- Com esta não contava eu... - começou ele, a olhá-la e a passar a mão pelo cachaço.

Ela riu-se. E pouco tardou que não sentisse extinto o lume que principiava a queimá-la também.

- Vamos lá embora, meus filhos. A pequenita olhou-a com os olhos azuis do Júlio Pessanha, sem ver nada. O rapaz é que reparou que a mãe tinha terra nas costas.

- Adeus.

- Até qualquer dia...

O Joaquim Fortunato, ficou com o gosto na boca daquele momento inesperado e saboroso. Por isso despediu-se reticente e, sempre que podia, vinha até à veiga na esperança dever outra vez passar o corpo aberto e generoso de Mariana.

Mas o milho amadureceu, chegou o inverno, a terra cobriu-se novamente de verdura, e nada de a mulher aparecer.

Andava longe, por termos de Vessadios, e foi em plena serra dos Corvos que uma manhã o Lopo deu por ela a atravessar o rebanho.

- Deus o ajudei - Vem com Deus... Trazia agora três filhos, um casal a pé, e nos braços um terroso cachopinho, a cara do Joaquim Fortunato por uma pena.

Era Março e fazia ainda frio. No monte orvalhado, que o pálido sol da manhã ia enxugando devagar., brilhavam teias de aranha,, estendidas, a corar sobre os tojos. O pastor acendera uma fogueira. E o fumo das carquejas molhadas subia ao céu lentamente., lasso e voluptuoso.

- Aqueçam-se. Chegaram-se todos às lambras.

- Ensarilhadas na lã, plácidas, as ovelhas pastavam. O laboreiro, deitado ao pé do borralho, dormitava. Uma contida paz cobria tudo.

- Não te fazia agora por estes sítios - começou o Lopo, a enrolar um cigarro forte.

Mariana sentiu outra vez o sangue a ferver-lhe pelas veias fora. A fogueira precisava de lenha.

- E se nós fôssemos a uma meda de rama, que há ali adiante, buscar um braçado dela?

Mariana calou-se. O lume, por dentro, continuava a queimá-la.

- Põe aí o pequeno - ordenou ele. Ela obedeceu. E, logo adiante, num valado, sobre gabelas secas de mato, o seu corpo serenou.

- Vamos, meus filhos - disse pouco depois, antes mesmo de deixar cair sobre os tições apagados a caruma que trazia. - Vamos, meus filhos.

Os dois maiores ergueram-se, e o pequenino ficou a olhá-la do chão, inquieto, sôfrego de colo e de peito.

- O rapaz já podia começar a servir... Eu, com a idade dele, guardava cabras... Queres tu deixá-lo comigo? - propôs o Lopo.

- Deixá-lo?! Pelo caminho fora a palavra soava-lhe como um zumbido atroz nos ouvidos escandalizados.

- Deixá-lo! Há cada uma! Ia agora deixar-lhe o menino!

Nas matas do Vale-Fundeiro o protesto tinha o tamanho e o vigor dos castanheiros sem idade que ali cresciam. E só ao chegarem à veiga de Constantim é que aquela revolta se atenuou, desvanecida pouco a pouco pela verdura sedativa dos lameiros.

- Isto é que é terra! - não se conteve o pequeno mais velho, com o instinto campónio do Custódio, o pai, a brilhar-lhe nos olhos.

- É como as outras, que mais tem? - respondeu Mariana, sem atingir a fundura do grito.

- Olhe lá que não seja! Mariana não podia entender a voz ancestral que irrompia da natureza virginal do filho. A terra parecia-lhe una, indivisível, nivelada na mesma serenidade e no mesmo destino de criar. Aqui, ali, acolá., cerros ou descampados, várzeas ou costeiras, eram sítios iguais, que calcorreava sem distinguir a qualidade do barro que se lhe agarrava aos pés. Compreendia tudo, menos o afeiçoamento da perdiz ao monte nativo. Todos os horizontes lhe acenavam da mesma maneira. Em qualquer mata miúda paria naturalmente e atrás de qualquer parede recebia a seiva de uma nova vida. Não. Nem entendia o rapaz a gabar os lameiros de Constantim, nem a sensualidade do Jeremias Manso a querer fazer dela um simples instrumento de prazer.

- Outra vez... - pedia ele, ao vê-la erguer-se, honesta e pura como uma leiva semeada.

Nem sequer respondeu. Saiu do centeio, pôs-se a frente da ninhada, e retomou o caminho da sua aventura.

Só em Ordonho, abrandou a marcha.

- Quantos são ao todo? - perguntou o Paul, que já não via bem, quando o rancho lhe passou à porta.

- Sete - respondeu o cunhado. - Valha-nos Deus! Que desgraça! As raparigas estão mulheres feitas e a mãe a dar-lhes um exemplo daqueles...

Mas já Mariana ia longe, alheia ao zelo do velho sátiro. Pedia: se davam, davam; se não davam, deixava os filhos matar a fome nos soutos, nos pomares ou nas vinhas, e a quem tentava, de uma maneira ou doutra, dividir a perfeita unidade que formava com a prole, respondia a rugir como uma leoa ferida.

- Criada?! Ia-lhe agora dar a menina para criada! A gente vê cada uma! De lhe comprar um farrapo para se vestir, não se lembrou a senhora. Criada! Que conveniência!... A servir ponha as filhas, se não lhes tem amor... Agora as minhas, está bem livre!

Ia já nas matas do Bouço e a indignação continuava ainda.

- Criada! A palavra, dita por intenção da sua Zulmira, parecia-lhe um insulto sem perdão.

- Fala à gente!... Mariana nem o olhar se dignou concentrar no rosto desejoso do Lopo. O seu ventre estava já fecundado pelo Guilherme da Póvoa, e o Lopo, como os outros, passada a hora, não significava nada, nada, na sua lembrança. A pureza com que se entregava tocava-os de uma força criadora e irresponsável que os imaterializava como deuses distantes. A terra humilde era ela. Eles actuavam apenas como o vento, que traz a

semente, e passa. Mas todos teimavam em permanecer ligados ao doce sabor de um minuto, e queriam-na segunda vez.

- Nos montes de Vessadios, não te lembras?

- Vossemecê está maluco! Eu conheço-o lá!

O Lopo não queria acreditar no que ouvia. E por orgulho ofendido, frouxo aceno do sangue e mágoa de solitário, teve um gesto:

- Conheças ou não conheças, já pariste de mim. Por isso, quero o pequeno.

- Que pequeno?! perguntou Mariana, assombrada.

- Aquele. O chegado à de vestido às riscas. - O meu Jorge?! O homem é doidinho! Os filhos são meus, muito meus! Atreva-se a pôr-lhes a mão, se quer ver...

O pastor tinha-se aproximado, num desejo irresoluto de tirar da touceira a vergôntea que lhe pertencia. Não o empurrava nenhum impulso profundo. Era uma reacção de momento, sem calor verdadeiro. E como Mariana parecia uma cabra das dele, pronta a marrar às cegas contra o cão que lhe farejasse a cria, deteve os passos que dera sem convicção.

- Bem, está bem... Mais perde... - disse então, a justificar a debilidade do seu apego ao andrajoso ser a que tinha ajudado a dar vida. - És parva...

Mariana sorriu. E seguida do rebanho inteiro, lá partiu para Valongueiras, à esmola de sábado em casa do Sr. Vitorino.

- Essa mulher continua na mesma vida? - perguntou na sala a Marília, que acabara de chegar do colégio com um selo branco na virgindade. _ Pois continua...

- Pouca vergonha maior!

- Que se lhe há-de fazer?

- Tirar-lhe as crianças e metê-las num asilo.

- Deixa-te de asilos! - reprovou o Sr. Vitorino, que tivera uma meninice aperreada.

- Então chamar à ordem os responsáveis!

- Vai-lhe lá falar nisso!...

- E é que vou mesmo! Ergueu-se cheia de zelo, e foi direita como uma heroína ao encontro do lodaçal.

Rodeada do bando, Mariana comia em Paz na cozinha o caldo caridoso.

- Estás boa?

- Muito agradecida. Cá vou andando...

- Olha lá, os pais dos pequenos não tomam conta deles ?

Mariana sorriu, cheia de uma inocência que a outra não entendia. E respondeu, na sua pureza:

- Saiba a menina que não têm pai... São só meus.

## Natal

De sacola e bordão, o velho Garrinchas fazia os possíveis por se aproximar da terra. A necessidade levara-o longe de mais. Pedir é um triste ofício, e pedir em Lourosa, pior. Ninguém dá nada. Tenha paciência, Deus o favoreça, hoje não pode ser - e beba um desgraçado água dos ribeiros e coma pedras! Por isso, que remédio senão alargar os horizontes, e estender a mão à caridade de gente desconhecida, que ao menos se envergonhasse de negar uma côdea a um homem a meio do padre-nosso. Sim, rezava quando batia a qualquer porta. Gostavam... Lá se tinha fé na oração, isso era outra conversa. As boas acções é que nos salvam. Não se entra no céu com ladainhas, tirassem daí o sentido. A coisa fia mais fino! Mas, enfim... Segue-se que só dando ao canelo por muito largo conseguia viver.

E ali vinha de mais uma dessas romarias, bem escusadas se o mundo fosse doutra maneira. Muito embora trouxesse dez réis no bolso e o bornal cheio, o certo é que já lhe custava arrastar as pernas. Derreadinho! Podia, realmente, ter ficado em Loivos. Dormia, e no dia seguinte, de manhãzinha, punha-se a caminho. Mas quê! Metera-se-lhe em cabeça consoar à manjedoira nativa... E a verdade é que nem casa nem família o esperavam. Todo o calor possível seria o do forno do povo, permanentemente escancarado à pobreza. Em todo o caso sempre era passar a noite santa debaixo de telhas conhecidas, na modorra dum borralho de estevas e giestas familiares, a respirar o perfume a pão fresco da última cozedura... Essa regalia ao menos dava-a Lourosa aos desamparados. Encher-lhes a barriga, não. Agora albergar o corpo e matar o sono naquele santuário colectivo da fome, podiam. O problema estava em chegar lá. O raio da serra nunca mais acabava, e sentia-se cansado. Setenta e cinco anos., parecendo que não, é um grande carrego. Ainda por cima atrasara-se na jornada em Feitais. Dera uma volta ao lugarejo, as bichas pegaram, a coisa começou a render, e esqueceu-se das horas. Quando foi a dar conta, passava das quatro. E, como anoitecia cedo, não havia outro remédio senão ir agora a mata-cavalos, a correr contra o tempo e contra a idade, com o coração a refilar. Aflito, batia-lhe na taipa do peito, a pedir misericórdia. Tivesse paciência. O remédio era andar para diante. E o pior de tudo é que começava a nevar! Pela amostra, parecia coisa ligeira. Mas vamos ao caso que pegasse a valer? Bem, um pobre já está acostumado a quantas tropelias a sorte quer. Ele então, se

fosse a queixar-se! Cada desconsideração do destino! Valia-lhe o bom feitio. Viesse o que viesse, recebia tudo com a mesma cara. Aborrecer-se para quê?! Não lucrava nada! Chamavam-lhe filósofo... Areias, queriam dizer. Importava-lhe lá.

E caía, o algodão em ramal Caía, sim senhor! Bonito! Felizmente que a Senhora dos Prazeres ficava perto. Se a brincadeira continuasse, olha, dormia no cabido! O que é, sendo assim, adeus noite de Natal em Lourosa...

Apressou mais o passo, fez ouvidos de mercador à fadiga, e foi rompendo a chuva de pétalas. Rico panorama!

Com patorras de elefante e branco como um moleiro, ao cabo de meia hora de caminho chegou ao adro da ermida. À volta não se enxergava um palmo sequer de chão descoberto. Caiados, os penedos lembravam penitentes.

Não havia que ver: nem pensar noutro pouso. E dar graças!

Entrou no alpendre, encostou o pau à parede, arreou o alforge, sacudiu-se, e só então reparou que a porta da capela estava apenas encostada. Ou fora esquecimento ou alguma alma pecadora forçara a fechadura.

Vá lá! Do mal o menos. Em caso de necessidade, podia entrar e abrigar-se dentro. Assunto a resolver na ocasião devida... Para já, a fogueira que ia fazer tinha de ser cá fora. O diabo era arranjar lenha.

Saiu, apanhou um braçado de urgueiras, voltou, e tentou acendê-las. Mas estavam verdes e húmidas, e o lume, depois dum clarão animador, apagou-se. Recomeçou três vezes, e três vezes o mesmo insucesso. Mau! Gastar os fósforos todos, é que não.

Num começo de angústia, porque o ar da montanha tolhia e começava a escurecer, lembrou-se de ir à sacristia ver se encontrava um bocado de papel.

Descobriu, realmente, um jornal a forrar um gavetão, e já mais sossegado, e também agradecido ao Céu por aquela ajuda, olhou o altar.

Quase invisível na penumbra, com o divino filho ao colo, a Mãe de Deus parecia sorrir-lhe.

- Boas festas! - desejou-lhe então, a sorrir também.

Contente daquela palavra que lhe saíra da boca sem saber como, voltou-se e deu com o andor da procissão arrumado a um canto. E teve outra ideia. Era um abuso, evidentemente, mas paciência. Lá morrer de frio, isso vírgula! Ia escavacar o arcanho. Olarila! Na altura da romaria que arranjassem um novo.

Daí a pouco, envolvido pela negrura da noite, o coberto, não desfazendo, desafiava qualquer lareira afortunada. A madeira seca do palanquim ardia que regalava; só de se cheirar o naco de presunto que recebera em Carvas crescia água na boca; que mais faltava?

Enxuto e quente, o Garrinchas dispôs-se então a cear. Tirou a navalha do bolso, cortou um pedaço de broa e uma fatia de febra, e sentou-se. Mas antes da primeira bocada a alma deu-lhe um rebate e, por descargo de consciência, ergueu-se e chegou-se à entrada da capela. O clarão do lume batia em cheio na talha dourada e enchia depois a casa toda.

- É servida? A Santa pareceu sorrir-lhe outra vez, e o menino também.

E o Garrinchas., diante daquele acolhimento cada vez mais cordial, não esteve com meias medidas: entrou, dirigiu-se ao altar, pegou na e trouxe-a para junto da fogueira. Consoamos aqui os três - disse, com a pureza e a ironia dum patriarca. - A senhora faz de quem é; o pequeno a mesma coisa; e eu, embora indigno, faço de S. José.

## Névoa

Já nos tempos de rapariguinha, quando as outras, da mesma idade, esguedelhadas e de nariz sujo, brincavam aos casados, ela se punha de lado, toda penteada e limpa. Esbelta e airosa, loira, branca e rosada, nem parecia criada ali.

- Muito bonita é a tua Celestina! A pobre Joana desfazia no elogio, com medo de qualquer castigo de Deus, e continuava a não compreender como pudera sair de si, tão feia, tão mísera e tão infeliz, uma criatura assim, bafejada da natureza. Giesta agarrada à ponta do fraguedo da sorte, que nenhum vendaval poupara, olhava com olhos incrédulos o milagre daquela flor de que fora mãe.

Sempre doente, desafortunada no casamento, desgraçada pela vida fora, morrera-lhe o homem quando andava grávida da filha.

- Não chego a ver a menina... - lamentava-se ele, logo ao terceiro mês, já com a sentença lavrada.

- Valha-te Nossa Senhora! Se isso são coisas que se digam!

- Tenho a certeza. Sofria de asma. Permanentemente a arfar, a erguer e a abaixar o peito num desesperado vaivém de náufrago a afogar-se, a inquietação contínua que criava à volta, às duas por três, transformava-se em pânico. Ao vê-lo assim esganado, até se tinha remorsos de respirar normalmente.

- E gostava tanto! - insistia, no fim do acesso.

Naquela vida sem ar e sem esperança, a cavar à sobreposse e a fumegar-se de pós da Abissínia, o sonho da filha representava um lavado horizonte de calma respiração e confiança.

- Há-de ser linda, que to digo eu! Sempre que falava nela, perdia-se, a descrever-lhe a beleza. Alta, branca, loira... Parecia tê-la diante dos olhos.

Ao lado de uma tal imaginação, a Joana, sem fantasia, pecava por míngua. Quer antes, quer depois da mortalha do homem, nunca passou de uma tímida certeza, onde cabia apenas uma rapariga ou um rapaz, e qualquer deles nem feio nem bonito, um justo fruto do seu ventre natural e terroso.

Mas chegou a hora do parto e, uma por uma, todas as profecias do vidente se realizaram no corpo da criança. Olhos azuis, cabelos loiros, linda...

- Só me admiro é como ele adivinhou isto! - dizia a Joana, a ver a filha crescer-lhe no colo.

- Beri-berá... - respondia a pequenita, com uma luz de resplendor à volta da inocência.

O retrato do Lourenço, tirado na feira dos nove, era o de um camponês de traços grosseiros. Contudo, mal começou a ter tino do mundo, a cachopita ficava-se tempo esquecido a olhá-lo, numa ternura e numa admiração que a princípio comoviam a mãe. A coisa, porém, de tal modo passou as marcas, que foi preciso atirar uma palavra de desaprovação ao êxtase contemplativo.

Ó mulher, nem tanto! medida que os anos corriam, a saudade do homem esfumava-se no coração de Joana. A lembrança do marido sumia-se pouco a pouco, e ficava da passada vida em comum uma certeza sem nitidez, baça, que esbatia as feições do morto. A fotografia dele lá estava sobre a cómoda, numa tentativa de sobrevivência teimosa. Mas bastava-lhe fechar a porta de casa para a imagem perder os contornos. Só recordando certos factos, ou obrigando a memória a concentrar-se, conseguia que de uma nuvem esfarrapada se gerasse a figura antiga. Direcção inteiramente oposta à de Celestina que, partindo praticamente do nada, ia modelando a realidade do defunto, tirando, pondo, corrigindo, na febre de o ressuscitar em corpo inteiro.

- O pai era baixo, não era?

- Era.

- Eu já calculava... - Como é que calculavas?

- Não sei, calculava...

- Valha-te Deus. Um mal-estar indizível, uma zanga sem raiva, começou a apoderar-se de Joana sempre que via a cachopa absorta diante do retrato. Não conseguia resolver no espírito aquela estranha contradição: ela a distanciar-se progressivamente do marido e a filha a aproximar-se dele cada vez mais.

- O pai gostava muito de si, não gostava?

- Olha que conversa! Mulher feita, e cada vez mais bonita, a rapariga parecia não ter outro destino no mundo senão recriar um passado que não vivera. Os rapazes rondavam-lhe a porta, escreviam-lhe ou falavam-lhe, e ela mantinha-se insensível a todas as solicitações do presente.

- Tu não te queres casar? - perguntou-lhe a mãe a certa altura.

- Para quê? - Essa agora! Então para que há-de ser? Houve um silêncio penoso entre as duas, que uma resposta insólita e violenta quebrou.

- Para depois esquecer o homem, como a mãe fez ao seu...

A pobre e velha Joana sentiu estalar qualquer coisa dentro do coração. Foi uma suspeita esticada, tensa, que a brutalidade da agressão rompeu. Mas só confusamente conseguiu compreender o que se passava. A filha pareceu-lhe de repente outra mulher, e a estranheza dessa sensação perturbava qualquer análise esclarecedora. Por isso emudeceu e afastou-se devagar como se fugisse de um inimigo.

- O retrato? - perguntou dias depois, ao ver que sobre a cómoda já não estava o morto emoldurado no seu caixilho de arame entrançado.

- Não sei dele. Olhou fixamente a filha. - Então se tu não sabes, quem é que sabe?

A rapariga, sem pestanejar, enfrentou-a

- Já lhe disse que não sei. Voluntariosa, Celestina sempre lhe metera medo. Mas agora temia-a doutra maneira. Depois da última conversa, nenhuma palavra ou intenção da filha lhe davam garantias. O clamor cada vez mais vivo da alma injustamente magoada mandava-a recuar ao primeiro sinal de perigo.

- Guardaste-o, é o que foi - rematou, a fugir ao embate. - Podias ter dito logo...

Cheia de vida, cada vez mais loira e mais formosa, a rapariga parecia um sol imerecido a iluminar a terra.

- É sua filha? - perguntou um feirante de longe, na altura em que lhes vendia um leitão.

- É. - Abençoado pai que a fez! Os olhos de uma fulguraram de alegria; os da outra nublaram-se de tristeza.

- Pois olhe que a boniteza dele... - desabafou a velha, quase sem querer.

- É você mais engraçada! - replicou Celestina, como se lhe tivessem mordido.

- Amiga dele é ela!... - comentou o outro.

- E nem o conheceu... - Mas gabo-me de o ter vivo no coração, como vossemecê nunca foi capaz!

O dia morreu assim azedo e os que vieram a seguir foram ainda mais amargos. Até que o verão se aproximou do fim e aquele drama também.

Foi em Setembro e passavam ranchos de vindimadores para a ribeira. O harmónio da rusga polvilhava a terra de uma melodia antiga, melancólica e sem préstimo. Celestina fora à costureira e a desgraçada Joana, sentada na soleira da porta, acompanhava com os últimos resquícios da coragem aquele fim de tarde desalentado. Como as uvas que iam ser cortadas, estava também madura para o lagar da morte. Apenas a prendia à vida a dolorosa lembrança de um caminho brumoso, desconsolado, com muita chuva, muito frio e algum sol que, em vez de a aquecer, a queimara. O homem fora no seu amor uma aflição constante; a filha trouxera-lhe uma angústia mais profunda ainda. Que fazia ela no mundo?

Que gosto poderia ter numa existência que lhe roía a velhice e matava no coração da rapariga a mocidade?

Sem ânimo para continuar a arder naquele inferno de lume apagado, todo de sombras e absurdos, ergueu-se, foi à cozinha, pegou na faca e na cesta, e correu pelo atalho dos Barrocos ao encontro do último rancho.

- Vossemecê quer mais uma mulher na roga? - perguntou, desesperada, ao maioral.

- Quero, quero! Mas é preciso que ela ainda distinga os bagos das folhas...

A velha Joana sorriu com brandura. Depois, humildemente, disse:

- Distingo. Mas, se me enganar, dê-me um empurrão e atire-me aos boleirões ao Doiro. É um favor que me faz.

## Renovo

- A Lucinda? - perguntou o Pedro, coberto de suor, lívido, a acabar de sair de uma modorra de morte.

- Está boa... - respondeu a mãe., com a naturalidade que pôde.

- E porque não vem cá?

- Isto pega-se, filho. Ela bem queria; eu é que não consinto...

Uma onda de tristeza, que lhe embaciou a imagem da namorada, atravessou os olhos febris do rapaz. Depois, exausto do esforço de vir à tona do poço, desceu as pálpebras e caiu na sonolência em que vivia há dias.

No princípio da epidemia, de ouvido atento, ia vigiando o mundo através do dobrar do sino.

O som a entrar no quarto abafado e ele a inquirir, inquieto:

- Quem foi? minha mãe?

- O Belmiro. - O pai ou o filho? - O pai. Cuidadosa, a Felisberta varria implacavelmente o caminho de todos os espinhos que pudessem magoar as justas esperanças da mocidade. Só rodeado de gente da mesma geração, nascida e feita nas mesmas festas, nos mesmos magustos e nas mesmas ilusões, o sangue jovem pulsa com vontade. E a Felisberta, docemente, ia matando os velhos e as velhas da freguesia, para deixar ao doente, intactas, as fontes da alegria.

- E hoje? - queria ele saber de novo, sôfrego de uma palavra que fosse uma garantia da imunidade dos seus vinte anos.

- O Pinto. A única, distinção que o sino fazia era entre homens e mulheres. E bastava à Felisberta ter debaixo da língua um nome de sessenta invernos, capaz de justificar as três ou as cinco badaladas, para aquietar aquele atento desassossego.

O mal, porém, alastrou de tal modo que se tornou impossível tocar a todos os defuntos. Além disso, o sinal fatídico acabara por ser um aviso a cada moribundo. E o prior, rogado e convencido, mandou calar o bronze.

- De hoje em diante não há mais dobre a finados - ordenou ele. - Toda a gente que tem doentes em casa reclama., e tem razão. De mais a mais, pelo caminho que isto leva, nem a tocar de manhã à noite se dava vazão...

- Pronto, acabou-se! - respondeu, obediente, o sacristão. - Vão empandeirados como animais, mas lá vão...

O padre olhou em silêncio o rosto amarelo do Eusébio, a pensar na força dos sentimentos humanos. Até aquela alma rude sabia que, embora triste, sempre era uma nota de vida e de dignificação o sino a anunciar um trespasse humano. A vibração plangente descia da torre, propagava-se pelas veigas a cabo, e levava a cada caule, a cada folha e a cada fruto um estremecimento melancólico mas pulsátil, que significava ainda força, respiração e, sobretudo, protesto. E quem cavava, lavrava e suava nos lameiros, não sentia no silêncio conivente do sino o vazio do pó e do esquecimento.

- Morreu um de Feitais... Pela coragem com que puxavam a corda do badalo, pela maneira como repicavam ou dobravam, sabia-se a que terra pertencia o cadáver que baixava à cova. Cada aldeia enterrava singularmente os seus mortos. Os de Leirosa, bonacheirões, pacíficos, pobres, tocavam pouco, devagar, sem vontade e sem brio. Mas já os de Fermentões, espadaúdos, carreiros e jogadores de pau, homens de bigodaça e de mau vinho, davam sinais de outro modo, viril e triunfalmente. E nestas variações o próprio defunto encontrava o seu húmus, ia desta para melhor amortalhado em verdade nativa.

Infelizmente, o tempo feliz dessas expressões fraternas passara. Nas freguesias à volta era o que se sabia. E em Vilalva, depois da caminhada de expiação que o abade ordenara a ver se conjurava o mal, começou também a razia. Ou porque se juntou gente de toda a parte e pegaram a peste uns aos outros, ou porque a noite estava fria e ia tudo descalço e desagasalhado pela serra acima, ou porque o destino assim o quis, o certo é que no dia seguinte a povoação ardia em febre.

O prior, apenas chegou a notícia do flagelo que dizimava as povoações vizinhas, não esteve com meias medidas:

- Aqui a solução é implorar o auxílio do nosso padroeiro Mártir S. Sebastião, num acto colectivo de desagravo e penitência.

- Se o remédio é esse... - responderam todos. E logo no outro dia à noite, pois não havia tempo a perder, pelos Pousados fora parecia uma ronda de fantasmas.

Ia à frente a bandeira das Santíssimas Almas, pintada a alvaiade e a zarcão, onde se via quase ao natural o Arcanjo S. Miguel a pesar pecados: uma balança de doceira, o fiel a descair para o lado das chamas, e no prato de baixo um meio corpo aflito, a ver-se no inferno. Vinha depois, ajoelhado no seu andor, de cruz às costas, pálido e terrível, vestido de roxo e de severidade, o Senhor dos Passos. Só de olhá-lo, uma pessoa sentia-se perdida. Seguia-se o andor do orago, com o santo nu, atado a um poste e cravado de setas. A síntese perfeita da vulnerabilidade humana, que todos sentiam. Por fim, a fila interminável de

poviléu. Velhos e novos, descalços, cobertos de lençóis, as mulheres de coroas de silva à cabeça, e os homens de cordas de carro à cinta e ao pescoço, e a sopesar ferros de arroteio, um, dois, três, quatro, seis até, conforme a força, a fé e o número de filhos.

Era uma caminhada desumana para o outro mundo, branca, fúnebre, fantástica e resignada. Irmanados no mesmo sentimento de perdição, bons e maus gemiam em coro a cantilena que o padre orquestrava, roucos, abatidos e apavorados. Nas mãos inocentes ardiam círios e archotes, onde a esperança, batida pelo vento, tremeluzia inquieta. E em todos, um sincero arrependimento de culpas horríveis que não tinham.

Mas ou do frio, ou do ajuntamento, ou castigo, o resultado de tanta humildade e sacrifício foi a aldeia acordar com os pulmões tomados.

- Vão chamar o médico! Vão chamar o médico! - clamavam agora, uma vez que o santo protector visivelmente os abandonara.

Infelizmente, nem o doutor lhes podia valer. Como frutos maduros abanados por rabanadas de vento, caíam aos magotes na enxerga. E no dia seguinte, ou pouco mais, marchavam para a sepultura, desiludidos do céu e da terra.

A princípio o sino dava sinal e, ao som condoído da sua voz, o prior ia buscar o defunto a casa., e havia um lugar para cada fiel na terra sagrada do cemitério. À medida, porém, que a desgraça alargou, as garantias paroquianas foram perdendo a força. A torre calou-se, o padre já não fazia os levantamentos, e as valas eram no adro, e até numa vinha da residência, benzida à pressa. Sem o alarme dolorido do campanário, a morte perdera a solenidade, a individualidade e a santidade. Juntavam-se no largo pobres e ricos, amigos e inimigos, dez e mais, e o prior, de lenço no nariz, a defender-se da pestilência, conduzia o cortejo à igreja, onde os encomendava na mesma oração rápida e niveladora.

- Não morreu mais ninguém?! - estranhava o Pedro, como um caracol que pusesse cautelosamente os cornos de fora, a sondar o silêncio.

- Nunca mais ouvi o sino...

- Não, filho. Não. A aldeia parecia um pinhal devastado por um ciclone. Casas inteiras despovoadas, famílias exterminadas até à raiz, a flor da mocidade ceifada como trigo maduro.

A pobre Felisberta tinha pago o seu tributo com três filhas, dois netos e o marido. Restava-lhe apenas aquele filho, que a cada instante parecia querer abandonar a luta e a cada instante a renovava. E todo o seu instinto de mulher estava ali, suspenso da respiração e dos olhos da última semente.

- A Lucinda? Porque não vem? - era o gemido dele, mal acordava.

- Ainda é cedo. Esteve à porta de manhã a saber de ti, queria ver-te à fina força, mas disse-lhe que tivesse paciência.

Já não restava nenhuma das raparigas casadoiras da aldeia. Como flores crestadas por geada traiçoeira, uma a uma, foram deixando tombar no caule a cabeça gentil. Uma visão de fim do mundo, se a Felisberta não soubesse no mais íntimo do cerne que nada estava perdido desde que a sua própria seiva persistisse.

- Come, filho. Faz por engolir... A trovoada rondava ainda no ar, mas já distante e sem força. Apesar disso, o sino mantinha-se calado, com medo de acordar a morte.

- Não me apetece...

- Ora não te apetece! Vai teimando... Era difícil encontrar outra vez as palavras esquecidas, a razão aparente das cousas, o sentido simples de tudo. A vida parecia começar de novo, hesitante, sem saber o caminho.

- Estás aqui, estás melhor, vais ver...

- E de que vale? Antes tivesse ido com o pai, com as minhas irmãs e com os meninos... O peito da Felisberta queria estalar de angústia. Mas já não havia tempo para mais desesperos.

- Cala-te, filho. O que lá vai, lá vai...

O valor da desilusão sabia-o ela. Agora urgia descobrir o sabor da confiança.

- Ainda havemos de ter muitas alegrias... Deixa lá!

- Não diga isso, mãe... Alegrias!

- Digo e torno a dizer... Mastiga, mastiga, filho.

- E a Lucinda?

- Não tenhas pressa. Deixa ver se isto varre mais...

- Mas não tem morrido ninguém! o sino nunca mais tocou!...

- Olha, toca agora... Repenicava de verdade o velho amigo e eram sinais de baptizado. A aldeia, numa paz de corpo sangrado e combalido, não se esquecera da vida. E ele quebrava a mudez prudente, e abria-se num contentamento apressado, cristalino, que inundava tudo de esperança.

- De quem será? - Seja lá de quem for! O que se precisa cá é de gente.

Amparado nos braços velhos e amorosos da mãe, o rapaz chegara-se à janela e olhava as leiras em pouso, as casas fechadas e o largo deserto. O tamanho da desgraça entrava pelos olhos dentro.

- A Lucinda morreu, pois morreu, minha mãe?

O sino repicava sempre, alegre, festivo, prometedor.

- Há mais raparigas no mundo... Não te aflijas.. As terras, lá fora, pediam fé e coragem. Pelo menos a fé e a coragem que a mãe tinha, sem homem, sem filhas, sem netos, cheia de lágrimas, de dívidas, e cansada até à última fibra do coração.

## O Regresso

Casta, orvalhada da mesma frescura que humedecia a fruta nos seus pomares, Leiró acordava de uma grande noite de sono e de sonho. O primeiro fio de fumo subia já da lareira do João Rã, o madrugador da povoação. Erguia-se branco, preguiçoso, tímido da aragem fria da manhã. Mas, logo que chegava a céu aberto, tomava respiração, alargava os braços e diluía-se voluptuoso no éter perfumado do ar. Dos quinteiros nasciam vozes confusas da Babel animal. E da esquadria honesta dos portais, larga e franca, iam surgindo caras humanas e cristãs, levedadas para nova romaria de suor.

À distância de um tiro de espingarda, a medida que agora melhor conhecia, Ivo olhava e analisava aquele despertar. Sentado numa fraga de granito, a trouxa de roupa pousada ao lado, com o olho que lhe restava ia fotografando as fases sucessivas por que passava o casario e a vida da terra onde nascera. Talvez porque a via assim, só de um lado, precisamente o do coração, parecia-lhe que a entendia melhor agora, que a visão binocular de outrora destrinçava e empobrecia o sentido das cousas, incapaz de abraçar no mesmo amor o execrável e o santo.

O burro do latoeiro, então, orneou longa e melancolicamente. E o rapaz, ao lamento arrastado e triste do animal, não conseguiu estancar a emoção que o detinha ali. Uma lágrima irrompeu-lhe da alma e deslizou-lhe pelo rosto magro.

- Não sei o que faça... - murmurou, hesitante.

Sabia que morrera há muito para toda a aldeia. A mãe, a Maria Torres, trajava ainda de preto, mas acostumara-se à tristeza de o ter perdido,

O pai, ensimesmado como sempre, engolira o desespero silenciosamente, envelhecera dez anos em poucos meses e esquecera-o também. As irmãs, depois do choro convulsivo e do ano de luto carregado, vestiam blusas claras e namoravam alegremente. Era a vida. já ninguém o lembrava, o desejava, o chamava ali das veras do corpo e da alma. Partira contra a vontade pacífica e humana de todos para uma guerra que não era deles, matara sem razão nenhuma, atraiçoara milénios de fraternidade, de paz e de entendimento. Que poderia esperar agora? Que o aceitassem de braços abertos, ressuscitado num outro ser, estranho e desfigurado?

- Você quem é? . Sem dar conta, tinha um rebanho calmo e lanzudo à volta e um pequeno pastor, o Zé Chaveco, ao pé, a mirá-lo de cima a baixo.

Sim, quem era ele, na verdade, cosido de cicatrizes, meio cego, maneta, coberto de sangue e de remorsos?

Atento, o miúdo continuava a olhá-lo e a inventariar-lhe o vestuário de salteador - calça de bombazina, blusa americana, gorra vasca e alpercatas galegas.

- Eu?! Fitou a criança enternecido e mortificado. Aquela interrogação da infância à sua identidade verdadeira comovia-o e dilacerava-o. Nada o podia desiludir mais do que verificar que já nem os olhos da inocência o reconheciam.

Lá, no outro mundo onde combatera, ninguém o interpelara, funda e humanamente. Chegado à fronteira, abriram-lhe a boca do abismo sem nenhuma pergunta.

- Voluntário - declarara, sem saber ao certo o que dizia.

- Muito bem. Arrastado por não sabia que fome de aventura, partira. E alistara-se., longe de calcular que entregava no compromisso de uma palavra mais do que a própria vida.

Pouco depois era um número. E no campo de batalha, quando finalmente chegou a sua vez, avançava ou recuava como um autómato que tivesse a corda na voz do comandante.

No fim do pesadelo - desmobilizado, mutilado e outro. Nem o nome que recebera na pia baptismal o designava já, porque no homem passado não cabia O homem presente. Arrependido e miserável, vinha bater à porta nativa. E era justamente uma criança que lha fechava.

- Sabe de quem você dá uns ares? É de um rapaz daqui) que morreu. Chamava-se Ivo. Fugiu de casa, foi Para a guerra e ficou lá.

- Não conheci... A paz orvalhada que há pouco cobria a aldeia enxugava agora ao claro sol que rompia. Todas as chaminés fumegavam, todas as casas estavam abertas., todos os mistérios desabrochavam e Perdiam insensivelmente a graça da virgindade.

- De que terra é, ao menos? - insistia o garoto, com a volubilidade satânica da infância, acostumada a cortar as pernas aos saltaricos.

- Eu?!!!

- Sim!... Mais difícil do que saber quem era, era localizar-se no mundo. No segredo da sua intimidade podia ainda somar as duas metades da alma dividida; mas não havia morada na terra para esse aborto da vida.

- Nem sei. Tal e qual como o rebanho que, aparentemente sem se mexer, se afastava minuto a minuto, deixando atrás de si o terreno pastado, assim a aldeia lhe fugia dos olhos,

fixos nela. A medida que o sol lhe desvendava o recolhimento, e a resposta ao pastor se tornava mais impossível, perdia o ar acolhedor de há pouco e embaciava-se de incompreensão.

As imagens de uma bela história com infância e mocidade, ninhos e amores, dias de Natal e noites de S. João, apagavam-se inexoravelmente.

O cenário negava-se à função de servir apenas de fundo passivo à saudade. Ali, ou vivo ou morto. Para todos os fantasmas do mundo, indecisos entre o ser e o não ser, havia apenas um escarolado sorriso de desdém.

- Se não diz quem é, nem onde nasceu, é porque tem medo de alguma cousa... - insinuava, cruel, o instinto do pequeno.

Por aquela boca falava a povoação. Exigia intransigentemente a cada filho um passaporte humano corrido e limpo, de fidelidade ao seu calor e de submissão às suas leis. E o mutilado, diante de um muro tão alto, sentiu que não valia a pena lutar, ter qualquer esperança.

- Sou um pobre... - disse então, humildemente, a evidenciar o coto do braço e a órbita vazia.

A aldeia, desperta, clara e rumorosa, era agora uma fortaleza inacessível. E o filho pródigo voltou-lhe as costas, vencido.

## A Confissão

Sentia ainda o cinturão do sargento a cortar-lhe a carne. A mocidade de Fontela, amontoada no posto da guarda, em Freixeda, ia sendo interrogada assim.

- Outro! - ordenava a voz sinistra lá de dentro.

E enquanto o cabo Silvino atirava pela porta fora um desgraçado de camisa despedaçada e a escorrer sangue, recebia guia de marcha novo bombo para a festa.

- Tu.

- TU.

- Tu.

- E agora nós... Retesou a vontade. Já só faltava ele e a própria mudança no tom e nos termos da intimação dizia tudo.

Preso logo a seguir ao crime, negara redondamente que fosse o criminoso. E o inquiridor recorria ao seu processo habitual nos casos complicados: juntava os suspeitos e os insuspeitos no mesmo redil e levava-os a cito. A verdade acabava por sair do látego, ou confessada ou denunciada.

Entrou calmamente e tentou provar mais uma vez a sua inocência. Brigara, realmente, na noite de Reis com o Armindo, de quem, como toda a gente podia testemunhar, era amigo. Andavam na paródia, beberam muitos quartilhos e, às tantas, por dez réis de coisa nenhuma, pegaram-se. Dera, levara, mas em luta aberta e leal. No fim da zaragata, bem apalpados ambos, seguira cada qual o seu caminho e do fundo da rua é que ouvira gritar aqui del-rei.

- Confessa. Confessa, que é melhor...

- Já lhe disse que não fui eu!

- Queres provar da marmelada, está visto. Pois seja feita a tua vontade.

Olhou fixamente o fatinário antes do primeiro golpe. Sabia que as aparências o comprometiam e que caíra nas mãos do Diabo. Todos, aberta ou encobertamente, o consideravam o autor do crime. A própria vítima o apontara à justiça.

- Ah! Bernardo, que me mataste! - gemera o Armindo, ao sentir-se trespassado pelas costas.

E a Júlia Garrido, que já estava na cama e ouvira a acusação, acrescentava que, sem pôr as mãos nos Evangelhos, ia jurar ter reconhecido o vulto dele a esgueirar-se pelo quelho, quando, alarmada, correu à janela.

Com provas de tal natureza, ninguém duvidava da sua culpa. E muito menos o sargento, que só por táctica armara aquela comédia. Até no simples facto de o guardar para remate do arraial mostrava claramente o jogo. Tentava atemorizá-lo pondo-lhe diante dos olhos o sudário prévio do que se ia passar. Mas um homem é um homem e quem não deve não teme. Altivamente estremou os campos.

- Faça como entender, na certeza de que está muito enganado se cuida que me obriga a ser o que não sou.

- Talvez mudes de opinião daqui a nada. Ora vamos lá...

O azorrague zuniu e nem se queria lembrar do tempo que durara aquele malhar sem tino. Os últimos golpes já quase os não sentira, de tal modo ardia todo numa dor viva. Por sinal que foi durante a pancadaria que teve o pressentimento do que se passara. De repente, como que iluminado por dentro, viu o Reinaldo apagado na escuridão a assistir à bulha, seguir o Armindo depois da refrega e aproveitar a ocasião para o esfaquear à falsa-fé quando o desgraçado virava a esquina da casa. Despeitado por se ver preterido por ele no coração da Silvana, vingava-se a coberto de qualquer perigo. Se tinha havido barulho antes da morte, nada mais natural do que pensar num desforço traiçoeiro do adversário de há pouco...

O vozeirão do sargento quebrou-lhe o fio à meada.

- Então? Chega ou queres mais? Arquejante, numa posta de sangue, ainda arranjara forças para recalcitrar.

- Nem que me corte aos bocados! Nego e torno a negar.

O carrasco abaixou o chicote e chamou o ajudante.

- Solta os outros e põe este de salmoura. Amanhã continuamos.

Estendido nas lajes da prisão, com a roupa colada ao corpo retalhado, malucou naquela miséria. Por todos os lados que a encarasse, ia dar sempre ao mesmo. Ninguém o acreditaria, dissesse o que dissesse. Infelizmente, a verdade, no seu caso, não tinha demonstração. Teimar em proclamá-la? De que valia? Surdo, o sargento não a podia ouvir. E o sargento era Freixeda e o resto do mundo. Lançar o nome do Reinaldo na fogueira? Talvez outros o fizessem. Ele é que nunca. Nem tinha a certeza, nem era denunciante. Portanto, só havia um recurso: fugir.

E fugira, realmente, nessa mesma noite, coisa que não passara sequer pela cabeça do da guarda. Tanto assim que nem sentinela mandara pôr à porta da velha cadeia concelhia

onde agora o guardava sozinho. Embora a saber que escapulindo-se confirmava para o resto da vida a acusação que lhe faziam, às tantas da manhã, com a energia, a paciência e a arte de que apenas se é capaz nas horas apertadas, ala que se faz tarde.

Passou por casa, mudou de roupa, pediu dinheiro emprestado, e antes de o sol nascer atravessou a fronteira.

Voltava agora, decorrido meio século, velho, pobre, amargurado, com toda uma existência de exilado atrás de si e dorido ainda dos golpes injustos que recebera. A que vinha? Rever a terra da criação, rezar duas avé-marias na sepultura dos pais e calar uma ânsia obscura de resgate que os anos tornavam cada vez mais premente.

Não anunciara a chegada nem mesmo à única irmã que lhe restava. Vinha como um fantasma sorrateiro apropriar-se da realidade de que fora espoliado.

Passageiro anónimo da camioneta da carreira, apenas ela o alijou no largo, ficou-se pasmado a olhar o fontanário, o cruzeiro, o rego de água que atravessava a povoação e o casario que a tarde mortiça tornava sonolento. E apeteceu-lhe chorar.

O que ele fora e o que ele era agora! Naquela terra sonhara e confiara. E daquela terra o expulsara a maldade de alguém que, sem remorsos, ali pudera continuar no aconchego das coisas familiares. Cinquenta anos de vida errante, com o labéu dum assassinato a roê-lo. Aonde chegava, chegava a sombra do homicida que não era. Até nos olhos dos que não conheciam a história do crime lia sempre a negra acusação. O tempo acabara por lhe delir na própria lembrança a imagem vislumbrada do possível criminoso. Nítido na sua consciência e na do mundo, apenas um nome infamado: o seu.

- Oh! Bernardo! - gritou-lhe uma voz cavernosa atrás das costas.

Voltou-se. Era o padre Artur, seu companheiro de meninice, ainda seminarista na altura do crime. Sempre a pastorear freguesias longínquas, fora finalmente encarregado do rebanho nativo.

- Oh! Artur! - correspondeu num alvoroço, esquecido de distâncias e conveniências.

Caíram nos braços um do outro, num irresistível impulso fraterno.

- Ainda bem que voltaste! Ia-te escrever hoje. Até pedi a direcção a tua irmã. Tinhas-lhe dito que vinhas?

- Não valia a pena...

- Então vai ter com ela e amanhã falamos. É que o Reinaldo morreu esta manhã. Ouvi-o ontem de confissão... Eu sempre acreditei na tua inocência, rapaz!

Melancolicamente, pegou na mala e deu alguns passos em direcção à casa paterna. Mas logo adiante parou, depus o carrego e mudou de rumo.

No cimo da rua principal desandou à esquerda, atravessou vários quinteiros, subiu as escadas do Reinaldo e entrou.

O ambiente era lúgubre. Havia lágrimas e luto em todos os olhos.

Rompeu por entre a multidão que se acotovelava, sem ninguém o reconhecer.

- Quem é? - perguntavam. - Não sei.

O cadáver jazia ainda sobre a cama, já vestido, à espera do caixão.

A passos lentos aproximou-se e fitou durante alguns momentos a figura hirta e mirrada do defunto. De repente, num ímpeto, deitou-lhe as mãos às abas do casaco, ergueu-o e rouquejou, fora de si:

- Estás morto, é o que te vale. Mas mesmo assim não vais deste mundo sem duas bofetadas na cara, covarde!

E deu-lhas.

## O Milagre

A mãe, com o seu instinto agudo de mulher, a chorar, até ao último momento lhe pediu:

- Não cases, filho. Pelo amor de Deus, não cases com ela... Acredita que não é por ser pobre: é por causa da casta... Adivinha-me o coração que vais ser muito infeliz.

O rapaz, porém, estava cego. Metera-se-lhe a Raquel no pensamento e não havia razão que o vencesse. Sabia que não era bonita, e via bem que nunca seria companheira para lhe jungir os bois e roçar um carro de mato. Mas gostava dela sem saber porquê, doida e teimosamente. Rapariga da sua criação, fora sempre adoentada e sorumbática. Apesar disso ganhara-lhe um tal amor que, não obstante as outras o picarem com ditos e darem a demonstrar que estariam pelos ajustes, acabou por lhe pedir namoro.

A rapariga atendeu-o sem grande entusiasmo e deu-lhe um sim que deixaria outro qualquer desiludido. Ele é que não precisou de mais.

Mal a notícia constou na terra, ninguém se resignou.

- Um rapaz daqueles merecia coisa melhor!

- protestavam todos.

Embora ninguém pudesse apontar à cachopa tanto como uma unha em matéria de honestidade e a pouca saúde não fosse propriamente um defeito, havia vários casos de loucura na família. E como o Pedro era uma espécie de príncipe da aldeia, são, alegre e lindo como um S. Vicente, tal união parecia-lhes um atentado contra a natureza.

- Homem, vê lá... Pensa bem no que vais fazer... - ponderou-lhe o prior. - A Raquel não é má pequena... Agora quanto ao resto... Tens de contar com a carga hereditária... Olha, eu não digo nada. Resolve tu...

Deu-lhe a mesma resposta que dava aos outros:

- Casamento e mortalha no céu se talha. A sorte quis assim, seja o que for.

E contra a vontade de todos - menos dos pais da rapariga, mortos por vê-la com dono -, casaram.

A princípio correu tudo pelo melhor. Embora não fosse a mulher de armas de que o rapaz necessitava no começo da vida, a Raquel lá ia dando conta do recado. Cozinhava, tratava dos vivos, chegava praticamente onde as mais chegavam. Só não engravidava. E a

secura daquelas entranhas, que nos primeiros meses não admirou ninguém, ao cabo de três anos começou a causar engulhos ao povo e a inquietar seriamente o marido. Um rebanho de filhos, numa casa de lavoura, é uma riqueza com que o homem conta no bragal da mulher. E o Pedro, cansado de esperar secretamente e em vão o começo dessa colheita, não pôde reprimir a voz do instinto desiludido.

- Comprei hoje o lameiro à Margarida... - anunciou certo dia. - Vendi o vinho cá por uma certa conta... O pior é se nós andamos a trabalhar para o bispo...

A Raquel há muito já que empreendia, até aos limites do desespero, na sua infecundidade e fizera-se até benzer pela Ana Rosa. Por isso, ao ouvir a insinuação, abriu-se num pranto desfeito.

- Bem, não estejas a afligir-te... - consolou-a ele. - Ainda não é tarde... Quantas há que só ao fim de cinco e mais anos...

Desgraçadamente, a Raquel sabia que o seu ventre nunca se abriria para nenhum fruto. Desde nova que o negro pressentimento da esterilidade a atormentava. Só por essa razão não se atrevera a olhar para nenhum rapaz com olhos de terra em pousio, e aceitara o amor do Pedro sem dar mostras de contentamento. Na altura da declaração teve mesmo vontade de lhe confessar tudo. A natureza é que não se resignou a tanto. Talvez estivesse enganada... Infelizmente, o tempo encarregara-se de confirmar as suspeitas. E agora sofria duplamente, por se ver incapaz e traidora.

- Não. Nunca hei-de ter filhos... - respondeu entre dois soluços. - Tenho a certeza...

O homem olhou-a como se a visse pela primeira vez. Uma Raquel maninha não entrava no seu amor.

- Tu nem a brincar me digas isso! Começara reticente, benévolo, a interrogar e a compreender. Mas diante da negativa estreme, irremediável, passou a uma atitude de desilusão ofendida, revoltada e agreste.

Humilhada no que havia de mais profundo na sua condição de mulher, quanto mais o homem se recusava a encarar a verdade, mais ela, numa perversidade macerada, teimava em lhe varrer do espírito todas as esperanças.

- Digo, porque sei. - Como é que sabes?

- Sei. Estavam no quarto ano de casados e começou então o profetizado inferno dos dois.

- A Raquel não pode ter filhos... - confidenciou ele à mãe.

- Eu já calculava... Via-se logo pelo andamento! Futurei sempre que dali nunca te viria nada de bom... E se ainda se for aguentando assim com algum juízo, tens muita sorte...

Era a obsessão da pobre Filomena-a loucura da nora. Se iam ao mato juntas, se escolhiam batatas, se andavam sozinhas na despampa, olhava-a de soslaio de vez em quando, sempre à espera dum gesto, dum esgar, de qualquer manifestação do mal que a habitava. Conhecera-lhe um avô zaranza, ouvira falar de um antepassado também pouco católico da mioleira e à mãe, embora não fosse propriamente maluca, faltava-lhe uma aduela.

- Vossemecê para a consolação...

- Bem sei que te aflijo. Mas que queres? Agoura-me o pensamento que mais dia, menos dia, tens trabalhos... Oxalá que não...

E nem de propósito. Ou porque estava escrito, ou apressado pela conversa da véspera, o certo é que passado pouco tempo, depois de um período de exaltação em que as lágrimas e as gargalhadas se entremeavam numa volubilidade de folha de olmo, o temporal desabou. Vinha o Pedro de ganhar a jorna, por sinal carregado de canhotas para o lume, abriu a porta, e voou-lhe uma faca ao peito. Desviou-se e ficou transido. A desgraça de que todos o tinham prevenido estava à sua frente, absurda e terrível, na figura da mulher, sinistra, de olhos esbugalhados e a espumar.

- Ah, Satanaz, que te hei-de matar! - gritava ela, como se visse o próprio demónio.

E o infeliz, a estalar de angústia, desandou a chave e foi dormir a casa da mãe.

No dia seguinte não se falava na terra doutra coisa. Passavam a dolorosa notícia uns aos outros afanosamente, numa agridoce emoção de prescientes e não ouvidos conselheiros.

A crise durou três dias, repetiu-se pouco tempo depois, tornou a voltar, e alguns anos decorreram naquela triste vida. Em casa do Pedro nem havia paz, nem esperança, nem nenhuma das alegrias a que tem direito o mais humilde lar deste mundo. As horas decorriam à espera de novo acesso, as sementeiras e as colheitas andavam à mercê das luas da Raquel, tão depressa cordata como enfurecida.

Até que num inverno a escuridão veio e ficou. Passou uma semana, passou um mês, passaram dois, e a demente aos gritos, varrida, fechada no quarto como uma reca num cortelho.

- Sou eu, mulher! O Pedro! Não me conheces?

De nada valia. Atirava-se a ele, possessa, e eram precisas forças sobre-humanas para lhe desprender as garras traiçoeiras.

O médico há muito que o desenganara da cura. E o desgraçado, numa derradeira braçada de náufrago, resolveu levar a doente a Mondrões, a S. João Baptista. Tinha de ir só com ela, como expressamente recomendou a Ana Rosa, que bem ou mal fazia de bruxa do

lugar. Espalhava sal em todas as encruzilhadas que encontrasse, rezava a seguir uma oração que ela lhe ensinou, e dava dez voltas ao adro da ermida com a endemoninhada.

Relutante a crendices, temente a Deus, o Pedro lutara até onde lhe fora possível dentro das regras do bom-senso e da farmácia. E como nada conseguira, dispôs-se a experimentar aquela mezinha sobrenatural.

Com a ajuda dos vizinhos, amarrou a mulher bem amarrada sobre o macho, e meteu-se a caminho. Saiu de madrugada, num dia de sincelo que embranquecia todas as esperanças. Cuidadosamente, mal chegava a qualquer cruzamento, atirava a mão-cheia de sal e rezava a prece. Depois, alheio aos olhares invisíveis e rancorosos dos espíritos maus, que a feiticeira lhe garantiu que o espreitavam, seguia.

Apanhou-os o alvorecer em plena serra, no

Alto Cabeço, um ermo de causar calafrios. A doida, cansada dos arrancos que dera, ia agora mais calma, a monologar tolices que ele nem queria ouvir.

O macho choutava sobre o codo, resignado. E o Pedro, à frente, de rabeira no braço e mãos nos bolsos, arrastava animosamente a sua cruz. Pelas alturas da Tamargueira, a Raquel teve nova fúria. Esticava as cordas, fazia oscilar o animal, dava gritos desmedidos e pavorosos, que as fragas devolviam num eco de arrepiar. Outro esconjuro e outra salgadela ao terreno lá fizeram amainar a tempestade, e a peregrinação pôde continuar.

Chegaram tarde à capela. E, depois das voltas do preceito e das rezas recomendadas, a doente não parecia a mesma.

- Estou boa, homem! Estou curada! Podes-me desamarrar...

Farto de desilusões, o Pedro fez ouvidos de mercador. Deu grão ao macho, estendeu à mulher um pedaço de frango do farnel, comeu e resolveu aguardar os acontecimentos, a ver se o milagre tinha solidez.

Entretanto, o tempo começara a enfarruscar-se e leves flocos de neve surgiram no espaço, a dançar. Mau! O programa não previa um regresso atormentado, de mais a mais depois dos resultados auspiciosos da romagem. E, para abreviar caminho, resolveram voltar por Justes. Havia o perigo da ponte, mas era mais perto.

Partiram como chegaram, ele à arreata e a mulher empoleirada na azémola. E quando, passada uma hora de serra, dobraram a lomba de Moira Morta e pensavam ter escapado ao temporal que os perseguia, acharam-se com espanto num mar de brancura.

- Éh! com Deus! Como isto se pôs! A besta enterrava-se até à barriga, o arrieiro via-se e desejava-se para dar uma passada, e a

Raquel ia como uma moleira, no seu trono.

- O pior é se nos anoitece aqui!

- Não te aflijas, homem. Lá para baixo há-de estar melhor. Mas desata-me, que não posso mais dos pés...

- Daqui a bocado... Vamos a ver se rompemos...

Guiados pelas mariolas de sinalização - marcas de pedra solta, que o rapazio do gado desfizera, aqui e ali, para confusão e pânico dos viandantes -, ao cabo de algum tempo de luta avistaram a garganta do Cabril. _ Se conseguirmos atravessar, estamos safos! - disse o condutor da caravana.

- Mas desata-me. Desata-me, que estou gelada...

Tudo quanto se avistava era branco e calmo. As penedias, majestosas no seu manto de arminho, pareciam deusas tutelares. O próprio fragor da torrente, que espraiada até ali se despenhava subitamente num desfiladeiro apertado e a pique, morria abafado nas paredes almofadadas da escarpa.

- Tu sentes-te mesmo boa, boa de todo? - perguntou ele, inseguro.

- Sinto, homem. Acredita! - É que passávamos melhor se descesses...

O pontão é estreito e o macho pode escorregar...

Estavam perto do passadiço, duas lajes desguarnecidas atravessadas sobre o precipício.

- Estou curada. Podes crer... Nunca, desde o primeiro dia da doença, a mulher lhe falara com tanta naturalidade e propósito. E, como isso acontecia depois da visita devota, o companheiro acreditou no bafejo divino.

- Então apeia-te.

Parou o animal, desatou a corda, e ofereceu os braços abertos à mulher.

A doida, então, saltou da albarda, sacudiu-se e caminhou calmamente até ao pontão. Mas antes que o homem pudesse sequer fazer um gesto, viu-a voar de saias abertas sobre o despenhadeiro.

- Satanaz! - ouviu ele, como um último adeus maldito.

- Satanaz... - repetiu o eco, escarninhamente.

O corpo perdeu-se no fundo do boqueirão, e o Pedro ficou em cima, especado, atónito, de boca aberta. O macho encolhia as orelhas à neve, que recomeçara a cair.

- Seja feita a vontade de Deus... - disse por fim o infeliz, como que a lavar as mãos da desgraça.

O seu desespero não cabia numa fórmula ritual, a que faltava verdadeira palpitação humana. A dor que sentia não achava lenitivo numa passiva aceitação da vontade do Criador. Mas submetia-se humildemente ao seu arbítrio. Jogara e perdera. Porquê? Não sabia, nem poderia talvez sabê-lo nunca. Era um pobre de Cristo a tropeçar no mundo. O

destino servira-se do seu coração como dum castiçal, onde fizera arder até ao fim do pavio a vela da ilusão e da esperança. justa ou injustamente?

Como se quisesse ouvir a resposta da boca da própria morta, debruçou-se sobre o abismo.

- Raquel! - gemeu em carne viva, quando o silêncio se tornou cruciante.

- Raquel! Do fundo do poço, porém, só regressava o eco deformado do seu apelo.

Desvairado, tentou então descer o desfiladeiro, num cego impulso de fidelidade ao amor e ao dever. Mas aos primeiros passos ia-se precipitando também no túmulo maldito. A neve adoçara os acidentes e cada palmo de chão era uma armadilha disfarçada.

- Não lhe posso acudir de maneira nenhuma... - confessou, vencido. - É tudo contra!...

As palavras de desalento soaram como pedradas na muda serenidade que o rodeava. Anoitecera., e a serra, que no crepúsculo de há pouco perdera a brancura de cal e a quietude, à luz do luar nascente tornara-se lívida e petrificada.

- Não sei o que hei-de fazer... Abobalhado, sem poder reencontrar na irrealidade do que se passara a sua própria realidade, acabou por descobrir na presença viva do macho uma espécie de irmandade protectora. E num automatismo de sonâmbulo, cavalgou-o e deixou-se levar passivamente.

Só na Chá de Panóias o rasto de uma nova violência, marcado no fofo pergaminho da neve, o acordou.

- Lobo... - murmurou calmamente.

O muar estremeceu-lhe debaixo dos joelhos e uma massa viva, familiar, apareceu na vezeira ao fundo, abandonado.

- Que é aquilo? - perguntou alto, como se o pobre animal seu companheiro tivesse entendimento e fala.

A resposta entrou-lhe pelos olhos, apenas se aproximou: era uma vitela estendida e esquadrilhada entre duas urgueiras.

- Foi ele, o malvado! Agadanhou-a mesmo agora. Nem teve tempo de a acabar. Largou-a quando sentiu gente...

Sem se poder erguer, a rés jazia moribunda à beira do curral deserto, a que não chegara a tempo de o pastor a levar. Tinha uma grande ferida na cernelha, onde a fera ferrara os dentes quando lhe saltou ao lombo. A articulação das mãos estava desfeita, todo o corpo sangrava dos golpes abertos pelas garras agressoras, e a vida teimava em persistir ali, arquejante e sem esperança.

No pensamento atribulado do Pedro, a imagem repousada da mulher, liberta no fundo do abismo, sobrepôs-se subitamente à imagem crispada que o acompanhava. Humana e compreensivamente, viu a doida serena e feliz pela eternidade fora. Num relance, avivou-se-lhe na memória o íngreme calvário da companheira, subido entre noites negras de demência e dias claros de incerteza. Ao menos agora o corpo e o espírito da desgraçada estavam em paz. Uma paz conquistada a desespero, mas que força nenhuma podia mais perturbar.

Iluminado por esse clarão revelador, que lhe tornava inteligível o que até ali fora apenas no seu entendimento um desígnio oculto do destino, desceu então os olhos calmos e fraternos sobre o corpo mutilado e sofredor da toira, apeou-se do macho, tirou do bolso a navalha de ponta e mola e, piedosamente, sangrou aquela alma dorida.

## O Artilheiro

- Carlos Pinto, um seu criado! O Artilheiro... - proclamou, alto e bom som, no silêncio da sala, o filho do Alma em Pé.

E o Tribunal não pôde deixar de ter um sorriso de simpatia pelo moço que, da pequenez a que fora condenado, atirava à cara carrancuda da justiça aquela grande e poderosa palavra.

- Artilheiro, é boa! - fungava o delegado, a imaginar o que seria uma praça com pouco mais de um metro de altura a manobrar os canhões de Amarante.

Se perguntassem em Malhão o nome do autor de todas as alcunhas que no povo definiam quem tinha definição, ninguém sabia. A crisma nascia anónima e certeira, englobando num, só palavra um mundo de realidades contraditórias, admiráveis e ridículas, bonitas e feias, dignas de indulgência e merecedoras de escárnio. A história humana da terra estava inteira nos apelidos dos seus filhos. João, António, Francisco, Carlos da Lousa ou Joaquim da Fonte individualizavam gente, mas não testemunhavam vida e acção. Já Fogo-Morto, Nalguinhas, Chega-me-Isso e Pé-Tolo exprimiam defeitos e virtudes concretas que todos conheciam. Eram instantâneos onde a aldeia podia ver os seus títeres ao natural. Às vezes o apodo não tinha aparentemente qualquer significação. Lafunfa, por exemplo, não queria dizer nada. E, contudo, nenhuma palavra podia retratar tão completamente a pessoa atarracada, frascária e casamenteira da Gregória.

O portador do cartaz zombeteiro, como uma truta presa no anzol, a princípio saltava e barafustava. A tudo Malhão assistira, nesse capítulo. Zangas, injúrias e tiros, até! O curioso é que daí a pouco tempo a própria vítima se servia desse cartão de identidade, mais explícito e universal.

- Saiba V. S.a que a minha graça é Gabriel dos Anjos... - explicava o interessado, a tentar receber no Banco um cheque que lhe manda o filho do Brasil.

- Acredito. Mas traga., traga um fiador... Ou então arranje uma casa comercial que o abone...

- Talvez V. S.a tenha ouvido falar no Luminárias...

- Ai vossemecê é que é o célebre Luminárias! Mas Isso é outro cantar!... Assine aqui...

Embora a coisa fosse um bocadito amarga e dolorosa, o rabo-leva era tão simples e prático que não havia remédio senão um homem resignar-se. De resto, nem todos se mostravam igualmente sensíveis a estas radiografias cruéis. A maioria aceitava com estoicismo e dignidade o diagnóstico colectivo. E à cabeça do rol desses heróis estava o Artilheiro.

Lapantim, muito teso dentro da roupa, desde pequeno que qualquer coisa na sua pessoa denunciava uma impossibilidade eterna de chegar ao estalão. E um dia a alcunha surgiu, justa por antinomia. O Carlos, porém, não se deixou vencer pela chacota. Foi crescendo até onde pôde, aproveitando os milímetros, e à frente da figura mirrada, confiante e risonho, erguia sempre, como um cartaz identificador, o grande nome que Malhão lhe dera.

Nem mesmo na carta que escreveu à Guiomar, quando o tempo do amor chegou, se esqueceu de acrescentar o epíteto de guerra.

Como não recebeu resposta, meteu no caso a Lafunfa, que tentou amaciar a rapariga.

- Valha-te Deus, mulher! É o céu que to manda!

- O Artilheiro?! Eu queria lá um meio-alqueire daqueles! Quando casar, há-de ser com um homem que me aqueça os pés... Não me fale em semelhante enfezado!

- Olha que é como os outros... - insinuava, maliciosamente, a velha alcoviteira. - Experimenta...

- Experimentar?! - exclamou a desamorável, entre ofendida e pasmada.

- Experimentar, é como quem diz... Não quero que te metas com ele na cama... Atendê-lo, a ver...

Batida e pelada como uma fraga do ribeiro, a Lafunfa era a casamenteira da terra. Por um miçoilo de qualquer coisa, não havia cachopa que não levasse à bebida, nem estola que não atasse a mãos namoradas desavindas. Beata, sempre a pregar moralidade, todo o amor de Malhão passava por sua casa.

- Entra... - sussurrava em tom cúmplice a quem, levemente e a altas horas, lhe batia à porta.

- Sou eu, o Abel... - Pois sim, filho. Senta-te ao lume, que eu vou já...

Aparecia embrulhada no chaile e, a cada lamento do apaixonado, só dizia:

- A grande tola!... Coitada, ainda ninguém lhe mostrou a verdade...

Depois, o Romeu saía, a noite apertava as malhas, e o dia só raiava ao fim de muitas horas de suspiros. Mas logo nessa mesma tarde os olhos da ovelha arisca brilhavam com outra brandura e consentimento.

- Farta de o ver estou eu! - defendia-se a Guiomar com bravura. - Olhe que ele vê-se depressa...

- Enganas-te, filha. Enganas-te... Os homens às vezes parecem uma coisa e são outra. Aquele tenho a certeza que é dos tais... Não fales antes de lhe tomares o gosto...

- Quem a ouvir, há-de dizer que já o provou!... - Na minha idade!... Quem me dera! E com mais duas conversas assim o Artilheiro tinha namorada. Mas como sabia o que a velha lutara para conseguir o sim, e como desejava tirar todas as dúvidas à cachopa, não esteve com demoras. Na primeira altura que pôde, em vez de lhe aquecer os pés, aqueceu-lhe o corpo inteiro.

A rapariga viera ao penso para o gado, à tardinha, a uma hora em que as próprias silvas adormecem brandas nas sebes. E o rapaz, que a viu passar, foi-lhe no encalço. Largou a enxada e o lameiro, e resolveu tratar doutra sementeira.

A primeira facha desatou-se. E, quando a moça se baixou à procura do vincilho, duas mãos ávidas e seguras agarraram-na pelos seios de granito.

- Jesus!

O grito alarmado não queria significar recusa.

Surpresa, apenas. Enleada, morna, submissa, a carne aceitava o abraço e o resto que ele prometia.

- Pode vir gente...

- Quem há-de vir? A porta deslizou nos gonzos e, à branda luz que adoçava o medo, os dois deram-se com toda a força da juventude.

Rijo, só músculos e tendões, viril como um gato ágil, o Artilheiro parecia um raio a varar aquela virgindade. E a Guiomar, se não sentia nos braços um homem do tamanho do Marão, abria-se: inteira à eficiência de uma força sem dispersão, rápida, concêntrica e desfibrada.

- Meu amor... Começava uma verdadeira e pura fonte apenas dentro dela e a inundá-la da única paz que é na vida o remédio de todas as feridas.

- Meu amor... Casta., das funduras da alma, a paixão irrompia pela crosta dos sentidos e aparecia à tona em palavras que as outras horas não deixavam dizer.

O rapaz ouvia confusamente a confissão rendida. E uma alegria de triunfo total irradiava-lhe das fontes a latejar. .

Foi no intervalo de dois beijos que um alarme inesperado os acordou.

- Ó Júlia, não viste por acaso a minha Guiomar? Veio ao feno e nunca mais apareceu...

- Eu não senhor! - Vou espreitar aqui à loja. Está a chave na porta...

Invejoso de tanta felicidade, o mundo vinha desprendê-los dum abraço de comunhão perfeita e lançar o Carlos fora da intimidade que o tornava desmedido.

- Guiomar! Onde raio se meteu o demónio da cachopa?

O Artilheiro estava já escondido debaixo de uma meda de canas, e a rapariga limpava e desenrugava a saia como podia.

- Guiomar! - e o velho e a luz entraram de repelão na loja.

- Meu pai...

Bem que o pé remexia o chão, tentava disfarçar o ninho de felicidade. Patente, natural e denunciadora, a cama daquela hora nunca mais se desfigurava.

- Que estavas tu aqui a fazer? Afogueada ainda, a rapariga não respondeu. Que poderia ela responder? A evidência do que se passara metia-se pelos olhos dentro. Não tinha medo, de resto. Tentara apagar as marcas da sua entrega, mais por um sentimento superficial de pudor do que por íntima vergonha. Se alguma coisa lhe pesava ali era não ter a seu lado, altivo, de cara descoberta, o homem que a possuíra.

Sem querer encarar a verdade, o velho quase lhe pedia que o enganasse.

- Anda, responde! Se fosse uma ou duas horas depois, quando dentro dela não ressoasse já a voz alvoroçada do instinto acordado, talvez pudesse mentir-lhe. Em pleno deslumbramento, não.

- Que quer que lhe responda? Não vê?... Ia caindo o palheiro.

- Ó sua recai Sua galdrona! Seu grande coiro! E quem foi o maroto, o safardana? Onde está, que o mato. Mas

A pequenez do Artilheiro começava a ser um pesadelo no espírito da rapariga. Se ao menos o rapaz pudesse ter saído da loja a tempo, pronto, não ouvia o pai e depois o tempo diria. Agora assim alapardado enquanto ele disparatava, era de desesperar.

E foi então que a Guiomar viu novamente crescer diante dela o homem que a Lafunfa lhe prometera. Antes que as coisas passassem a mais, intrépido, digno, o Artilheiro saiu de dentro da moreia e apresentou-se.

- O maroto sou eu, ti Adriano.

- Ó meu excomungado! Meu ladrão, que te bebo o sangue!

- Não se exalte! Isto tinha de se fazer... Amanhã trata-se dos papéis.

- O que tu merecias, bem sei eu, patife! - espumava o velho, a meter-lhe os punhos à cara e a olhar o feno onde os dois tinham rolado.

- Acalme-se, homem de Deus! Não faça escândalo! Lembre-se que vou ser seu genro... E um genro às direitas, verá. Como vossemecê nunca avezou!

Amainado a custo o temporal, silenciosos, deixaram os três o palheiro. No largo, o pai e a filha foram sós para casa.

- Que te aconteceu? - perguntou a Gaudência, intrigada, ao ver entrar o homem carrancudo.

- Olha, foi esta bácora! Fui encontrá-la fechada na loja com o badana do Artilheiro!...

-- Artilheiro' não! Carlos, se faz favor. Pode-lhe chamar pelo nome... - reclamou a rapariga, já senhora de si e cheia da seiva do namorado.

- Com o Artilheiro! Nem me digas! - Pois, então! De tantos rapazes que havia na terra, só lhe serviu o senhor Artilheiro! E com medo que ele lhe fugisse, deu-lhe a esmola antes do padre-nosso... - Já disse que o tratem pelo nome, com mil diabos! - protestava a Guiomar, indignada, e cada vez mais firme no seu amor.

- Cale-se, sua desavergonhada! Só por escárnio! Se algum dia eu calculei que me caía em casa um fedunças daqueles!

À dor sincera do pai misturava-se a raiva do homem. Sem o Adriano querer, o instinto bruxuleante tinha guinadas de rancor a lembrar-se da facha macia e perfumada de feno, pisada e ainda quente no chão.

O rifão popular é que não podia faltar: casa com a filha do rei, que as pazes eu as farei. A vergonha e os melindres foram passando., a vida continuou, e, quando apareceu o primeiro fruto do matrimónio, a família inteira foi baptizá-lo a Paços.

- Ele sai ao pai? - perguntou, ao vê-los, passar, o Mareante, uma das vítimas amorosas de Guiomar, que não engolia o triunfo do Artilheiro.

- Sai, queres ver? - respondeu a mãe babosa, lorpa, a descobrir o crianço.

- Pois sai, sai, coitadinho!... Ainda há-de vir a ter menos um palmo...

O Mareante era um rapagão como uma torre e o Artilheiro, ao pé dele, parecia um frango. Mas ainda todos, o sogro principalmente, estavam a mastigar a ofensa, já o atrevido tinha uma paulada nas fontes e gemia no chão.

Correu gente, acomoda daqui, ampara dali, e vá lá ninguém estancar a bica de sangue que esguichava do toutiço do desgraçado!

- Um meio tostão daqueles, hein?! - comentava o Sequinho. - Pequenino, pequenino, e por um triz que não lhe punha os miolos ao sol!

Na vila, que só com uma operação de urgência se lhe podia valer. Nada mais que trepanar-lhe a cabeçal

Lá o salvaram, mas no tribunal, depois, é que foram elas! O próprio advogado torcia o nariz. As coisas estavam muito fuscas.

- Bem escusávamos disto, se tu fosses outra! - resmungava o Adriano, com os olhos no genro, muito teso, prestes a sentar-se no banco dos réus. - Olhe lá não lhe caia a pedra de armas! - refilou a Guiomar, cada vez mais orgulhosa do marido.

- Silêncio! Como se chama? E foi então que o rapaz, corajoso e leal, disse escaroladamente ao juiz o seu nome civil e o apelido que Malhão lhe dera. E como o crime não era de morte nem fora premeditado, e há pessoas que entram no coração da gente sem se saber por quê, o magistrado ouviu as testemunhas e a defesa, pensou, pensou, mediu as razões do ofendido, e acabou por aconselhar ironicamente ao Mareante que para outra vez tivesse mais juízo, e não se metesse com homens de brios, de mais a mais Artilheiros!

## Teia de aranha

O tempo em S. Cristóvão anda devagar. As terras são cascalho puro, de maneira que é preciso dar prazo às raízes para roerem o granito até fazerem de uma areia um grão de cevada ou de centeio. Um ano, ali, são trezentos e sessenta e cinco dias bem medidos. E as pessoas que lá moram, afeitas a horas longas, têm uma paciência de relojoeiro, cheia de mil cálculos e de mil ponderações. Exactamente como nas leiras, onde a gente vê semanas a fio o mesmo pé de milho parado, meditativo, enigmático, a aloirar encobertamente a sua espiga, assim nos homens mais pasmados, mais lentos e mais metidos consigo, anda às vezes uma resolução secreta a criar e a amadurecer. E saem obras tão perfeitas destas meditações, tão acabadas na concepção e na forma, que só o dedo da providência, porque aponta do céu,, é capaz de lhes evidenciar os defeitos de fabrico. Mas mesmo assim são às vezes precisos anos para que Deus descubra a fenda do cântaro. Tal é a perfeição dos artífices de S. Cristóvão!

No caso do tio do Artur, a façanha foi de pura prestidigitação. Na altura exacta em que o rapaz, trabalhador e zeloso como sempre., murava o lameiro da ribeira, o velho sumiu-se como por encanto. Viram-no à noitinha ir buscar a jumenta ao monte da relva e trazer-lhe depois feno do palheiro da Chá, mas daí por diante os seus passos apagaram-se sem deixar rasto. Essa noite, embora de Agosto, foi escura e comprida, a condizer com a manha e a perseverança do lugarejo. E nela nem se ouviram gemidos., nem passos suspeitos, nem uivo de cão, nem pio de coruja. Nada. Ao cantar do galo, quando a aldeia acordou, havia no ambiente a mesma calma serenidade do dia anterior. As mulheres acenderam o lume e fizeram o caldo, os pedreiros, na obra do Arturj, assentaram os alicerces do novo troço de parede, e só tarde, quase à hora do almoço, é que a jerica, cansada do esquecimento em que o dono a deixara na loja, deu de lá um impaciente sinal de enfado. E foi através desse riso que S. Cristóvão compreendeu que o

Bento Caniço., habitualmente tão madrugador., não acordara ainda e que o melhor seria bater-lhe à porta.

Bateram, realmente., entraram., e não há dúvida que durante o sono lhe acontecera qualquer desgraça. De que natureza, é que ninguém sabia.

A casa não estava roubada, não havia vestígios de luta nem de violência, reinava uma tal melancolia no sepulcro vazio, que o dono parecia ter subido ao céu.

De busca em busca, de suspeita em suspeita, de interrogatório em interrogatório, o mistério cada vez se adensava mais. O Caniço, nem mau nem bom, como era de regra no lugar, se não tinha amigos, também não tinha inimigos. Solteirão, o que lhe pertencia, embora de tentar, fizera-o de há muito por escritura ao Artur, seu único sobrinho. De forma que ninguém descortinava maneira de encontrar o fio à meada.

Ora, por mais absurdo que seja o mundo, uma criatura não desaparece da noite para o dia sem fazer pensar. O homem necessita de sentir uma segurança vital a longo prazo. A morte é aceite por todos como senhora de baraço e cutelo, mas a esperar pelo freguês lá muito longe, numa encruzilhada que tem vários desvios. Por isso, o caso do Bento Caniço, evaporado da terra por obra e graça, desencadeou em S. Cristóvão um vendaval de suspeitas e de investigações. Tudo inútil. Os dias passaram, as raízes de várias sementeiras digeriram os carolos de várias colheitas, e o problema cada vez mais intrincado.

De todos os zelos pela claridade daquele sumiço, o maior era, como de justiça, o do Artur. Honrado homem no conceito da aldeia, bom cristão nos anais da igreja, dedicado à família, não houve passo que não desse, esforço a que se poupasse, a ver se conseguia decifrar o enigma. E, quando verificou que de maneira nenhuma podia valer ao corpo do tio, tentou ao menos salvar-lhe a alma. Nesse capítulo, até o padre Maurício reconheceu que a piedade do Artur roçara pelo exagero. Vinte missas em S. Cristóvão, já são missas! Juntando ainda o ofício a sete vozes, com que mandou encomendar a sombra do defunto, subiu-lhe a coisa a conto e pico, maquia de considerar.

E foi assim, dignificada na diligência vã dos estranhos e no amor devotado do sobrinho, que a memória do Bento Caniço desbotou. Outras mortes vieram, desta vez mais claras e menos perturbadoras, outros interesses ocuparam a atenção lenta e ruminadora de S. Cristóvão., e outras missas de sufrágio fizeram esquecer as vinte do Artur. Apenas as não rezou o padre Maurício. Chegara também no céu a sua vez. E da terceira indigestão do ano, rebentou. Venceu a dos pepinos e a dos pimentos, mas na dos melões; o fígado não pôde mais.

Era um homem bonacheirão e aberto, da boca de quem saíam, de vez em quando, confidências indiscretas que criavam o pânico no

pequeno mundo de silêncio que pastoreava. Talvez para compensar a mudez colectiva, falava ele. E cada paroquiano ou arrostava o ano inteiro com o pesadelo de se não ter descosido na desobriga, ou escarolava a alma publicamente através daquele alto falante. Mas morreu e foi substituído por um colega que infelizmente não lia pela mesma

cartilha. Muito mais comedido nas refeições e na língua, o novo prior tinha ideias unificadoras do animal com o meio e punha-as em prática. Seco de carnes, depressa compreendeu que a voracidade palreira do antecessor não estava de acordo com a magreza sisuda do chão de S. Cristóvão. De maneira que fartava o corpo no confessionário dos pecados da aldeia e do que ouvia nessas horas intermináveis de cochicho não vinha, nunca sinal ao mundo. Fechado na batina negra, que o amortalhava do pescoço aos pés, acabava de descarregar as consciências da povoação enigmático como um cipreste. Até parecia que nascera ali e mamara a soma germinação da terra!

No apogeu do seu reinado, chegou a vida do Artur ao fim. Apesar de moroso, o tempo vai batendo à porta de todos em S. Cristóvão. E, quando o Artur menos esperava, soou-lhe também a hora, e foi preciso prepará-lo para a grande viagem com a extrema-unção.

Morreu lúcido e é de crer que despejou o saco, na confissão demorada que fez. Pelo menos o padre Lobato, no fim, deu-lhe a absolvição., ungiu-o -, e acompanhou-o depois à última morada.

-- Descanse em paz...

- Amen. Honrada, a mão do Paivoto deixou então cair sobre o caixão as pazadas de terra gorda do cemitério, na comoção devida a uma alma lavada.

- Que lhe seja leve... - choramingou a Ester.

- Se fosse no inverno, era pior.. gracejou o jacinto.

Choravam e riam como faz a vida. Mas havia neles o sentimento pungente da negrura do momento, porque ao cabo e ao rabo o defunto fora um homem, e urdira a sua teia de mortal em tudo de acordo com os usos e costumes de S. Cristóvão.

A prova disso é que o próprio Criador, se lhe quis descobrir as malhas caídas, teve de arranjar na serra uma trovoada desmedida e fazer crescer as águas da ribeira como no dilúvio. Só assim a corrente pôde levar o muro do lameiro e mostrar sob os alicerces o esqueleto branco do Bento Caniço - o que restava do corpo inteiro que o sobrinho ali enterrara na noite do crime, e sobre o qual os pedreiros, no dia seguinte, acamaram pedras inocentes.

## A Festa

Tinha cada um o seu sonho para a festa de Santa Eufémia. O Nobre, era deslindar umas contas velhas com o Marcolino; a mulher, era pagar a promessa que fizera por causa do ferrujão dos bois; a filha, era passar a noite no arraial, a dançar a cana-verde nos braços do namorado.

Por mais duro que fosse o serviço - roçar estrume, saibrar ou arrancar batatas -, bastava a ideia desse dia longínquo para o cansaço se evaporar. O Nobre via-se limpo do nome de covardola com que o Marcolino o mimoscara; a Lúcia imaginava-se a dar voltas à capela, acarinhada pela bênção protectora da santa; a Otília fervia já no calor dum contacto permitido e amado, ao som da música de Torrozeio.

- Quando vamos à Vila? - perguntava a rapariga dois meses antes, a pensar na saia nova de merino.

- Tens tempo... - respondia o pai, que também acalentava o desejo inconfessado, de uma faixa de cinco voltas.

Sorrateiramente, faziam os três, pelo ano fora, economias para esse dia, num segredo soma e feliz. O Nobre vendera os bois por dezoito notas e escamoteara uma da conta; a mulher roubara dois alqueires de centeio da tulha, e passara-os à socapa ao padeiro; a Otília entendeu-se com o comprador do vinho e surripiou um almude na altura da medição.

Os projectos ocultos de cada um implicavam despesas extraordinárias, que a economia oficial da casa não poderia consentir. O Nobre queria ter com que pagar de beber à farta aos amigos, diante dos quais se sentia na obrigação de lavar a honra, mas não estava disposto a prestar contas à mulher. Esta, por sua vez, além da penitência da promessa, tencionava reforçar com uma boa esmola a gratidão à santa, e não via razão para meter o homem nesses pormenores de fé. A moça prevenia-se para todas as eventualidades. Se o rapaz a brindasse com uma limonada, precisava ela de lhe oferecer pelo menos uma cerveja. Amor com amor se paga...

De resto, no capítulo de teres e haveres, cada qual sabia intimamente que nenhum dos outros estava descalço, à espera do cão que manqueja. Mas, por defesa própria,

fechavam os olhos à suspeitosa fonte dos proventos alheios. Era um jogo infantil, que a família inteira jogava harmoniosamente.

E foi assim, de bolsa confortada e vestidos de novo ou de lavado, que os três se meteram a caminho da serra, na véspera da romaria.

A ermida de Santa Eufêmia fica no alto de um descampado de fragões e à sombra de meia dúzia de castanheiros da idade do mundo é que se lhe faz a festa. Gente de todas as castas, cabritos assados de quantos rebanhos pastam nas redondezas, vinho de Guiães e de Abaças, trigo de Favaios, doceiras da Magalhã e de Sabrosa, andores armados por quatro freguesias, duas músicas, sete padres, pregador de Murça - o divino e o profano dão ali as mãos, num amplo entendimento. O céu desce um pouco, a montanha sobe mais, e ninguém sabe ao certo a que reino pertence. Com a cuba do estômago cheia e a imagem da Santa espetada na fita do chapéu, um homem sente-se capaz de tudo: de matar o semelhante e de comungar. Ouve-se um padre-nosso e uma saraivada de asneiras ao mesmo tempo. E apaga-se naturalmente do espírito a estrema que separa o mundo real do irreal. Só quem vem de peito feito para cumprir à risca a devoção que o traz, seja ela qual for, consegue encontrar pé num tal mar de contradições.

Ora, justamente, o Nobre, a mulher e a filha faziam parte desse restrito número de romeiros.

Traziam um programa definido no pensamento., e nenhuma solicitação, por mais sedutora, os faria mudar de propósito.

- Bem, vou à minha vida... - anunciou a Lúcia logo depois da merenda, a arranjar liberdade.

Era muito devota de Santa Eufêmia e gostava de lhe abrir o coração com vagar, a sós, numa intimidade lá dela.

- Eu também quero falar aí com umas pessoas... - preveniu o homem, que não se confessava em matéria de zaragatas.

- Fico então sozinha... - disse a rapariga, a fingir solidão. - O que vale é que sempre hei-de encontrar alguém da nossa terra...

- Diverte-te, mas tem juízo... - avisou a mãe.

- Não se aflija, que ninguém me come! Partiu cada qual para seu lado, o Nobre em direcção às pipas de vinho, a mulher direita como um tiro à capela, e a filha em sentido oposto às rixas do pai e ao beatério da mãe.

- Ora viva! - saudou-a daí a nada o Leonel, antes de ela lhe pôr os olhos.

- Ai, és tu?!... Até tive medo... Estavam aprazados para um bailado sem fim e ainda não tinham acabado os cumprimentos rodopiavam já nos braços um do outro.

- Sejas bem aparecido! - cumprimentou chibante o Marcolino, mal o Nobre se aproximou, todo ancho., de faixa nova., corrente de prata ao peito e calças de boca de sino.

- Olé!... Só a Santa é que não disse nada à devota. Olhou-a do altar com os olhos vidrados e assim se ficou enquanto a Lúcia lhe desfiava salve-rainhas aos pés.

Entretanto anoitecera e o arraial abria na escuridão da serra uma clareira luminosa, intensa de vida e paixão. As músicas desafiavam-se o mais rumorosamente que podiam, os foguetes estoiravam no ar como bombas de dinamite, os pares levantavam nuvens de pó, havia mocadas aqui e além, e nas barracas comia-se, bebia-se e jogava-se a vermelhinha.

- Vamos até ali... - convidou, implorativo, o Leonel, perdido pela namorada.

- Ali, aonde? - perguntou ela, sem forças para resistir.

- Ali adiante...

- Malandro, que mas hás-de pagar todas hoje! - gritava o Nobre de mão no ar.

- Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores...

Ninguém tinha tempo para cuidar dos outros. Cada um tratava de si, dos seus amores, da sua fé, dos seus ódios.

À medida que as horas avançavam, os menos resistentes iam cedendo às leis do sono e do cansaço. Qualquer sítio lhes servia de cama. E às tantas, dentro da capela e no adro, o chão era uma estrumeira de corpos, adormecidos numa promiscuidade de animais. Crianças ressonavam de boca aberta, velhas descompostas, escancaradas, mostravam as pernas secas e varicosas, e roliços braços de raparigas reluziam inertes à luz dos foguetes. Ao lado de cada um, o cesto do farnel, o varapau ou a cana de morteiro, guardada como um troféu.

- Oh! meu Deus da minha alma, que há-de ser de mim?!... - gemia a Otília.

- Agora já ele sabe quem é covarde! - farroncava o Nobre.

- Salvé, Rainha, Mãe de misericórdia, vida e doçura... - orava a Lúcia.

O calor das fragas e da terra, que o sol cozera todo o dia, mantinha a satumal num mormaço de febre. A lamentar o mau passo, a blasonar, ou a erguer um hino de glorificação, as almas tinham a mesma força e o mesmo dom de entrega, embora qualquer coisa - a escuridão talvez - roubasse a cada acto a paz da plenitude.

- Juro... - prometia frouxamente o Leonel, reticente, a dizer que casava.

- Chegaste para ele, não há dúvida... - concediam os amigos do Nobre, depois da refrega, num dúbio reconhecimento da bravura com que se houvera.

- Amen.. . – ouviu-a Lucia dos próprios lábios, a sentir na alma o vazio do rendeiro que pagou a renda.

O contrato era de se encontrarem no fim do arraial, pela madrugada, para darem ao dente e beberem mais uma pinga. E realmente, mal a última girândola subiu ao ar e morreu

em fumo no céu, lá estavam todos no sítio combinado, exaustos, de olhos vermelhos da poeira e do sono, cada qual com as contas do seu rosário passadas.

Acordada pela luz da manhã que rompia calma e diáfana, a serra mostrava os largos horizontes varridos e amortecia nas consciências a confusa exaltação que a noite permitira. As rodas de fogo de artifício, que a multidão vira rodopiar num frenesim de loucura, eram agora a desoladora do transitório, tortas e desmanteladas nos eixos; vómitos de vinho, ossos descarnados, excrementos e cascas de melancia testemunhavam a íntima e triste miséria da vida; e pobres pedintes, andrajosos e aleijados, punham termo ao interregno das lamúrias e mostravam novamente as chagas cobertas de moscas. Uma dormência lassa quebrava o corpo, a vontade, a fé e a própria esperança. Nas caras sanguíneas dos que tinham palmilhado léguas para chegar ali havia uma palidez de desilusão, de inconfessado e dorido arrependimento.

- Foi bonito... - disse, contudo, a rapariga, a disfarçar o desencanto.

- Foi - respondeu o pai, com secura.

- Mas parece que gostei mais do ano passado... - arriscou a mãe, a sangrar dos joelhos.

- Vamos a ver logo que tal a procissão...

Defendiam-se como podiam da luz crua da realidade. Aliás já nenhuma esperança sincera os amparava. O Nobre dera mas recebera, e duas lombeiradas do Marcolino tiravam-lhe o contentamento da desforra. Ou tinha uma costela partida, ou grossa avaria dentro da caixa do peito. A Lúcia, de contas saldadas, e com as rótulas à mostra da areia grossa do chão, sentia-se rarefeita como um fole espremido. A rapariga, essa reduzia tudo à sua honra perdida atrás de uma fraga que nem saberia agora identificar.

Mas iam todos encher a barriga, dormir, e arranjar novas forças para continuarem a gozar pelo dia fora aquela festa a Santa Eufêmia, pela qual tinham suspirado tanto o ano inteiro.

## Marcos

Enjeitado e comido de cieiro, o Marcos apareceu em Valdigem. a pedir. Os pés, descalços e pequeninos, pareciam dois aranhiços vermelhos a cirandar na neve. Pelos rasgões das calças viam-se-lhe retalhos do corpo de criança. Um bragués ensebado caía-lhe sobre as orelhas e tapava-lhe os olhos de doninha. E um casaco de homem, de mangas arregaçadas e ombros caídos, cheio de cunetas e fechado na gola com uma segurança, acabava por fazer dele um cabide sem pernas.

- Não podes trabalhar, rapaz? - ralhou-lhe a Engrácia, a dar-lhe um migalho de pão.

- Posso, sim senhora. Quer-me para moço? Não o quis a Engrácia, mas ficou em casa do Maia.

- Onde arranjaste o enxalmo, João? - perguntou-lhe o cunhado.

- Na rua... É cão vadio...

- Está bem! E meteste-o de portas para dentro sem saber nada dele?

- Tens medo que me degole? E o Maia ria-se daquela desconfiança crónica do parente.

- Mas pode-te roubar... - Caldo da panela! A conversa do costume. Na monotonia rotineira da povoação, só o Mala conseguia agitar o espírito de todos com o simples gosto de estender a mão ao desconhecido. Sem grande generosidade e amigo de acautelar o que lhe pertencia, tinha contudo um fraco: a novidade. E o que aparecia na terra de inesperado ou de pitoresco passava-lhe pelo quinteiro. Nas histórias de Valdigem entrava sempre o seu nome, duma maneira ou doutra. Uns ciganos que deixara acampar no souto levaram-lhe a égua; o homem dos Robertos, que agasalhara em casa, fez uma pantomina no dia seguinte das zangas dele com a mulher; uma recoveira de Freixo pariu-lhe numa loja. Mas o Maia achava graça a tudo e, mal se oferecia nova oportunidade, ei-lo metido outra vez a empresário de aldeagantes. Olhava os seres estranhos com a curiosidade dum espectador. Muito embora às vezes eles comessem a isca e sujassem no anzol, nem por isso deixava de se rir como um perdido, se o caso o merecia. No fundo, era um imaginativo sem imaginação. E aplaudia incondicionalmente a dos outros, mesmo quando fazia figura de asno. O Alexandre Rato é que se doía, zeloso do bom nome da família.

- Como se chama o pequeno?

- Marcos. - Marcos quê? - Marcos. É tudo o que sei dele. Não interrogava os actores. Dava-lhes um palco para a representação e ficava à espera. Nem conhecia o passado, nem lhe interessava o futuro de nenhum.

- Tu lá te entendes. Mas eu cá, pelo sim, pelo não... O rapaz não caiu do céu! Há-de ter vindo de alguma parte. Ao menos perguntar-lhe a terra onde nasceu!

- Nada. Não pergunto nada. - Olha, oxalá tenhas sorte... Encolheu os ombros, indiferente à ambiguidade do voto. Deus, ou quem mandava no andamento do mundo, conhecia bem as suas necessidades. Há muito que não fazia outra coisa senão plissar as leiras com a aiveca da charrua, numa desconsolação de corpo e alma. Por isso, tudo seria bem vindo, menos a sensaboria de mais um serviçal com pia de baptismo conhecida e boas informações. Objectivamente., precisava de alguém para substituir o Acúrcio, convocado para o serviço militar. Porque não havia de ser justamente o arábias do rapaz, arribado a Valdigem como andorinha nova, tresmalhada do bando e do tempo?

- Que andas tu a fazer, gabiru? - perguntara-lhe à salda da venda do Belchior, ao vê-lo de penugem arrepiada e com duas torcidas de ranho no nariz.

- A pedir. Sem saber porquê, gostou da pinta do miúdo. E não esteve com meias medidas:

- Queres guardar gado?

- Quero, sim senhor.

- Então, vem daí. A mulher, acostumada já àquelas manias, nem reagiu. Quando o novo hóspede lhe entrou a medo pela cozinha dentro, só disse:

- Assoa-te, ao menos.

O que o pequeno fez à manga do casaco. E logo no dia seguinte o Marcos palmilhava a serra a passear as ovelhas, feliz da vida.

- Por acaso, parece que acertaste... - confessava o Rato, tempos depois, rendido. - É danado., o garoto! ontem encontrei-o nos Pitões com três borregos às costas, acabados de nascer.

- Tem jeito, tem... - Tem jeito., ou tu nunca avezaste coisa tão boa?!

- Ora., não avezei!

- Passa-mo, que eu agradeço. Se não estás contente,, dá-mo.

- Não posso dar aquilo que não é meu! Falava com um espinho a picar-lhe a alma. Muito embora reconhecesse a boa vontade e finura do ganapo, no fundo, esperava dele outra coisa. Não sabia o quê, evidentemente. Mas qualquer maluqueira. Uma façanha inesperada, que desse brado! Assim, diligente e desenxabido, é que era de perder a paciência. E, como não podia confessar os motivos da desilusão, tergiversava diante do

entusiasmo do cunhado e dos mais. O rapaz não se distinguia, afinal, dos outros da terra. Aparecia de vez em quando em casa com um láparo arrancado duma lura., soltava-se-lhe o sangue do nariz, mijava na cama - bolas para tal riqueza! E., ainda por cima, sempre ensacado no maldito balandrau, agora mais esfarrapado ainda.

- Trazes o moço tão mal arranjado., João! - protestou um dia o Moisés.

- Bem anda. Desde que tenha a barriga forrada de broa, o resto é luxo.

E o tempo ia correndo na pobreza serrana de Valdigem. Acabou o inverno, passou a primavera, entrou o verão, e o Marcos na mesma triste figura de pobre pedinte, encafuado nos trapos.

- Dá uma roupa ao desgraçado! - aventurou a irmã, a mulher do Rato, já com vergonha de uma tal miséria.

- Dou-lhe mas é cabo do canastro, se torna a roubar uvas a alguém! Que me venham fazer queixa outra vez...

O Marcos recolhia o gado na loja e por acaso ouviu a conversa.

- Mesmo de cotim... - teimava a Júlia.

- Calas o povo.

- O povo não tem nada com a minha vida. Começava a odiar o rapaz. A monotonia das coisas secava-lhe a humanidade. Tinha necessidade de fantasia, de variedade, de abalos súbitos na pasmaceira das horas. Então, sim! Diante duma situação inesperada, trágica ou grotesca, tanto fazia, abria-se-lhe o coração e a carteira.

- Também não sei que mal te fez a criança! - desabafou a irmã, agora com sentimentos de mulher.

- Nem mal, nem bem... Não vale a água que bebe! Mas, enfim... Mudemos de conversa.

- Eu vejo-o é derreadinho o dia inteiro, como um escravo. Logo de manhã cedo, lá vai aquele infeliz...

- Não é por muito madrugar... Debatia-se entre duas forças opostas: por um lado, uma vontade insofrida de correr com o moço a pontapés; por outro, uma espécie de superstição inibidora, uma necessidade secreta de não aceitar a falência da sua esperança. Apesar de tudo, não queria desesperar. Despedir o catraio parecia-lhe dizer adeus para sempre à ilusão. E, acabadas as conversas laudatórias do cunhado, da irmã ou dos outros, continuava a espiar disfarçadamente o rapaz, a ver se o milagre acontecia.

Caiu-lhe a alma aos pés quando ouviu contar que em Grijó um pastor da idade do Marcos, por falta de um espelho onde visse a figura que fazia com a primeira camisa que ia estrear, a vestira ao cão do rebanho, transformado em manequim. Nisto aparece um lobo e

quem é que segura o laboreiro? O pequeno bem corria atrás dele a berrar: jau, Jau, dá-me primeiro a camisa! jau, ouve cá, ouve... Era o mesmo que gritar a um mouco. Os que presenciavam a cena riam-se como perdidos... E o maluco às asneiras a quem fazia caçoada e sempre a Jau, olha que ma rasgas!... Jau... Jau...

Um pratinho! Segue-se que quando o cão regressou do combate trazia apenas o colarinho muito bem abotoado à volta do pescoço. O resto tinha ficado em tiras, nas urgueiras.

- Não ser o meu! - desabafou o Maia, sem querer.

- Dá-lhe primeiro a camisa... Coçou a barba, constrangido. - Dava, dava, se ele a merecesse... E largou, para não lhe pedirem mais explicações.

Acabou por ser a própria mulher, a Laura, mísera como uma fuinha, a reclamar:

- Não tens remédio senão comprar uma andaina ao cachopo, agora na Senhora da Saúde...

- Se estiver tão livre da peste!

- Então, manda-o embora.

- Ah! mande! Sossega. Mas primeiro temos de ajustar umas contas velhas. Deixa-me acabar de encher.

O Marcos ouvia a conversa, da cama. - Mas põe-mo a andar antes da festa! Não quero mais falatórios.

- Descansa! já te disse que não vai de anjo na procissão. Até lá, há-de saber o gosto que o fado tem. Pedaço de asno! A gente a matar-lhe a fome, a metê-lo dentro de casa, e sai-me um bandalho que não presta para nada...

A mulher, alheia às razões íntimas de um tal rancor, e sem procurar sequer conhecê-las, começou a roncar. E o Maia adormeceu também.

O Marcos, na sua enxerga, é que ficou ainda a ruminar. Tinha portanto doze dias, quantos demorava ainda a romaria, para pôr o corpo a são e salvo das iras do patrão. Estava informado.

Começou então uma luta surda entre os dois.

O Maia a arranjar pretextos para tosar o miúdo, e este, finório, a redobrar de solicitude, a quebrar-lhe as mãos.

- O filho da puta do rapaz parece que me adivinha os pensamentos!

- Compra-lhe a roupa e fica com ele.

- Não. Prova-me as unhas e depois rua! Foi justamente na véspera do arraial que o Maia conseguiu o almejado pé que esperava. Ergueu-se um migalho mais tarde e, quando

foi a dar conta, o gado berrava na loja cheio de fome. Ahn?! Queriam ver? Tinha ou não tinha razão? Ora ali estava o grande zelo do senhor moço!

O sol a pino e sua excelência ainda no primeiro sono!

Sem mais delongas, não fosse o diabo roubar-lhe aquela oportunidade de explodir, entrou no curral de soga na mão. O facínora lá estava ferrado a dormir, com o chapéu esbadanado a cobrir-lhe a cara, por causa das moscas. O grande como! Até que enfim podia dar-lhe uma lição! E sem lhe ficar a doer a consciência... Nada!

O estupor do valdevinos não valia um cigarro. Nem brios, nem criação, nem piada, nem coisíssima nenhuma! Nunca lhe entrara em casa traste tão reles!

De sorriso sardónico nos lábios, pé ante pé, para que fosse a primeira vergastada a acordar o malandrim, chegou-se junto do catre e descarregou a füxia. Mas nem o som da pancada lhe agradou, nem o dorminhoco se doeu. E foi já desconfiado que secundou o golpe.

Viu então com alegria que estava diante duma mistificação. O Marcos enchera as calças e o casaco de palha, metera o corpo debaixo da manta, no sítio da cabeça colocara o cabaneiro, e deixara-lhe ali o fantasma do corpo.

- Ai o grande malandro, que chegou para mim!

Agradecido ao céu por aquele desfecho inesperado, subiu novamente a escada e entrou na cozinha perdido de., riso.

- Tu que tens? - quis saber a mulher, pasmada do despropósito.

- O rapaz saiu-se à última hora! Anda ver...

Até ela achou graça, sem se lembrar que o pequeno não se pusera na alheta nu como viera ao mundo.

Prepararam-se para-a missa e, quando depois no adro os dois contavam o caso, a Elvira Concha, iluminada, responsabilizou-os por uma roupa nova do filho, que na véspera lhe desaparecera de casa misteriosamente. A Laura, semítica e assomadiça, ainda quis discutir. Mas o Maia continuou com a mesma boa disposição, prometeu pagar o prejuízo, e passou o dia a perguntar a todos se precisavam dum espantalho nas leiras, porque tinha lá um.

## A Caçada

Quando ao romper da manhã o Felismino, ouviu bater à porta, admirou-se da pressa do companheiro. Estava madrugador, o Leoniz. Sim, senhor!

Riscou um palito, acendeu a candeia e saltou da cama. A mulher, como sempre, espapaçada no seu canto, sem dar acordo de si.

- Joaquina!

- Ahn?!

- Raios te partam e mais ao sono! - e puxou-lhe a roupa.

O que a gente se faz! Que ruína de corpo! Dantes, mal a via assim descoberta, exposta, não resistia. Caía-lhe em cima como um abutre, mesmo antes de ela acordar. Agora podia olhá-la à vontade, que a natureza nem lhe estremecia. Velho também, era o que era!

Com um arrepio, a companheira abriu os olhos estremunhada e desceu a camisa pudicamente.

- O galo já cantou?

- Não. Mas está o Leoniz a bater. Tinha enfiado as calças e abotoava a braguilha, quando novas pancadas impacientes ressoaram no silêncio.

- Lá vai! - gritou. Meteu os pés nas botas de atanado e, sem apertar os cordões., foi à janela. Abriu., pôs a cabeça de fora e chalaceou:

- Madrugaste!

O vulto, em baixo, não respondeu. - Que horas são? Via-se mal. Enevoado, o céu só à custo se deixava atravessar pelos primeiros laivos da alvorada.

- Hoje deu-te a espertina! Enquanto falava ia espetando os olhos na negrura- Começava a desconfiar que não era o Leoniz que chamava

- Quem está aí ? - perguntou, a certificar-se.

- Gente. Não identificou a voz. E, contudo, apenas a ouviu, o coração deu-lhe um baque.

- Que é gente, vejo eu. Mas que gente?

- Não me conhece? Agora sim, conhecia... O cabrão do Marta! Mordeu o beiço e coçou a barba.

- Olá! - Quer vir às perdizes? Nada mal imaginado, não senhor! Por aquela não esperava ele... Mas tinha que ser. Enterrou as unhas no lambril da janela e respondeu, sem deixar tremer as palavras:

- Posso ir. Tirou a cabeça para dentro, voltou-se, e viu a mulher a enfiar a saia.

- Torna-te a deitar. - E o farnel? - já não é preciso. - O Leoniz leva que chegue?

- O Leoniz não vai. Se ele aparecer, diz-lhe que tive um convite e não pude recusar.

- Um convite de quem?

- Não interessa. Acostumada a obedecer cegamente, a Joaquina meteu-se outra vez na cama e adormeceu quase logo. Calmamente,, o Felismino acabou então de se vestir foi à gaveta do pão buscar uma côdea, e quando acabou de mastigar bebeu dum trago um cálice de aguardente- Depois., pôs o cinturão, tirou a arma do prego onde estava pendurada, abriu-a e meteu-lhe um zagalote no cano esquerdo e um cartucho de chumbo cinco no direito Finalmente, desceu e destrancou a porta.

Mais negra que a escuridão, a figura do Marta parecia um tronco carbonizado. A noite apagava-lhe inteiramente as feições, e era uma impressão maciça e tenebrosa que vinha daquela presença. Mas pouco a pouco, ajudado pela memória dos olhos, o Felismino, foi passando para a tela da claridade o negativo que tinha em frente.

- Bons dias!

- Viva... Enquanto os dois se cumprimentavam assim, os cães rosnavam também.

- Onde é a caçada?

- Qualquer sítio serve...

O Felismino contraiu-se por dentro. Já sabia que não eram as perdizes que interessavam ao visitante. O bandido não lhe perdoava tê-lo enfrentado na feira da Vila e vinha vingar-se.

- Podemos então ir por aí fora... - disse, num tom desprendido.

Começaram a caminhar lado a lado, calados como velhos,,, amigos que já não têm que dizer. Quem os visse, mal diria que cada um levava às costas a vida do outro., apertada nas câmaras da caçadeira.

Assim atravessaram a povoação adormecida, subiram a encosta dos soutos e entraram pela serra dentro, agora a entremostrar as corcovas do lombo à teimosia de uma luz oculta. Às tantas, o Felismino ergueu a mão, num sinal de silêncio.

- Aí estão elas... - acrescentou em voz baixa.

Pararam e ficaram a ouvir. Perto deles, no seio da penumbra, um alegre e descuidado cacarejo respondia ao apelo que lhe fora feito mais adiante.

Apesar de já se terem olhado de soslaio por diversas vezes, não conseguiam ainda distinguir claramente a cara um do outro. Viam-se como retratos desfocados.

Insofridos., os cães agitavam-se à volta deles, a pedir liberdade de movimentos.

- Aqui, Liró!

- Nero, quieto! Subitamente, o perfil da montanha apareceu gravado na tela imensa do horizonte. Uma toalha de luz cinina descera do céu e pousara na terra sem eles darem conta. Mas em vez de extasiarem os olhos no mar de oiro que os rodeava, encararam-se mutuamente.

- Podemos começar... - disse o Marta, escarninho, ao fim de algum tempo.

No mesmo gesto automático, como soldados num exercício, tiraram as armas dos ombros e com elas empunhadas entraram no mato orvalhado.

Ia ser bonito aquilo! Com que então, um tiro à falsa-fé, e depois, claro, fora um acidente! Filho de uma porca! E o Felismino ajeitou o dedo indicador ao gatilho como se entortasse um prego sobre o encabadoiro da enxada.

Cautelosamente, numa recíproca vigilância, foram-se afastando até chegarem à distância regulamentar. Então, começaram a caminhar paralelamente. Adiante deles, num incansável vaivém do instinto, os cães iam farejando as urgueiras.

No esplendor do outono, o grande panorama da montanha escancarara-se à luz do sol. Denunciadas por um tufo de fumo que se erguia delas, as povoações circundantes surgiam milagrosamente na paisagem.

Em dado momento, o perdigueiro do Felismino estacou. Alguns segundos de expectativa, passos cautelosos do dono e, por fim, duas perdizes saltaram, mansas, de rabo, inocentes ainda. Uma única detonação alarmou a quietude das fragas.

- Dá cá! De arma pronta, o Marta ficara parado, à espera. E ao ver a segunda perdiz distanciar-se sem fogo, cuspiu fora, numa raiva mal contida.

Pouco depois chegou a sua vez. Logo adiante, o resto do bando ergueu-se-lhe aos pés, todo em girândola, num pavor desordenado. Mas deu-lhe também um tiro apenas.

- Claro... - rosnou o Felismino, com os seus botões.

Ambos elucidados, mal o Liró entregou a peça caída, puseram-se novamente a caminhar pela serra fora, batendo o terreno conscienciosamente, sem se perderem de vista e guardando sempre um cano carregado. Ajudavam-se como podiam, combinando os movimentos no sentido do melhor rendimento da caçada, adiantando-se ou atrasando-se conforme as revoadas e os relevos, nunca emendando, o tiro, e carregavam rapidamente o cano vazio de olhos pregados no companheiro.

O dia, que começara fresco, aquecia de hora a hora. E, por volta das onze, a serra parecia incendiada pelo sol a refulgir na mica das fragas. Quente, o perfume do rosmaninho aumentava a secura. Mas os dois caçadores, a suar em bica, continuavam a palmilhar o chão de Lareira, no mesmo ritmo incansável e conjugado.

- É preciso ir àquelas!...

- Vamos lá.

O de cima parava, o de baixo rodava, e daí a pouco, na mesma formatura impecável, mudavam de rumo e até de encosta.

Quando a uma da tarde chegou, os cães já mal procuravam. Esfalfados, com a língua de fora, eram máquinas vivas a arfar. Se casualmente uma perdiz se levantava perto deles, olhavam-na numa espécie de espanto resignado, e ficavam-se.

- Ferido! Boca lá, boca! Pois sim! O chão apenas lhes cheirava a urze queimada. E deitavam-se na primeira sombra, impotentes e comprometidos. Os donos é que pareciam invulneráveis à torreira e à fadiga.

- Valerá a pena entrar no giestal?

- Pousaram lá... Desciam e subiam incansavelmente, como bonecos a que uma secreta mão desse corda. Nem à sede torturante atendiam. Ao transpor qualquer ribeiro, olhavam-se de esguelha e passavam adiante.

A certa altura, uma perdiz saltou entre os dois e quando o Felismino se refez da momentânea emoção do levante e se propunha visá-la, deu com a arma do Marta apontada na sua direcção. Agachou-se com a rapidez dum raio e o tiro passou-lhe por cima.

- Este era para mim!... - galhofou, já com os olhos da sarrasqueta pregados no inimigo.

O Marta teve um sorriso amarelo. E tentou disfarçar a traição.

- Foi sem querer. Disparou-se-me a arma... Mesmo assim o Felismino não se afastou da linha. Manteve a distância que até ali os separava e apenas redobrou de atenção.

Os perdigueiros seguiam agora atrás deles, na dura disciplina de uma escravidão domesticada. E a caça, sem o radar canino a farejá-la, ferrava-se nas moitas e nos pedregulhos. Mas a penitência dos dois continuava.

- Tem de ser a calção! - gritou de lá o Marta., inexorável.

- Não há outro remédio... Apesar de alagados e de estômago vazio, nenhum dava sinais de fraqueza. E redobravam o esforço para que o terreno ficasse honradamente varrido.

- Caiu mais adiante. Aí. Por volta das quatro, o sol começou a perder a força tropical e uma aragem subtil acariciou-lhes as caras tisnadas.

Sobe-se? É melhor. Ao dobrar o cerro, o Felismino vislumbrou num gesto equívoco do Marta nova tentativa de agressão. Mas o seu instinto, numa manobra instantânea da arma,, sustou o tiro no momento preciso. O outro, comprometido, pôs-se a vasculhar um bitoiro.

Até que a tarde empalideceu de vez e a serra começou a cobrir-se de uma poalha de penumbra. Uma perdiz atravessou a linha e erraram-na ambos.

- Já se não vê. Talvez não valha a pena continuar...

- É consigo... - respondeu o Felismino, sem sombra de cansaço na voz.

Sempre a andar, como se traçassem com os pés duas rectas convergentes., foram-se aproximando. Em frente um do outro, mediram-se ainda, num último e mudo desafio.

- Morreram poucas... - disse o Marta, a quebrar o silêncio.

- Podia ser pior... Tinham doze cada um.

- Mas há umas perdizes. E o terreno é bom.

- Se quiser voltar, às ordens...

O Marta teve um sorriso onde o ódio se adoçava Fica longe. A brincar, a brincar, daqui a Bouças são duas léguas. Hoje é que me deu na veneta vir por aí acima... Trazia esta fisgada...

- Foi uma boa ideia. já com os traços do rosto esfumados no lusco-fusco, o Marta meteu um cigarro à boca e fez lume. O clarão do fósforo aceso desenhou-lhe a dureza do perfil. Tirou duas fumaças, ajeitou a bandoleira, da arma no ombro e ficou indeciso.

- Não sei que faça. Se desça, se meta a direito...

- Veja lá. A corta-mato encurta um pedaço.

- Está resolvido. Sigo por aqui. Liró, vamos embora!

O navarro ergueu-se nas patas doridas e deu ao rabo cordialmente.

- Até qualquer dia.

- Boa noite. Rodaram e puseram-se a caminhar, cada qual em sua direcção.

De repente, houve uma pausa na restolheira que o Marta ia fazendo no matagal. O Felismino, atento, aguçou o ouvido, mas não se voltou. Continuou no seu chouto sossegado.

E, em vez do tiro que esperava, bateu-lhe nas costas a voz grossa do Marta, quente como uma baforada de vento suão:

- E ouça: o que lá vai, lá vai...

## O Senhor

O dia tinha acabado, comprido e duro, com os arados desde pela manhã a rasgar Valongueiras de termo a termo, fundos, cortantes, inexoráveis.

- As juntas de bois, a escorrer monco das narinas, de canelos besuntados de estrume, firmavam o cachaço na canga e continuavam aquele penoso caminho de vaivém.

- Volta, Torrado! Volta.

O engate da aiveca saltava no pé da vara, a relha mudava de direcção, e a terra abria-se noutro golpe fresco, odoroso e largo.

- Que tal está ela? - perguntava o Raboto, o último da povoação a semear.

- Boa! E as narinas do da rabiça alargavam-se numa luxúria casta, de bicho a cheirar o ninho.

- Vamos! Vamos, que isto tem de se findar hoje! - gritava o Bernardino.

- Não haverá tempo... - ponderava-lhe o filho.

- Qual não há! Bota, bota para diante! As horas, como a ferrã, cortadas pela roçadoira, caíam submissas na frescura do rego. E adormeciam.

- Vira! E não alargues tanto.

- Cabano! Ah, ladrão! - Vais ver que fica tudo pronto. Olha o bardo!...

- O pior é o gado... A puxar desta maneira...

- Pica! Que tenham paciência. Apenas o suor que escorria pela ilharga dos paivotos os afligia. Ao zelo interesseiro de donos, juntava-se um íntimo sentimento de justiça, que distinguia o trabalho voluntário do esforço imposto aos animais.

Até que o dia chegou ao fim, cansado também. - Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo!

- Para sempre seja louvado e bendito! Era a palavra de despegar esperada desde o amanhecer e da qual ninguém se lembrava já. De tanto se dobrar sobre as leivas e de se enterrar nelas, o corpo esquecera o momento da libertação e da ceia. E quando depois, em casa ou às mesas alheias., refaziam as forças afligia-os ainda o pesadelo dos cadabulhos por acabar.

- Casquem-lhe! Casquem-lhe à vontade! Por toda a aldeia pairava um perfume forte e quente de fim de vessada. Ao crepúsculo que descera e obrigara a largar o trabalho,

sucedera um luar indeciso, tépido, de noite de Maio. E nessa viragem de luz, agora conscientes da energia gasta, exaustos e ressequidos, comiam e bebiam como lobos.

- Outra rodada! Andem lá! A cabaça passava de boca em boca a chocalhar, babada de saliva pegajosa e de mosto. E os lábios, espessos e gretados, sorviam com avidez daquele manancial o renovo da vitalidade que ficara enterrada na fundura dos lameiros.

- Mais uma pinga! À excitação inicial ia-se sucedendo um torpor pesado que, embora os libertasse da fadiga do dia inteiro, lhes tirava também a consciência de que continuavam a ser criaturas humanas. Era o cair sonolento num abismo de nada, sem arado e sem esperança, de que só os poderia arrancar o toque imperativo do sino grande da torre a dar sinais de Senhor-fora.

- Só cá faltava esta!

- Ninguém te manda!... Pois não. Mas sentiam-se obrigados a obedecer à ordem que descia do campanário.

Tinham acabado de semear a vida e, talvez por isso, a morte estava agora mais vigilante dentro deles. Hoje vós, amanhã nós - dizia-lhes o instinto. E, calados, à uma, começaram a engolir o pão e o aprezigo numa pressa sem gosto.

- Outra golada! Sem volúpia, só para acabar o vinho, a cabaça passou de mão em mão, rapidamente. Da igreja, no cimo do povo, saía já o padre Gusmão debaixo do pálio, com um rebanho de gente à volta, que devia ser engrossado pela rua abaixo.

- Sacramento... da eucaristia...

O luar, agora mais claro, reluzia na capa do prior, e cobria a multidão de uma beleza fantástica e desumana.

-...fruto do ventre sagrado Os homens, com a garganta escaldada da poeira das leiras, entoavam numa voz grossa, pastosa, cobrindo de húmus o cristalino canto das mulheres, leve e flutuante como um fogo-fátuo. E eram eles que seguravam à realidade do mundo aquela procissão irreal, que a própria lua parecia acompanhar, a mover-se no descampado do céu.

- Onde é? - Ao moinho do Fojo.

- Livra! -Pela fresca, é um passeio...

- Não que eu andei a esterroar o dia todo! Os mais cansados sumiam-se sorrateiramente nos ortelhos, nas quelhas ou nos quinteiros, temerosos da longa caminhada. E ficavam-se escondidos e culpados a seguir nas raloeiras dos pinheirais as quatro lanternas acesas que iam de sentinela à sagrada partícula que o padre Gusmão levava na píxide, encostada ao peito.

Zeloso daquela hora dramática e solene, o sino continuava a bater, soturno e autoritário. E na povoação as casas que tinham luz pareciam marcadas por uma estrela de traição.

-...virgem puríssima, Santa Maria...

- Canta, mulher! - já me dói a garganta. A voz apagada fazia falta no coro. Mas a cotovelada da vizinha ergueu-a, e novamente o Senhor e as mais adormecidas tiveram a acariciá-los as agudas e aveludadas notas da rapariga.

Perdido nos ermos de Midões, o moinho do Fojo demorava a vir ao encontro da leva de melodia e de fé que o procurava. O tropel é que não renunciava a tê-lo, a purificá-lo no seu calor, e seguia sempre, maciço, clamoroso, descendo encostas, galgando montes, saltando ribeiros, na fervorosa crença de que era a própria verdade a caminhar.

-...louvado seja... Cada qual se sentia uma parcela do Deus que ia à frente a guiá-los e a partilhar com eles o seu poder de salvação. Arrastavam-se sem consciência do corpo, numa leveza de eleitos, movidos apenas pela força da missão transcendente de que se julgavam investidos. E nessa exaltação apagava-se aos olhos de todos o relevo das coisas, a distância do caminho, a grandeza da paisagem. Quando o Malaquias surgiu finalmente, ajoelhado na estrumeira do quinteiro, de mãos erguidas, por um triz que não foi pisado pela avalanche piedosa e cega. A integração numa outra vida cilindrava a realidade desta.

- É a tua mulher? - perguntou o prior, à frente do acompanhamento subitamente acordado.

- É, sim senhor. Fez-se um silêncio penoso, que repôs o céu na sua altura e roubou a cada um o íntimo sentimento de comparticipação divina. Todos sabiam que chegaria esse momento triste. E temiam-no secretamente. Agora o Senhor já lhes não pertencia. Ia morrer na boca da agonizante, e deixá-los sozinhos, terrosos, derreados de cansaço, com a légua e meia do regresso a palmilhar. No dia seguinte lá estaria outra vez na igreja matriz, severo, a exigir o chapéu na mão e uma quebra imperceptível do joelho a quem passasse na rua. Mas não seria deles inteiramente senão quando outro da freguesia recebesse o aviso de partida, e o reclamasse do leito. Então, novamente o sino grande daria sinal, e novamente voltariam a tê-lo, a participar do poder que emanava, a fundir agruras e desesperos na imaterialidade ázima da sua omnipotência.

- Há quanto tempo adoeceu ela?

- Foi só agora, do parto...

- Mas já teve a criança? - Pois não. E é por isso que está tão malzinha...

Um arrepio de comoção terrena percorreu a multidão desencantada.

- Anda lá à frente...

O moleiro guiou o prior até junto da mulher, e cá fora o mundo tornou-se definitivamente concreto e palpável. Fechado no tabernáculo, do quarto, o halo de irradiação sobrenatural não tinha forças para atravessar as paredes.

- É o Senhor que me trazem? - gemeu a Filomena, acordada para a inefabilidade a que a chamava a capa doirada do sacerdote.

É... Pois sim... Pois sim... Mas o meu menino... Há três dias que estou aqui neste calvário...

O padre relanceou os olhos apreensivos pela cara boçal do sacristão, postado junto de si como uma ordenança impassível.

- Vai lá para fora, João!

O acólito, colou à tampa da caixa encostada à cama a vela que segurava e saiu. Um cheiro adocicado e enjoativo de cera a arder e de transpiração toldava o cubículo.

- Ora diz lá outra vez! Branda, débil, a Filomena renovou o queixume. Dos seus lábios secos e descorados o mesmo lamento de há pouco tornou a levantar-se severo contra os homens e contra Deus.

- O menino... Quer sair e não pode... Há bocado pôs a mãozinha de fora...

Da caminhada, do calor do quarto e das palavras que ouvia, o prior ofegava no forro dos paramentos. Grossas bagadas de suor corriam-lhe das têmporas congestionadas. Ao esforço dispendido e ao peso do ambiente, juntava-se a inesperada urgência daquele apelo terreno, a opor-se à intemporalidade consubstanciada que sustinha nas mãos indignas e mortais. Inopinadamente, os valores mudavam de sinal, o transitório sobrepunha-se ao eterno, e só uma coisa se mantinha firme diante dos seus olhos de homem: a moleira estendida no leito, com um filho dentro dela a pedir mundo.

Ó Malaquias! - gritou fora de si. Senhor padre Gusmão... Em vez de me chamar a mim, porque não foste ter com o médico de Lordelo ?

- Fui, mas está doente.- Mandou-me à Vila e lá pediram-me um conto de réis...

Os pés do sacerdote estavam agora bem assentes no soalho do quarto. O borborinho que vinha da rua trazia-lhe aos ouvidos um estímulo de naturalidade e de terra. A angústia de Filomena pedia e comandava.

- Bem, ouve: espera aí fora um migalho... A cara branca e pálida de Filomena parecia polvilhada da farinha que cobria tudo. Enternecido, o prior olhou-a com uma simpatia humana que só em menino tivera. E, naquela comunhão, depôs o sagrado viático sobre a tampa da caixa, ao lado da vela, tirou a estola do braço, despiu a capa, e disse, ao mesmo tempo que levantava a roupa da cama:

- Mostra lá! Era a primeira vez que via uma mulher naquele abandono, e uma vergastada do instinto alterou-lhe o ritmo do coração. Filomena., do seu lado, embora já quase despedida deste mundo, também sentiu no corpo a brisa de um pudor violado. Mas a força da realidade quase logo os serenou a ambos.

- Há três dias... - gemeu a infeliz, a queixar-se e a justificar-se.

Roxa, a mãozita jazia pendurada entre as duas coxas cabeludas, redondas, sulcadas de veias negras entumecidas.

- E a Matilde, a parteira, já cá veio?

- Não fez nada, que só o doutor... Os sacramentos, inúteis, lá estavam sobre a caixa da roupa. A vela ia-se consumindo lentamente. No quinteiro continuava a inquietação ruidosa do povo.

- Malaquias!

- Senhor padre Gusmão...

- Traz água! Com o alguidar de barro a transbordar, parvo, o moleiro olhou o corpo escancarado da mulher e o padre de mangas arregaçadas.

- Põe aí. E agora vai aquecer uma pouca...

O desgraçado correu à cozinha, e o prior, mal acabou de se lavar, num arrepio de pecado, pegou na pequenina mão. Os dedos ásperos e ossudos estremeceram-lhe de nojo e de medo ao contacto daquela carne tenra. Mas um momento depois tacteavam já sem relutância e confiantes, dentro de Filomena, o resto do corpo escorregadio.

A mulher gemia brandamente. Na rua o sacristão acalmava como podia a impaciência do povo. As pedras do moinho iam rilhando o milhão.

Depois de um grande esforço de Filomena e do padre, um pequenino pé encarquilhado saiu preso à garra possante que o fora procurar. Um grito agudo chegou ao meio da turba alarmada.

- O que foi?

- Calai-vos! Era meio caminho andado, e o prior estava decidido a chegar ao fim. Guiados por uma intuição de raiz e por uma ciência brumosa de manual, os seus dedos pareciam adivinhar no seio da escuridão.

- Tem paciência, minha filha... Duas lágrimas de dor e de gratidão desceram pelo rosto de Filomena.

- Malaquias!

- Senhor padre Gusmão... - Traz água quente.

O moleiro entrou no quarto, e quando viu o filho quase de fora ia deixando cair a vasilha. Além de carregar a moega e o macho, o Malaquias não sabia mais nada. Por isso

atravessara aqueles três dias de pesadelo, atarantado, a correr o caminho de Lordelo e de Feitais, atrás da parteira e do doutor. Mas, como ninguém lhe valera, resignou-se à morte irremediável da mulher. Coberta da farinha do moinho, que naquela casa embranquecia tudo - as teias de aranha, o gato e a roupa de casamento -, via-a subir ao céu embalada no coro que a gente de Valongueiras levantara da igreja até ali. A sua viuvez era já uma solidão consentida, mesmo com o corpo da companheira ainda quente na cama. Do prior, esperava, pois, que consumasse o que faltava dessa transfiguração, e lhe apagasse apenas do entendimento a sombra da presença que o não deixava ter uma paz inteira.

- Não fiques a olhar como um palerma! Pousa isso, e arranja uma tesoura e linha. Mexe-te!

Faltava só a cabeça, que saiu depois de Filomena gastar as últimas forças a gritar.

- Pronto, já cá está! Na exclamação de triunfo do padre Gusmão, havia qualquer coisa de herético que feria os sentimentos do moleiro. Mas., por outro lado, nada o poderia comover mais do que ver o filho a espernear naquelas mãos poderosas, humanas, que acabavam de o roubar à escuridão do nada.